# A UNIÃO

Ano CXXI
Número 049
R$ 1,00
Assinatura anual
R$ 160,00

João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 30 de março de 2014

121 ANOS - PATRIMÔNIO DA PARAÍBA

www.paraiba.pb.gov.br auniao.pb.gov.br facebook.com/uniaogovpb Twitter > @uniaogovpb


**Especial**

FOTO: O Globo

***A vida na Paraíba sob o autoritarismo militarista***

**Esportes**

FOTO: Divulgação

ALMEIDÃO PÁGINA 16

**Botafogo-PB estreia quarta-feira na Copa do Brasil jogando contra o Goiás**

**Políticas**

FOTO: Arquivo

DIREITOS HUMANOS PÁGINA 17

**Senado realiza amanhã debate sobre os "desaparecidos da democracia"**

## Goretti Zenaide

TECNOLOGIA PÁGINA 12

**Copa de robôs que será realizada na PB é tema de debate na Globo News**

50 ANOS DO GOLPE

# Repressão, nunca mais

Entidades realizam hoje, véspera do dia em que o golpe militar completa 50 anos, a "Caminhada da Resistência", em João Pessoa. A Comissão Estadual da Verdade entregará relatório do primeiro ano de atividade. PÁGINA 14

FOTO: Divulgação

**Nova geração do cinema paraibano aposta na versatilidade** PÁGINA 5

# Atingidos pelo autismo são 30 mil na Paraíba

**Dia Mundial de Conscientização sobre a doença é quarta-feira** PÁGINA 10

## Almanaque

FOTO: Divulgação

**TRADIÇÃO E CULTURA** Índios da Baía da Traição sonham com projeto do Memorial Potiguara. PÁGINA 21

INFÂNCIA

## "Perfil ideal" ainda atrapalha adoções e deixa crianças sem lar

Número de pais interessados é sete vezes maior do que o de crianças, mas a maioria prefere bebês. PÁGINA 9

**Bolsa pesada afeta coluna, ombros, punhos e cotovelos**

PÁGINA 13

**clima & tempo**

Fonte: INMET

| Litoral | Cariri-Agreste | Sertão |
|---|---|---|
| Nublado com chuvas ocasionais | Nublado com chuvas ocasionais | Nublado com chuvas ocasionais |
| 30° Máx. 24° Mín. | 29° Máx. 20° Mín. | 31° Máx. 22° Mín. |

**Informações úteis para a semana:**

**Moeda**

| | | |
|---|---|---|
| DÓLAR | R$ 2,258 (compra) | R$ 2,259 (venda) |
| DÓLAR TURISMO | R$ 2,230 (compra) | R$ 2,350 (venda) |
| EURO | R$ 3,111 (compra) | R$ 3,113 (venda) |

- Cineport 2014 começa na próxima sexta-feira, na Usina Cultural Energisa
- IFPB seleciona projetos para serem apresentados na Feira do Empreendedor
- Coep da UFPB inicia amanhã inscrições para curso de extensão popular
- Wills Leal lança o livro "Antes e depois de 64", próxima terça-feira, em JP

Fonte: Marinha do Brasil

| Marés | Hora | Altura |
|---|---|---|
| ALTA | 04h39 | 2.6m |
| baixa | 10h41 | 0.0m |
| ALTA | 16h58 | 2.6m |
| baixa | 23h00 | 0.1m |

Editorial

# Ditadura, nunca mais

A edição deste domingo de **A União** aborda em caderno especial, além de inúmeras páginas, seções e colunas do jornal, um marco da história contemporânea nacional, o golpe militar que derrubou entre a noite de 31 de março e a manhã de 1º de abril de 1964 o governo democrático de João Goulart.

Inúmeras são as razões alegadas para a intervenção militar, prática usual ao longo da história do século XX não só no Brasil, mas na América Latina, nenhuma das razões, no entanto, capaz de justificar a truculência que dela resultou, intervenção que se desdobrou em supressão da democracia, sujeição dos Poderes da República, sufocamento da mobilização popular e contração a níveis insuportáveis do espaço de debate e crítica.

A censura se instalou contra a imprensa, o Congresso Nacional se quedou subjugado pelo autoritarismo, a universidade foi submetida a vexatório processo de expurgos e cassações, as forças de oposição foram amordaçadas e desmobilizadas, as centrais sindicais postas na ilegalidade e os setores mais avançados da produção cultural foram considerados inimigos do país.

Exílios, cassações, prisões, perseguições e torturas se tornaram características cotidianas da vida brasileira, enquanto que à população eram reservados simulacros de verdades que mais alienavam do que orientavam quanto aos rumos que o país tomava.

Entre as razões do golpe, o tradicional intervencionismo militarista na vida política brasileira. Foi assim na proclamação da República. O intento antimonárquico em prol de uma República entre nós foi urdido ao término da Guerra do Paraguai, a partir dos anos 1870, por uma elite militar sintonizada com apelos republicanos decorrente do desprestígio do regime de então, motivado também pelo inconformismo frente a proibição imposta aos militares para que não se pronunciassem através da imprensa.

Na década de 1920, o Tenentismo eclodiu como força crítica contra o poder político das oligarquias. Em 1930, os militares estiveram presentes na Revolução, e em outros momentos cruciais, agosto de 1954, em novembro de 1955, em agosto de 1961 e finalmente em 1964 quando tomam o poder e instauram a mais prolongada ditadura entre nós, até 1985.

Outros fatores como a conjuntura internacional perplexa com o êxito paradigmático da revolução cubana, a mobilização crítica no Nordeste brasileiro por reforma agrária que resultou na criação das Ligas Camponesas, o interesse direto dos Estados Unidos em garantir o alinhamento do Brasil aos seus interesses políticos e ideológicos no Continente, bem como as Reformas de Base propostas pelo Governo João Goulart. Essas reformas propunham a reestruturação dos setores da vida nacional, principalmente a economia, sob inspiração do pensamento de esquerda, e serviram de justificativa para a mobilização que findou por derrubar o Governo, golpe que contou com amplo apoio dos meios de comunicação, de lideranças políticas de prestígio popular, nomes como Carlos Lacerda, Magalhães Pinto e José Sarney, além da concordância de amplos setores da Igreja e da população.

Hoje, 50 anos depois, o país reflete sobre o golpe vivendo sob uma democracia estável e rumo a mais uma eleição para presidente da República. Na consciência nacional, uma aspiração: ditadura, nunca mais.

Artigo

Martinho Moreira Franco - martinhomoreira.franco@bol.com.br

# Degraus para a perdição

"A casa de Luciano Wanderley tinha ao lado da cabine de projeção apenas um camarote destinado a convidados especiais para pré-estreias"

Desde os tempos do velho Liceu, de 1958, Manoel Jaime Xavier Filho tinha ar circunspecto, andar cauteloso, fala branda, gestos contidos. Uma postura algo acadêmica já na primeira série ginasial, quando estudamos juntos. Não é à toa, portanto, que hoje pertença aos quadros das academias paraibanas de medicina e de cinema (e com um pé nos atuais domínios de Damião Ramos Cavalcanti, na APL). Dividindo com a clínica médica o exercício da escrita, Jaime, autor de três livros, preserva o tom de academicismo nos seus textos, esmerando-se pela prudência no linguajar. Agora mesmo, acompanhando a transcrição de pequeno trecho das suas "Memórias Acadêmicas", no segundo caderno dominical de "A União" (box ao lado da coluna de Alex Santos), o vi descrevendo assim os interiores do antigo Cine Teatro São Pedro, da Rua São Miguel, inaugurado em 1941 por Fernando Honorato, filho do pioneiro Pedro:

"(...) As cadeiras distribuíam-se em duas fileiras, lado a lado, criando um corredor central e duas laterais, para maior mobilidade dos espectadores. Degraus estreitos, oferecendo algum risco aos usuários displicentes, conduziam ao mezanino, lugar preferido pelos namorados e onde se encontrava instalada a cabine de projeção".

Quanta prudência na parte que toca à função dos degraus! A escadaria realmente conduzia ao lugar preferido pelos namorados, mas estes casais não eram, em sua maioria, "usuários displicentes" coisa nenhuma. Nem o lugar para onde se dirigiam chamava-se "mezanino". São coisas da linguagem contida de Jaime. Na verdade, o plano superior da sala de exibição era o "balcão", e boa parte dos seus frequentadores se dedicava a explorar o escurinho do cinema em sua mais sugestiva tradução. Quanto à cabine de projeção, era um enclave estratégico, não por abrigar o projetor, mas por permitir que, nas cadeiras laterais à instalação, o assanhamento dos casais encontrasse esconderijo ainda mais conivente. Segundo Paulo Melo, cinéfilo de carteirinha na juventude, quem subia a escadaria para o balcão do cinema, mesmo sozinho, já o fazia com segundas intenções. Acompanhado, então, nem se fala.

Os maiores cinemas de João Pessoa possuíam balcão: o Plaza e o Rex, no centro, e o Santo Antônio, em Jaguaribe (não consigo me lembrar do desenho interno do Bela Vista, em Cruz das Armas). Algumas salas de porte médio também contavam com aquele "primeiro andar". Casos do próprio São Pedro e do Cine Brasil, este, na Avenida Guedes Pereira. Em todos, a bolinagem deitava (sem trocadilho) e rolava (idem) . O Felipéia, no final da Rua da República, não tinha balcão. Nem o Astória, no começo da mesma artéria. Inaugurado em 1964, o Cine Municipal, da Rua Visconde de Pelotas, frustraria os casais que, já escolados em expandir a libido em outros escurinhos, esperavam se assanhar no novo aconchego. A casa de Luciano Wanderley, porém, tinha ao lado da cabine de projeção apenas um camarote destinado a convidados especiais para pré-estreias (filiados à Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba, usufruíam algumas vezes esse privilégio). Claro que ali não cabiam segundas intenções. E nunca mais na cidade se subiu degrau de cinema para a perdição.

Humor

Domingos Sávio - savio_fel@hotmail.com

# UNInforme

Geovaldo Carvalho
geovaldo_carvalho@hotmail.com

## HISTÓRIA DE DOMINGO

Paulo Guerra era governador de Pernambuco, mandato que herdara da cassação de Miguel Arraes, de quem era vice. O filho, Joaquim Guerra, candidato a deputado, varreu o Estado frequentando qualquer festa, em ritmo de campanha. Joaquim, que foi eleito deputado, morreria cedo, aos 58 anos, de insuficiência renal.

Nessas andanças em campanha, Joaquim Guerra baixa na festa da padroeira de Bom Conselho. Político gosta de festa de padroeira. Muito queimado da praia, parecia moreno; meio festeiro e jovial, quase ninguém ligava ele ao comando do Palácio das Princesas. Acabada a festa religiosa, Joaquim vai dançar.

Estava num "arrasta-pé" animado com uma bela jovem local, havia quase meia hora. O pai dela, por acaso o prefeito, despertou o zelo dos "coronéis" do interior para com suas donzelas. Manda chamar a mulher, que conhecia tudo mundo, inclusive os visitantes, e pergunta:-

Quem é aquele negrinho que está dançando com a menina, bem agarradinho, há um bom tempo?

- Não tem negrinho nenhum por aqui.

- Aquele ali, dançando com a nossa filha.

- Fala baixo, homem, não diga besteira. Aquele é Joaquim, filho do governador. - O prefeito tomou um susto e rendeu-se à importância do "moleque".

- Moreninho jeitoso!

### CONFUSÃO

Com a entrada do Ministério Público na questão, e o povo protestando nas ruas, as coisas devem ficar bem esclarecidas com relação à polêmica construção do Shopping Center de Intermares. O caso virou um cabo de guerra político, com versões das mais desencontradas. Para agravar ainda mais a situação, a Marquise fecha-se em copa sem adiantar em que patamar se encontra sua disposição de construir o centro de compras e os óbvios porventura existentes.

## COPA E A COMUNICAÇÃO

Alguns visitantes estrangeiros que vierem ao Brasil para assistir aos jogos da Copa do Mundo poderão ficar sem o serviço de internet móvel com tecnologia 4G. Isso porque a frequência na qual o 4G está disponível no Brasil não é a mesma usada em muitos países, como os Estados Unidos e o Japão. Nesse caso, os estrangeiros terão que se contentar com a internet 3G. O 4G está disponível no Brasil desde abril do ano passado, mas apenas na frequência de 2,5 giga-hertz, que foi licitada em junho de 2012. Além disso, independente de frequência, há cidades em que o 4G não funciona dentro dos padrões recomendados, nos que se relaciona a capacidade anunciada.

## FRATERNIDADE

Atendendo à propositura do deputado paraibano Luiz Couto (PT-PB), a Câmara Federal realiza na próxima segunda-feira, no Plenário Ulisses Guimarães, sessão solene para homenagear a Campanha da Fraternidade deste ano, que tem como tema 'Fraternidade e Tráfico Humano' e lema 'É para a liberdade que Cristo nos libertou". Ao requerer a sessão, Couto justificou que o tráfico humano é um crime que atenta contra a dignidade das pessoas.

## MEDIAÇÃO

O Centro de Estudos e Aperfeiçoamento Funcional do Ministério Público da Paraíba vai realizar, em abril o primeiro curso destinado aos membros da instituição - procuradores e promotores de Justiça -, voltado para o funcionamento do seu núcleo da Escola Nacional de Conciliação e Mediação do Ministério da Justiça, instalado na instituição há pouco mais de um mês e meio.

## REAJUSTE

A Paraíba é um dos 13 estados brasileiros que terão novos Preços Médios Ponderados ao Consumidor Final em relação aos combustíveis, a partir do dia 1º de abril. A relação foi divulgada pelo CNP. No texto, os novos valores serão utilizados para cobrança do consumidor final. Além da gasolina, a tabela ainda traz preços de referência para outros combustíveis, como querosene da aviação, etanol, gás natural veicular, gás natural industrial, óleo combustível, diesel e gás de cozinha.

## PROCESSO

O Ricardo Noblat entrou em outra fria. O presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), ministro Joaquim Barbosa, encaminhou uma denúncia à Justiça Federal contra o jornalista pelos crimes de injúria, difamação e preconceito racial. Em representação ao Ministério Público Federal, ele diz que Noblat atacou sua honra e praticou crime de racismo em texto publicado em seu blog e no jornal O Globo no dia 19 de agosto do ano passado.

A UNIÃO
SUPERINTENDÊNCIA DE IMPRENSA E EDITORA
Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no governo de Álvaro Machado

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010
Distrito Industrial - João Pessoa/PB
PABX: (083) 3218-6500 /
ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526
REDAÇÃO: 3218-6511 / 3218-6509

SUPERINTENDENTE Albiege Fernandes
EDITOR GERAL Walter Galvão
DIRETOR ADMINISTRATIVO José Arthur Viana Teixeira
SECRETÁRIA DE REDAÇÃO Renata Ferreira
DIRETORA DE OPERAÇÕES Albiege Fernandes
CHEFE DE REPORTAGEM Conceição Coutinho
DIRETOR TÉCNICO Gilson Renato

EDITORES SETORIAIS: Ademilson José, Geraldo Varela, Carlos Cavalcanti e Alexandre Macedo
EDITORES ASSISTENTES: Carlos Vieira, Emmanuel Noronha, José Napoleão Ângelo, Marcos Lima e Marcos Pereira
PROJETO GRÁFICO: Ricardo Araújo, Fernando Maradona e Klécio Bezerra

**Rômulo Gouveia** - Vice-Governador

# Um pouco de história

Os 50 anos da Revolução de 1964 trazem de volta ao nosso imaginário o conjunto de contextos que formavam o mosaico socioeconômico brasileiro da época. A história tem mostrado que o que houve, de fato, foi um golpe, com a deposição do então presidente da República João Goulart (1919-1976).

No centro das discussões políticas, estava a reforma agrária. De um lado, dizia-se que o objetivo era a desapropriação do latifúndio improdutivo. De outro, sabia-se que havia um esquema de forte resistência às reformas sociais e econômicas, há muito reclamadas pelo país.

Neste ambiente de convulsão social, o presidente Jango buscou apoio popular com o célebre Comício das Reformas, na Central do Brasil. Em um discurso para 200 mil pessoas, anunciou a desapropriação de terras às margens de rodovias, ferrovias, açudes públicos federais e, ainda, das beneficiadas por empreendimentos de saneamento.

No Congresso Nacional, o clima tornava-se tenso. O final desta confrontação todos sabemos: a instalação de uma ditadura, prolongada por 21 anos, com prejuízos incalculáveis para a sociedade, desde que teve usurpado o direito de se auto-governar, e, sobretudo, para a juventude, bloqueada naquilo que há de mais nobre e dignificante na vida humana: sonhar com liberdade.

As consequências do golpe de 64 não podem ser dimensionadas apenas pela interrupção do regime democrático, mas, ultrapassando esta dimensão, em si já suficiente para sua rejeição e repúdio, é necessário avaliar o que a nossa sociedade pode e deve fazer para impedir que novas rupturas constitucionais venham acontecer. O melhor antídoto a este perigo está precisamente na Constituição Federal, já a partir de seu preâmbulo, que define o Brasil como "um Estado democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias".

**Renato Carneiro** - Professor

# Sobre juristas e "jurilas"

A fase da história política brasileira, compreendida entre 1964 a 1985, merece ser revisitada pelos estudantes de Direito, principalmente os que se interessam pelo Direito Constitucional e pelo Direito Eleitoral.

A atuação de alguns juristas, naquela fase, comprovam a tese de que o Direito pode ser, apenas, um instrumento a serviço da política.

Os mineiros Carlos Medeiros e Francisco Campos; o potiguar Nehemias Gueiros e os paulistas, Vicente Rao, Luiz Antônio da Gama e Silva e Alfredo Buzaid, ocuparam posições de destaque naquele cenário jurídico de exceção.

Responsável pela redação do primeiro Ato Institucional, editado a 9 de abril de 1964, Carlos Medeiros recebeu a alcunha de "laboratório", por parte do ministro da Justiça, Milton Campos. A referência aludia ao fato de Medeiros estar sempre pronto a encontrar fórmulas jurídicas rápidas e criativas para legitimar os interesses e as conveniências dos governantes militares.

Os considerandos que antecederam o Ato Institucional inaugural foram alterados por outro mineiro, Francisco Campos, que transformou-os em exposição de motivos.

Para redigir o segundo Ato Institucional, de 27 de outubro de 1965, o ministro da Justiça, Juraci Magalhães, convidou o advogado Nehemias Gueiros, que já havia dado uma contribuição decisiva na redação do primeiro Estatuto dos Advogados do Brasil, a Lei nº 4.215, de 1964.

"Chico Ciência", junto com o paulista Vicente Rao, emitiam pareceres sobre projetos de Emendas à Constituição de 1946 e sobre os Atos Institucionais. Ambos eram experts em regimes de exceção. Francisco Campos redigira a Constituição outorgada de 1937 e Rao, que era sempre ouvido pelo general Arthur da Costa e Silva, havia elaborado a Lei de Segurança Nacional, em 1935.

A redação do Ato Institucional nº 5, (AI-5), o mais radical dos atos institucionais que suspendia até a garantia constitucional do Habeas Corpus, coube ao paulista Luiz da Gama e Silva, o mais importante personagem da plêiade de "jurilas" do regime militar.

"Gaminha", como era chamado pelos milicos, (a imprensa do país o chamava de "jurila", um misto de jurista e gorila), era considerado extremista até pelos que integravam a "linha-dura" do poder. Golbery do Couto e Silva, o alcunhou de "o maluco", pelo fato dele haver se trancado num quarto de hotel e haver redigido, em quatro horas, sem consulta a quaisquer livros ou códigos, duas versões jurídicas autoritárias. Um dos textos, veio a se transformar no draconiano AI-5.

Segundo a versão mais radical desse Ato Institucional, haveria o fechamento definitivo do Poder Legislativo, em todas as suas esferas – Congresso, Assembleias Legislativas e Câmaras Municipais – além da decretação do recesso do Supremo Tribunal Federal.

Até o presidente da República, Arthur da Costa e Silva, foi surpreendido com a redação proposta pelo jurista mineiro e, posteriormente, confidenciaria a outro general o seu espanto: "Mourão, se você lesse o primeiro, você cairia duro no chão, aqui. Era uma barbaridade. Fechava-se o Congresso, modificava-se o Poder Judiciário, além de outras medidas de caráter nazista feroz. Recusei assiná-lo. O segundo era mais brando e como quem toma um purgante ruim, assinei-o."

Durante a ausência de Costa e Silva do poder, em virtude da doença que o acometera, Gama e Silva teve ampla liberdade para dar vazão às suas convicções nazi-fascistas, pois foi o "jurila" da Junta Militar.

Alfredo Buzaid defendeu o AI-5, colaborou com Luiz da Gama e Silva, a quem sucedeu no Ministério da Justiça, durante o governo do presidente Emílio Garrastazu Medici, considerado o período mais sombrio da ditadura militar, marcado pela violência e pela censura.

Pelos relevantes serviços prestados ao regime militar, Carlos Medeiros Silva, Alfredo Buzaid foram nomeados ministros do Supremo Tribunal Federal, onde foram aplicar a legislação de exceção que haviam ajudado a redigir.

**Acilino Madeira** - Economista

# Gestão pública e desenvolvimento

Acredito que estamos fartos de formulações e mais formulações jurídicas invadindo e distorcendo o que preceitua a ciência das finanças públicas.

No campo da tributação, lado da receita, a administração tributária na Paraíba é o instrumento de política fiscal de que se vale o governo para afetar os agentes econômicos pela imposição tributária, contribuir para distribuição da renda gerada e regulação macroeconômica.

Pelo lado da despesa, a política orçamentária não pode se descuidar do convívio com as boas práticas de planejamento. O governo executa e dirige as ações inerentes ao Estado, principalmente na elaboração e implementação das políticas públicas nos mais variados setores da sociedade civil: educação, saúde, inovações tecnológicas, segurança pública, política agrária, convivência com a seca, mobilidade urbana e mais e sempre mais.

A regulação macroeconômica, embora sendo também um ato de intervenção estatal, somente torna-se exitosa quando alcançada por via das boas práticas de gestão pública. O mercado é uma instituição cujas preocupações não passam pela ação de distribuir renda. Quem a promove é o Estado através das políticas públicas governamentais.

Através da política fiscal o Estado busca alcançar os equilíbrios fiscal, financeiro e orçamentário. Tal esforço não deixa de ser menos importante, porém se constitui apenas em uma parte da desejabilidade de assegurar o desenvolvimento econômico sustentável.

Não obstante, crescimento econômico nem sempre conduz inexoravelmente ao do desenvolvimento econômico. É possível a ocorrência de crescimento econômico ilustrado pelo incremento do PIB, da renda per capita, do incremento da receita total e também da arrecadação do ICMS, em um determinado período, sem haver melhorias nas condições de vida de parte da população, e até mesmo a persistência do agravamento das desigualdades sociais.

Significa dizer pelo enfoque da economia das finanças públicas que nem sempre o esforço fiscal (arrecadatório) implica em eficiência nos gastos públicos. A ineficiência nos gastos públicos compromete o desempenho da gestão pública no que respeita à condução das políticas públicas, considerando estas como fruto das escolhas coletivas.

Os indicadores socioeconômicos do Ideme (2008), o trabalho sobre política tributária e desenvolvimento econômico da UEPB (2009) coordenado pelo professor Alexandre Henrique Salema Ferreira e o estudo econômico sobre a Paraíba no Contexto Nacional, Regional e Interno realizados pelos técnicos do Ideme/Ipea (2012) ilustram o descompasso e/ou as assimetrias entre o crescimento e o desenvolvimento econômico na Paraíba entre meados de 1995 e até quase final da década de 2000.

Começando pelo trabalho realizado pela UEPB (2009), houve nele a constatação de que no período compreendido entre 1995 e 2006, as receitas públicas tiveram um incremento real acumulado de 116,39%, muito superior aos 47% de incremento do PIB. Por outro lado, a desigualdade social medida através do "coeficiente de Gini" não foi afetada pelo incremento do PIB e nem pelo aumento da receita total. Em conclusão, não é a ausência de recursos que impediu, no período, a promoção do desenvolvimento econômico do Estado, mas sim o mau desempenho da gestão pública.

A análise econômica contextualizada sobre a Paraíba, como sendo o primeiro trabalho conjunto de técnicos do Ipea e do Ideme, em 2012, evidenciou que entre 1995 e 2005, os dados apresentados mostraram uma Paraíba com taxa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) anual superior às médias regional (2,7 contra 2,5) e nacional (2,7 contra 2,4), porém com um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) ainda bastante inferior às mesmas esferas. O que permite classificá-la numa situação de subdesenvolvimento em expansão.

Este legado prenhe de assimetrias entre crescimento e desenvolvimento pode ser ilustrado, em parte, pela evolução orçamentária da Paraíba entre 2000 e 2007.

Compreende-se, portanto, que nos dois recortes temporais das referidas pesquisas inexistiram relações lineares entre o crescimento econômico e a melhoria das condições de vida das pessoas mais carentes, por vias das políticas públicas. Ainda, as receitas aumentaram em relação direta com as despesas e poucos foram os esforços da gestão pública com investimentos estruturais, comprometendo a possibilidade da Paraíba se desenvolver de maneira sustentável no longo prazo.

## A UNIÃO há 50 anos

### CGT alerta país para golpe

• Na primeira página da edição de 31 de março de 1964, A União trouxe em manchete: "CGT alerta país contra possível golpeamento no mandato de JG". Abaixo do posicionamento da Central Geral dos Trabalhadores, uma notícia que ampliava o contexto de ameaça da quebra do regime democrático: "Juscelino não crê em golpe". No dia, seguinte, 1º de abril, o país estava sob o controle militar.

## redes sociais

**Grito do rock une 400 cidades**
• No espaço de A União, destaque para o Grito do Rock realizado em João Pessoa, evento global que acontece em mais 399 cidades de 40 países.

**Fernando Bronzeado atrai internautas**
• O Instagram do fotógrafo paraibano Fernando Bronzeado foi um dos mais acessados na sexta-feira. Destaque para foto de Adriana Galisteu.

**CNN informa sobre "morte" de Pelé**
• O programa "New Day", da CNN, anunciou pelo Twitter a morte de Pelé, gafe que repercutiu no mundo. A emissora se desculpou.

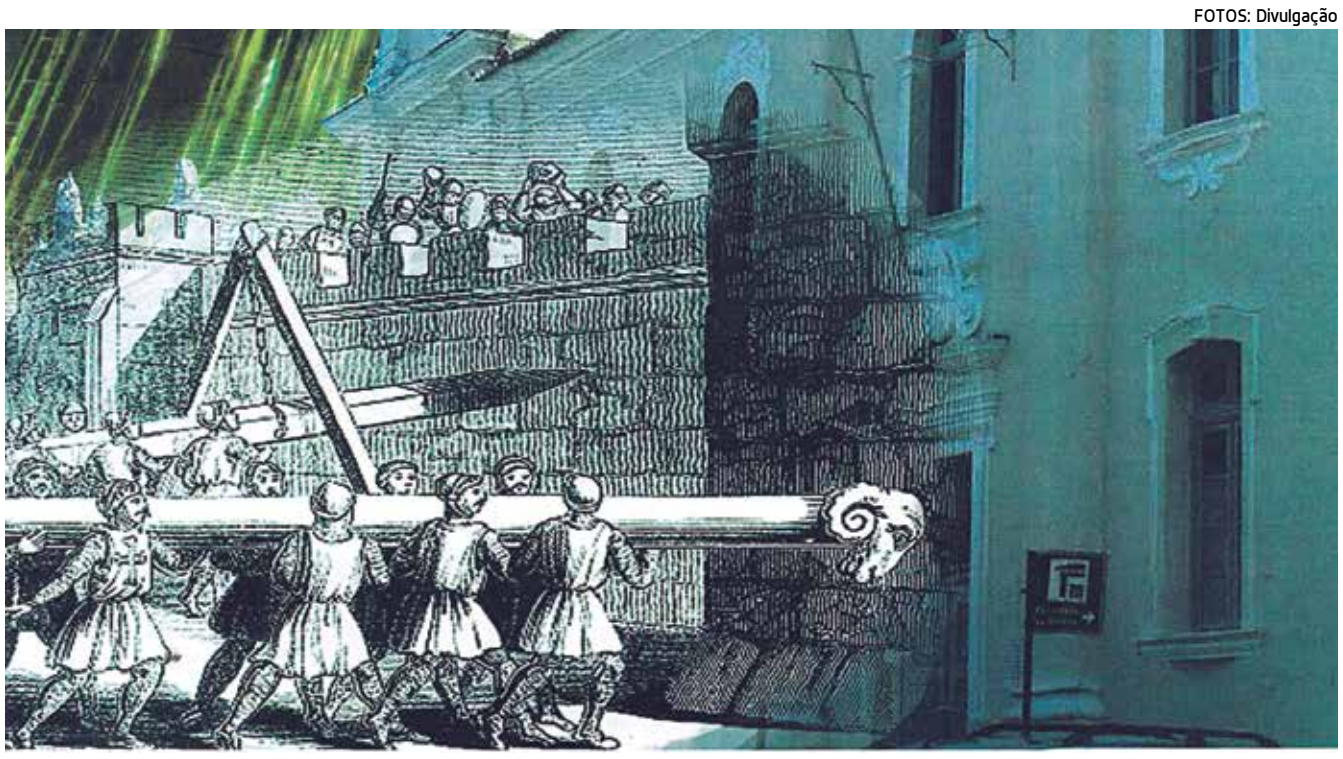
Golpe militar
de 64

# "Antes e depois de 1964" na Paraíba

***Wills Leal***
*Especial para* ***A União***

Um dos mais importantes pesquisadores paraibanos, crítico de cinema, ativista cultural e autoridade em turismo, o escritor e jornalista Wills Leal produziu mais um relato sobre o cotidiano e a mentalidade paraibanos e lança esta semana a pesquisa em formato de livro intitulado Antes e depois de 1964. No capítulo da obra que **A União** publica hoje com exclusividade, há o relato de um dos mais dramáticos episódios que antecederam o golpe militar que chega amanhã aos 50 anos, a invasão da Faculdade de Direito, na Praça João Pessoa, por jovens ativistas.

FOTOS: Divulgação



***Capa do livro do jornalista e escritor Willis Leal, que relata episódios do golpe de 64 ocorridos na Paraíba***

Repetindo o que já havia ocorrido em duas oportunidades, um grupo de aproximadamente 40 estudantes secundaristas, ligado aos setores radicais da esquerda brasileira, invadiu, pacificamente, no final da manhã da terça-feira, 3 de março de 1964, o secular prédio onde funcionava a Faculdade de Direito da UFPB, em frente à Praça João Pessoa ao lado do Palácio do Governo do Estado da Paraíba. Nas duas outras invasões, também realizadas nos anos 60, como nesta, havia um explícito caráter eminentemente político-ideológico. Na primeira, picharam uma exposição instalada no primeiro andar, divulgando um programa cultural e social do Governo dos Estados Unidos. Na outra quebraram (e queimaram algumas peças em praça pública) exposição sobre o governo do ditador português Salazar. Em ambas, tudo ocorreu sem incidentes e ninguém foi preso. Essa nova invasão, em março de 64, no entanto, realizou-se num momento de grande tensão social e política no Brasil e, particularmente na Paraíba, onde um mês antes ocorrera um gravíssimo conflito no município de Mari, com diversas pessoas mortas. Envolveu integrantes das Ligas Camponesas, Polícia Militar e latifundiários e teve repercussão internacional.

Antes de 64, na Praça João Pessoa, estudantes promoveram grandes manifestações, por motivos os mais diversos, e numa delas foi morto um soldado da Polícia Militar. Agora, a invasão do prédio da Faculdade tinha um único objetivo: protestar contra a anunciada visita do governador do então Estado da Guanabara (hoje Rio de Janeiro), Carlos Lacerda, virtual candidato da direita à presidência da República nas eleições previstas para l965.

Dois dias antes, propalou-se pela cidade que "O Corvo" (foi assim que a esquerda o apelidou) estaria no dia 3, em João Pessoa, e iria inclusive fazer uma visita ao governador Pedro Gondim em Palácio. Sua vinda, propalaram os "boateiros", atendia a convite do seu amigo e companheiro de partido (UDN), senador João Agripino Filho, para ser testemunha do casamento de um dos seus filhos. Seu desembarque (conforme foi divulgado, até mesmo em programa de rádio, no dia anterior), no Aeroporto "Castro Pinto", seria por volta das 17 horas. No dia 3, às 16 horas, centenas de simpatizantes do líder oposicionista seguiram em carreata para o aeroporto, com alguns veículos exibindo bandeiras. A festiva recepção foi organizada pelas lideranças das então denominadas "classes conservadoras". Todavia, houve uma grande frustração, pois ao chegarem ao "Castro Pinto" foram informados de que Lacerda não mais viria. Foi quando alguém do grupo conservador, tomando conhecimento de que estudantes estavam alojados na Faculdade de Direito, em protesto contra a vinda do seu líder político, propôs (e com a concordância geral) que todos deveriam partir dali para a Praça João Pessoa e "colocar para correr esses baderneiros subversivos", como disse o meu amigo Paulo Maroja, pessoa ligadíssima ao grupo dos latifundiários. Foi mais ou menos só por volta das 17 horas que tiveram início, em sua plenitude, os protestos dos estudantes, embora as aulas da Faculdade tivessem sido suspensas desde o final da manhã.

> "Antes de 64, na Praça João Pessoa, estudantes promoveram grandes manifestações por motivos diversos"

Como não tinham, ainda, conhecimento da não vinda de "O Corvo", colocaram em pleno funcionamento um serviço de som e vários oradores se revezavam com violentos discursos contra Lacerda, contra os latifundiários e exaltando os presidentes João Goulart e Fidel Castro. O governador Pedro Gondim, segundo se constatou depois, não mais se encontrava naquele momento em Palácio. Na Faculdade também não havia nenhum dos seus professores. O prédio, de fato, estava sob o domínio absoluto da estudantada.

Naquela calorenta terça-feira 3 de março de 1964 - portanto menos de um mês do dia primeiro de abril, quando se consolidou política e militarmente o movimento golpista militar que governou o Brasil por mais de vinte anos - eu tomava sorvete, na FIP, por volta das 15 horas, em companhia de dois caros amigos: Marcus Odilon Ribeiro Coutinho e Ipojuca Pontes. O primeiro, um dos dirigentes do recém-criado comitê pró Lacerda, usineiro e então se iniciando nas lides literárias e cinematográficas. O outro, irmão de Paulo Pontes, destacado dirigente da CEPLAR (entidade do Governo do Estado que, ao lado da API, Ligas Camponesas e as associações estudantis, eram apontadas pela direita como "foco de pelegos e comunistas"). Ipojuca Pontes, então já excelente crítico de cinema, tinha, porém (e ainda tem), uma linha política totalmente contrária à do irmão e vinha escrevendo violentos artigos contra Goulart e as Ligas Camponesas. Nossos encontros eram constantes e o assunto, quase sempre versava sobre cinema. Naquela tarde o papo foi só sobre cinema, e nem mesmo a "fofoca" da vinda do Lacerda foi mencionada. Por volta das três e meia, Marcus recebeu uma visita, com a qual conversou reservadamente, pagou os sorvetes, saindo meio apressado, sem dizer para onde ia. Ipojuca me disse então que ia passar na Biblioteca Pública (na General Osório) e depois assistiria a uma comédia no Cine Rex. Caminhei com ele até a sede do Clube Cabo Branco e, seguindo a mesma rua Duque de Caxias, fui até a redação do jornal **A UNIÃO** (hoje é o prédio da Assembleia), a fim de me encontrar como o crítico Antônio Barreto Neto. No dia anterior havíamos acertado que, juntos, iríamos redigir uma nota oficial da ACCP (Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba, da qual eu era presidente e ele secretário), saudando a chegada na cidade de um novo cinema, o Municipal. Não o encontrei e fui informado que em companhia de Carlito (Carlos Augusto de Carvalho) fora olhar como andava o movimento dos estudantes "ali na frente". Ao deixar o prédio do jornal, percebi claramente que havia pequenos grupos formados na Praça João Pessoa, embora o ambiente estivesse bem calmo. O que me chamou a atenção foi a presença de três carros, exibindo bandeiras lacerdistas, parados em frente ao Palácio, além de alguns soldados bem armados. Ao entrar no prédio da Faculdade, encontrei alguns estudantes descendo a escada correndo e um quase me atropelou. Fecharam a grande porta de entrada do prédio e eu, sem entender nada, subi para o primeiro andar, onde esperava encontrar, no auditório, os dois jornalistas amigos. Vi logo na porta o Carlito, que me informou que Barreto tinha saído para apanhar o Jornal do Brasil e não sabia se ele voltaria. Na primeira fila do auditório vejo dedilhando um violão a minha amiga Zita Marinho. Vou ao seu encontro e percebo que há muita movimentação, discussão e até mesmo gritaria no local.

> "Vários oradores se revezavam com violentos discursos contra Lacerda e contra os latifundiários"

Em pouco tempo entendi que os estudantes estavam também preocupados com os grupos na praça e os carros estacionados. A maioria absoluta dos presentes era de estudantes quase meninos. Universitários, portanto bem mais velhos, eram poucos. E havia ainda umas 10 pessoas, como eu, mais idosas, ligadas ao jornalismo e/ou às entidades esquerdizantes ou provavelmente funcionários da Faculdade, além de curiosos. Os discursos passaram a ter um tom bem violento e o governador Pedro Gondim (que na visão dos estudantes iria homenagear Lacerda em Palácio) passou a ser o tema central dos pronunciamentos. Eu não esboçava qualquer preocupação com o que ocorria e continuava ouvindo Zitinha cantar. Fui então informado por ela que inúmeras pessoas tinham deixado a Faculdade pulando por uma janela lateral, em total segurança, porque havia na calçada do beco grande quantidade de areia estocada e muito material para construção, destinados aos serviços de remodelação da casa da família Hermes Sá. Quando menos se esperava, a escuridão dominou o ambiente, com o corte total da iluminação. Foi uma clara retaliação do Palácio do Governo, todos assim interpretaram, face às agressivas críticas que estavam sendo dirigidas ao governador Pedro Gondim.

***Ex-governador Pedro Gondim foi alvo de discursos violentos dos estudantes***

Estevam Dedalus fala sobre o livro A História da Feiura, de Humberto Eco
Página 6



# Nova Produção

## O Cinema paraibano apresenta a luz de uma nova geração, com uma produção versátil que vai de terror a filme-poema espalhada por todas as regiões do Estado

**Rafael Andrade**
rafaelandradecm@gmail.com

FOTOS: Marcos Russo

***Fotos dos filmes Sophia, de Kennel Rógis e Capela, de Ramon Batista (acima) e da produção Nublado, de João Paulo Palitot (lado). Estes filmes foram rodados em diferentes regiões do Estado, a exemplo das cidades de Coremas, João Pessoa e Nazarezinho, retratando os locais nas paisagens e personagens***

A Paraíba tem uma respeitosa história coma Sétima Arte que retoma os primeiros anos do século XX, na época do cinema mudo, com produções emblemáticas como o documentário "Sob o Céu Nordestino", do considerado Pai do Cinema Paraibano, Walfredo Rodriguez. O filme que levou cerca de quatro anos para ser finalizado, é considerado um marco zero na história cinema paraibano. Antes, entretanto, várias filmagens haviam sido realizadas pelo fotógrafo do Estado à época, Pedro Tavares, iniciando seus trabalhos em 1918, de forma a registrar os eventos mais importantes da cidade.

Pulando para a década de 60, após um grande tempo de recaída em termos atividades cinematográficas no Estado, a Paraíba entrou numa das fases mais prolíficas, sendo marcada por produções documentais impulsionadas por Aruanda, documentário de Linduarte Noronha datado do ano de 1960 e tido como embrião de toda a era conhecida como Cinema Novo no país. De lá, despontaram nomes como Wladimir Carvalho (O País de São Saruê, Conterrâneos Velhos de Guerra), João Ramiro de Melo (Romeiros da Guia, O Sósia da Morte) e Ipojuca Pontes (Poética popular, os Homens do Caranguejo). Linduarte ainda seria o precursor de longas filmados no Estado com o lançamento em 1970 de "O Salário da Morte", que incluía no elenco os jovens W. J. Solha e Eliane Giardini.

Desde então, a Paraíba tem sido um celeiro para as produções cinematográficas, marcada pelo grande crescimento de curtas de forma independente desde a década de 90. Expoentes de uma nova geração, jovens diretores mostram novos parâmetros e perspectivas a serem debatidas ou resgatam tradições esquecidas aprofundando outras abordagens. Entre tantos diretores que fazem parte dessa nova safra, certamente nomes como João Paulo Palitot, Kennel Rógis e Ramon Batista já são referência em nosso Estado e trazem um novo vigor para o pujante cinema paraibano.

Amante de filmes de terror, João Paulo Palitot, desde criança foi aficionado por esse gênero e que o levou, mais tarde, a empreitada cinematográfica. "Lembro do primeiro filme de zumbis que fiquei vidrado, 'A Volta dos Mortos Vivos' de 1985, que eu ficava pedindo pros meus primos mais velhos alugarem para mim já que não podia por conta da idade", lembra. "Na adolescência me mudei de Porto Velho para João Pessoa e acabei deixando um pouco de lado esse gosto e curtindo outros tipos de filmes, coisas dramáticas e independentes".

Consumidor assíduo de locadoras e filmes, João começou sua carreira acadêmica fazendo Computação, porém com o tempo percebeu que sua paixão era outra e juntamente com a ajuda dos amigos, mudou para o curso de Rádio e TV da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e que ele recorda ser "o curso mais próximo de algo com a área cinematográfica aqui em João Pessoa na época".

Em 2011, fruto da aprendizagem de dentro da sala de aula, pôs em prática tudo o que sabia na sua primeira produção assinada como diretor no curta "Nublado". "Fiz com amigos e sem dinheiro algum, serviu como um pontapé inicial já que gastamos aproximadamente 100 reais e com ele viajamos para algumas cidades para exibir em festivais, conseguindo alguns prêmios com ele e valeu a pena pelo conhecimento gerado e fortalecer amizades", conta. Três anos mais tarde sai seu segundo e aclamado curta "Lex Talionis" como trabalho de conclusão de curso. Rodado em mais de 15 festivais nacionais e internacionais, o filme trata sobre a vingança e seus aspectos visuais da violência. "Algo que me atrai muito no cinema é o aspecto da violência como arte, me instigando a tentar descobrir como eles fizeram os efeitos especiais e como causar sensações em uma pessoa que está sentada tranquilamente em uma sala protegida e ao ver uma cena se sente desconfortável".

Natural do município de Coremas, Kennel Rógis também tem sido bem premiado com "Sophia", segundo curta de sua carreira. Contemplado no edital Linduarte Noronha, dentro do Fundo de Incentivo à Cultura do Governo do Estado e com apoio logístico da Prefeitura Municipal de Coremas, a produção mostra o diálogo sobre a relação de mãe e filha. "Uma procurando se colocar no lugar da outra, uma singela história de amor", explica Kennel.

Sonhador de um dia poder dirigir um vídeo, Kennel relembra que sua primeira experiência foi ao estilo handycam enquanto filmava o entardecer do açude de Coremas para a música "Águas de Março" de Tom Jobim. "Foi algo sem grandes pretensões, na verdade um exercício do olhar, uma câmera na mão e uma bela paisagem à frente. O fim da tarde no Estevam Marinho é lindo, fiquei feliz com as imagens que fiz e percebi que aquelas lentes poderiam apontar pra muitas coisas interessantes, fossem documentais ou ficcionais".

O Projeto ViAção Paraíba, coordenado pelo cineasta Torquato Joel, foi o principal impulso artístico para o coremense. "O ViAção me mostrou um cinema que eu nunca tinha visto, filmes com narrativas diferenciadas, que instigavam o senso crítico e estético da gente" recorda. O Projeto ViAção Paraíba é uma ação para formação crítica nas linguagens do cinema, vídeo e televisão, com uma oficina intitulada "Aprendendo a Ler Imagens em Movimento" e duas mostras de filmes nordestinos com debate no turno da noite. "Hoje sou monitor no projeto, que já passou por mais de 20 cidades no interior, me sinto feliz em contribuir com o surgimento de novos olhares e até novos realizadores", acrescenta.

Ramon Batista é outro artista que desponta do Sertão paraibano. Brasiliense que mora na cidade de Nazarezinho de longa data, retoma em seus trabalhos a questão do Sertão a partir de histórias contadas pela população local como o curta vencedor de mais de 20 prêmios "Fogo-pagou". "Antes dele, a distância mais longe que eu havia percorrido era a cidade de Sousa. Com o devido reconhecimento pude ampliar minha obra e meu nome para fora do Estado".

Apaixonado pela região onde reside, Ramon tem em seus planos vários projetos a se realizar. "O que faço no cinema é relevante, pois é algo que está se perdendo na história, e que tem como tema central os contos e hábitos da população do sertão", enaltece. O diretor está prestes a exibir o novo curta "Capela", filmado em 2013, no Festival Cineport em abril. "O filme tem um olhar poético em uma casa com 180 anos aqui no município", explica.

Seja pelo lado sertanejo de Ramon, pelo simbolismo dramático de Kennel ou pela violência urbana de João, o crescimento cinematográfico fica evidente em terras paraibanas apesar de contar uma extensa gama de dificuldades. "Muitos roteiros estão engavetados por falta de dinheiro, o que é realmente uma pena, pois o cinema paraibano vem mostrando ao mundo um olhar diferenciado, surpreendente e original. São histórias e estéticas interessantíssimas, alguns filmes são exibidos em outros estados e até fora do país e são ovacionados, geram calorosos debates e discussões", ressalta Kennel.

Mesmo com os percalços encontrados, a criatividade sempre prevalece e a Paraíba começa a ultrapassar barreiras e se mostrar ao mundo."Começamos a ser notados lá fora pelos nossos trabalhos que nem sempre são voltados para mostrar somente o Sertão. Então é prazeroso perceber que não é só o Sertão que nós temos. Também temos pessoas capazes de mostrar o urbano de uma forma nova, atual", finaliza João Paulo Palitot.

**CINEMA**

Alex Santos aborda a trajetória artística da atriz paraibana Zezita Matos

PÁGINA 7

**HISTÓRIA**

Reportagem mostra locais de resistência cultural no Centro Histórico

PÁGINA 8

Artigo

Estevam Dedalus Sociólogo - estevam_dedalus@yahoo.com.br

# Feios são os outros!

A História da Feiura de Umberto Eco é uma obra belíssima – desculpem o trocadilho óbvio e a menção ainda mais óbvia sobre a obviedade do trocadilho. Estou em falta com as boas ideias.

Entre as discussões do livro fiquei intrigado com o costume das sociedades retratarem seus inimigos e os outros, da maneira mais feia e abjeta possível. Ao longo da história é fácil perceber que não lidamos muito bem com as diferenças. Especialmente quando se tratam de crenças religiosas, valores morais e ideologias políticas que estejam fora de nossos padrões.

Os outros nos assustam! É verdade. Apenas o fato de eles existirem já seria suficiente para nos tirar de uma relativa zona de conforto. Para negá-los, destruí-los e em casos remotos amá-los – acho que Adeildo Vieira, do outro lado desta página, dificilmente concordariam com esse "remotos". O refrão de sua música mais famosa, amorério, diz exatamente o contrário: "Amar demais até parece mau/ Mas nenhum outro mal me faz tão bem!" Mas vamos lá, sigamos com o argumento: somos, assim, obrigados a refletir sobre a nossa própria identidade e reafirmá-la. O que explicaria um pouco as reações de aversão contra hábitos e ideias incomuns para nós.

Exemplos não faltam no livro e ao longo da história. O costume chinês de comer cachorros e insetos nunca foi encarado com bons olhos pelos ocidentais. Os antigos gregos classificavam de bárbaros aqueles que não sabiam falar corretamente a seu língua, as pessoas que "balbuciam". Os franceses também guardam a fama de não serem amistosos com pessoas que não conversam em seu idioma. E os ingleses acham intolerável que franceses comam rãs e caramujos – sinto nojo só de imaginar! Os judeus e palestinos têm um longo caso de ódio. A relação entre negros e brancos, um histórico repudiável de escravidão, discriminação, violência física e simbólica. Cristãos e mulçumanos há muito tempo não se bicam. As cruzadas e os acirramentos atuais não me deixam mentir. E por aí vai.

Lembro também que as religiões de matriz africana precisaram "rodar a baiana" para se esquivar de perseguições no Brasil. O problema é histórico. Até hoje seus praticantes precisam lidar com preconceitos e estigmas. Quem já foi para alguma festa de Iemanjá, na Praia de Tambaú, deve ter percebido como muitos evangélicos fazem pregações contra a festa. Eles se reúnem em grupos e distribuem panfletos "cristãos", procurando alertar que estamos correndo sério perigo por estar ali. Do ponto de vista discursivo eles demonizam a outra religião. Esse processo produz efeitos psicológicos importantes, por mobilizar sentimentos de medo, raiva e aversão que estariam simbolicamente entranhados na figura do Diabo.

Você se lembra de Satanás, o Diabo, aquela caricatura grotesca com chifres na cabeça, bafo de enxofre, tridente na mão e que viveria no inferno? Lugar quente e terrível. Povoado por almas atormentadas que sofrem torturas infinitas – graças a uma existência terrena ímpia e imoral. Criatura ardilosa, vil e cruel. Ele é a representação do mal e o principal opositor de Deus. O contraponto do bem e da verdade. O arquétipo do outro.

Em termos psicanalíticos, Satanás é uma explicação para a maldade. De que maneira se conciliaria, moralmente, a ideia de que fomos criados "à imagem e semelhança de Deus" e os impulsos destrutivos humanos? O diabo é o álibi de Deus. O argumento decisivo para desculpá-lo. Além de permitir economicamente a sublimação de impulsos agressivos como o ódio, o rancor e a ira. Ele seria o bode expiatório do ocidente. Sua possibilidade de justificar erros e fracassos. Criando assim uma polaridade entre o bem e o mal.

Freud, sempre ele, argumenta quão difícil é seguir a máxima "amarás o teu próximo como a ti mesmo!" Atribuída ao cristianismo, mas que seria anterior a ele. "Por que deveríamos fazer isso?" "E sobretudo, como deveríamos fazê-lo?" "Como nos seria possível?" O que inquieta Freud, antes de tudo, é que o amor é algo muitíssimo valioso. Valioso demais, diz ele, para ser distribuído "a torto e a direito". Amar traz consigo obrigações, engajamentos e sacrifícios. De modo que acreditamos que tal pessoa deveria merecer esse amor.

É compreensível que amemos pessoas semelhantes a nós, porque indiretamente estaríamos "amando a nós mesmos". É compreensível que amemos pessoas com um grau de perfeição maior, porque teríamos um ideal de perfeição a seguir. É compreensível que amemos nossos filhos e amigos, porque a sua dor faz parte da nossa dor. Mas, daí, como amar os outros e os inimigos?

Artigo

Evaldo Gonçalves Escritor - egassociados2011@ig.com.br

# Lições do IBGE

Nunca é demais ressaltar a importância, na vida nacional, do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, sobretudo no que diz respeito à sua credibilidade na avaliação da nossa realidade socioeconômica.

Já destaquei seus quadros técnicos e a valia de suas atribuições institucionais, reconhecendo-lhe, inclusive, seu papel de Escola Superior de Serviço Público, onde gerações de servidores se capacitam para servir à Nação.

É fonte segura de informações imprescindíveis aos Planos de Governo, bem como subsidia estudos e pesquisas científicas, na esfera pública e privada, emprestando-lhes a chancela da fidelidade.

O Brasil tem enorme dívida para com o IBGE, ao longo de sua atuação, sem se falar nos Estados e Municípios, todos dependentes dele para a concretização de seus projetos econômicos, sociais e políticos. A Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, editada pelo IBGE por determinação de Juscelino Kubitschek, é a prova mais cabal da sua capacidade de pesquisa e divulgação. Urge sua reedição e consequente atualização.

É fonte segura de informações imprescindíveis aos Planos de Governo, bem como subsidia estudos e pesquisas científicas

Confesso-me um seu devedor, em termos de lições recebidas, ao longo de quase dez anos de aprendizado, como seu servidor. E se, no decorrer da minha trajetória, pude exercer outros cargos na vida administrativa e política da Paraíba com razoável desempenho, devo-o ao IBGE.

Não me perdoaria se não destacasse seu quadro técnico-funcional, de indiscutível excelência, com o qual me tornei aprendiz do serviço público, à frente o superintendente, Joffre Borges de Albuquerque, sobretudo pelo seu humanismo ao tratar com todos os que fizeram, ao seu tempo, o IBGE, na Paraíba.

A ele devo minha transferência da Agência do IBGE de Campina Grande para a superintendência na capital, a fim de poder frequentar a Faculdade de Direito, como seu aluno. Presenteou-me, ainda, com uma ajuda de custo, o que me possibilitou adquirir, pela primeira vez, uma capa e uma galocha, adereços indispensáveis ao convívio com as chuvas do Litoral paraibano. Foram conquistas notáveis para a época e para as minhas circunstâncias.

# Adeildo Vieira

Músico e jornalista - adeildov@gmail.com

# Amigo é pra essas coisas!

Nenhuma ação é simplória se tiver como pretexto o sentimento de amizade. Este instituto humano é o melhor abrigo para pessoas desamparadas, também o melhor amparo para aventureiros que se atiram na vida em busca de conhecimento ou simplesmente diversão. O porto mais seguro para se atracar os barcos que velejam sonhos ou amargam tormentas são os braços abertos de um amigo. O bom desta relação é não existir por uma condição compulsória, mas por uma escolha. Isso nos permite depurá-la até torná-la densa de nobres sentimentos, basta o velho exercício de separar o joio do trigo.

Longe de ser uma forma de relação exclusiva a duas pessoas, a amizade pode ser cultivada entre comunidades, povos, nações. Pra isso é preciso trabalhar cotidianamente os fundamentos que norteiam uma boa relação entre humanos, como a lealdade, a indulgência e a capacidade de se resignar ante "broncas" úteis que levem a reflexão. Mais do que compartilhar o ombro amigo, é preciso entender a leveza da palavra dura de quem se debruça sobre o problema do outro. Pra quem considere romântica e ingênua essa minha assertiva, eu ainda ouso dizer que sentimentos tão nobres podem sim conduzir ações de macroestruturas políticas. Sei da complexidade das relações quando exercitadas neste nível, mas o que seria da humanidade se não houvesse quem defendesse esses propósitos banhados pelo ouro dos sentimentos que deram sentido à existência de Gandhi, Nelson Mandela, Martin Luther King e tantos outros que não classificariam de ingênua a emblemática canção de John Lennon?

A amizade já me levou a outras paragens a bordo do meu violão. Atendendo a convites amigos já atravessei as fronteiras da minha cidade, do meu Estado e até do meu país. Sempre foram oportunidades emocionantes, pois o lastro dessas aventuras nunca atenderam a interesses mercantilistas, já que se tratavam de ações de engenheiros da poesia capazes de construir pontes imaginárias com o poder de unir sorrisos, ainda que haja oceanos no meio do caminho. Da mesma forma, procuro abrir os braços para receber os viajantes que fazem uso dessas pontes.

De todas as ações amigáveis que já vivi, nada se compara ao Projeto BERIMBAOBAB, que nasceu da conspiração de amigos sonhadores que vivem o intuito de celebrar as diferenças que nos tornam singulares. Unidos por ações culturais, este projeto foi capaz de unir três continentes. Há dois anos, eu e outros amigos paraibanos vivemos grande aventura no Senegal, ao lado de amigos franceses. O mesmo projeto, agora mais robusto, levou a cantora Gláucia Lima a terras senegalesas no ano passado e agora em março trouxe para nosso convívio o compositor francês Patrice Gomis, que, assim como nós no Senegal, ficou hospedado na casa de amigos, comendo da mesma comida, bebendo da mesma bebida, sonhando os mesmos sonhos.

Os shows desse projeto são grandes ritos de felicidade patrocinados por pessoas amigas que sonham com um amanhã mais fraterno. Até agora esta ação que abraça três continentes está sendo conduzida por cidadãos conscientes de seu papel de artistas comprometidos com a vida. É comum buscar instituições que assumam a estrutura de proposta tão ousada, apesar de sabermos que os sentimentos de amizade correm o grave risco de serem substituídos por interesses que não comungam exatamente dos propósitos que acreditamos. Mesmo assim continuaremos acreditando nas pontes de nuvens por onde só trafegam pessoas de sentimentos leves. Salve a amizade! Salve o BERIMBAOBAB!!

Convém esclarecer, entretanto, que a vida me ensinou a detectar, a qualquer momento, o joio perdido no meio do milharal dos meus afetos. E foi a vida mesmo quem me ensinou a descartá-los. Trata-se de uma sabedoria extraída a fórceps.

## Cinema

**Alex Santos** *Cineasta e professor da UFPB alexjpb@yahoo.com.br*

### Antes e depois de 64

O escritor Wills Leal, presidente da Academia Paraibana de Cinema, Cadeira 4, vai lançar mais um livro na próxima terça-feira (1), na rampa do Hotel Tambaú, em João Pessoa. Trata-se de "Primeiro de Abril – Antes e Depois de 64". No conteúdo da obra é revista uma série de acontecimentos de época, narrados com um certo humor, a exemplo de fatos rotulados exoticamente como os do "agitando pedras de gelo, pombo-correio, a não existência de Deus e os arapongas", ou, ainda, "bomba, retrato falado e salvo por ter sido protegido ao voltar para a prisão". O livro descreve também, evocando um pouco de cinema, "o reencontro com a freira, o sonho de James Bond e os dólares angolanos". Sim, no convite o próprio Wills adverte: "Em respeito à Lei Seca e à do Silêncio, não haverá nem coquetel nem discurso". Por tudo isso, minha gente, é só pagar pra ver...

### Cine Clube do Unipê

Sob a coordenação da professora e atriz Zezita Matos, integrante da APC cadeira 06, o Unipê acaba de criar o seu Cine Clube Unipê. O objetivo é proporcionar mais um espaço de vivência cultural à sua comunidade acadêmica. Os alunos que participarem desta modalidade de evento validará como Atividade Complementar para o seu curso de Graduação. Através do Programa de Responsabilidade Cultural, em parceria com o Núcleo de Estudos sobre a Velhice e o Envelhecimento e do Projeto "Velhice em Cena", do curso de Psicologia registrou-se recentemente a abertura do novo espaço de cinema em João Pessoa, com a exibição do filme "Tao Jie"(A Simple Life) dirigido por Ann Hui. Aplausos da APC à nova iniciativa e aos seus realizadores.

FOTO: Divulgação

*Zezita Matos é reconhecida como uma verdadeira Colecionadora de Prêmios*

# Brilho de uma grande atriz

Uma das mais versáteis atrizes paraibanas, que sempre teve o privilégio de ser reconhecida como uma "colecionadora de prêmios", cujo nome de batismo é Severina de Sousa Pontes nasceu no município de Pilar, na Paraíba.

Mais conhecida por Zezita Matos, seu nome hoje enobrece a Academia Paraibana de Cinema, enquanto secretária de nossa instituição e ocupante da cadeira 6, cujo patrono é o pioneiro Einar Svendsen.

Musa do teatro paraibano, onde por muitos anos vem atuando, fez-se ao cinema a partir dos anos sessenta. Seu primeiro filme foi "Menino de Engenho", de Walter Lima Junior, obra magna do escritor José Lins do Rego. Além de vários "curtas" paraibanos, Zezita ampliou sua carreira de atriz com filmes importantes como "Cinema, Aspirinas e Urubus", "Céu de Suely", "O sonho de Inancim", tendo ainda atuado em mais um filme de longa-metragem, em 2010, "Olhos Azuis", produzido e dirigido pelo paraibano José Joffily.

Além de suas atribuições com a APC, Zezita jamais deixou o nosso cinema de lado. Quando solicitada, sempre se fez atuante. Presença marcante no vídeo ou na telona, a atriz traz força e carisma em suas atuações. Nem mesmo os menores papéis, de algum modo considerados por ela, deixaram de ser notados e comentados pelos seus pares. Admiração pública, que já a tem como sendo a"Dama do Teatro Paraibano". Uma distinção, que se aplica também em relação ao cinema, onde tem brilhantemente atuado, inclusive, nacionalmente.

"Olhos de Botão" é o seu mais recente trabalho como atriz. Uma produção pernambucana, já na fase de edição final, que Zezita Matos faz parte, na opinião do diretor Marlom Meirelles, integrando uma lista de atores e atrizes com larga experiência e que trazem em seus currículos filmes de sucesso, até fora do país.

Não obstante o que relatamos acima, nosso destaque de hoje à amiga e companheira de Academia Zezita Matos não se restringe ao que ela tem sido e continua sendo no teatro e cinema paraibanos, meramente no plano da atuação. O registro, então, é por mais um feito singular da atriz no campo da cultura, privilegiando-sobretudo não só um bom entretenimento cinematográfico, mas, proporcionando mais um espaço de vivência cultural à comunidade acadêmica.

Atualmente professora e coordenadora do Núcleo de Apoio Pedagógico do Unipê, não sem razão, Zezita está agora coordenando o Cine Clube Unipê. Uma atividade que se amplia a cada ano, não só na Paraíba, criando mais condições para novas reflexões e discussões sobre a arte do filme.

## Mídias em destaque

# O aniversário que não se comemora

**Felipe Gesteira**
*contato@felipegesteira.com*

Há 50 anos um governo democrático era tomado pela imposição das armas. Depois de amanhã, 1º de abril, não é "dia da mentira", nem dia para se comemorar coisa alguma. Também não diria que deva ser esquecido, pois a memória fará com que esse episódio não volte a acontecer. O Golpe Militar de 1964 que depôs o presidente João Goulart, o Jango, deve ser uma página virada na nossa história.

Os militares argumentam que não foi um golpe, mas uma revolução. Jango prometia reformas que até hoje, mesmo depois de sucessivos governos democráticos após a ditadura, não foram feitas. A extrema direita utilizou um discurso de manipulação através da religião para levar o povo às ruas e justificar um falso apoio ao golpe, contragolpe, revolução, ou seja lá do que queiram chamar.

O propósito aqui não é defender a esquerda, mas lembrar que os 21 anos que se sucederam após a queda de Jango foram particularmente cruéis com a imprensa. A opinião pública era facilmente conduzida pelo instrumento da censura. Muitos jornalistas desapareceram, foram torturados e mortos. Colegas repórteres fotográficos contam que os militares entravam nas redações e queimavam filmes e fotografias ampliadas.

Não creio na possibilidade de um novo golpe; nem por isso podemos relaxar. É preciso lutar contra todo e qualquer pensamento fascista, principalmente quando surge na opinião de um jornalista. Não há liberdade de expressão quando esta fere a Declaração Universal dos Direitos Humanos, ou quando vai de encontro ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Além de levar informação, a imprensa tem papel fundamental na construção social.

Me envergonho quando vejo um colega defendendo a tese de que bandido bom é bandido morto, que se um adolescente de 16 anos pode votar também pode ser preso, ou ainda os vários discursos de violência contra a mulher. Um formador de opinião irresponsável é até mais perigoso para a sociedade que assaltante armado que troca tiros com a Polícia. Esses fascistas travestidos querem conduzir a população à barbárie. Não conseguirão!

Todos os profissionais de comunicação devem se unir contra o discurso da extrema direita, contra o conservadorismo burro, contra o retrocesso que quer conduzir as crianças do país ao crime organizado. A responsabilidade do jornalista formado em universidade pública é ainda maior, pois teve seus estudos pagos com dinheiro de impostos oriundos do suor de cada trabalhador brasileiro. Há, no mínimo, uma dívida social.

O mesmo discurso que supostamente preza pela família já foi usado em tantos outros governos anti-democráticos, e por ele muitos inocentes morreram. A alienação deve ser combatida para que não tenha sido em vão o sangue dos sete civis assassinados no dia do Golpe de 1964, de Vladimir Herzog, e de todas as vítimas das ditaduras militares e dos regimes tirânicos espalhados pelo mundo.

## Em cartaz

**12 ANOS DE ESCRAVIDÃO** (12 Years A Slave, EUA, 2013). Gênero: Drama. Duração: 133 min. Classificação: 14 anos. Direção: Steve McQueen, com Chiwetel Ejiofor, Michael Fassbender, Benedict Cumberbatch. A história, baseada em fatos reais, apresenta Solomon Northup, um escravo liberto que é sequestrado em 1841 e forçado por um proprietário de escravos a trabalhar em uma plantação na região de Louisiana, nos Estados Unidos. Ele é resgatado apenas doze anos mais tarde, por um advogado. **CinEspaço 1:** 16h.

**300 – A ASCENSÃO DO IMPÉRIO 3D** (300: Rise of na Empire, EUA, 2014). Gênero: Ação. Duração: 103 min. Classificação: 18 anos. Direção: Noam Murro, com Sullivan Stapleton, Eva Green, Rodrigo Santoro. Após a morte do pai, Xerxes dá início a uma jornada de vingança e ruma em direção à Grécia, com seu exército sendo liderado por Artemisia. Enquanto os 300 espartanos liderados por Leonidas tantam combater o Deus - Rei, os exércitos do resto da Grécia se unem para uma batalha com as tropas de Artemisia no mar. Themistocles é o responsável por liderar os gregos. **Manaíra 3:** 14h45, 17h15, 19h45 e 22h. **Tambiá 4:** 14h45, 16h45, 18h45 e 20h45. **Tambiá 6/3D:** 20h15.

**ALEMÃO** (BRA, 2014). Gênero: Ação. Duração: 109 min. Classificação: 16 anos. Direção: José Eduardo Belmonte, com Caio Blat, Cauã Reymond, Milhem Cortaz, Gabriel Braga Nunes. Cinco policiais estão infiltrados na comunidade do Complexo do Alemão, no Rio, com a missão de elaborar o plano de invasão das forças de segurança, que resultará na instalação da Unidade de Polícia Pacificadora. Mas os traficantes descobrem sobre a operação secreta e começam uma busca incessante para eliminá-los. Isolados e sem contato com o mundo exterior, eles precisam encontrar uma maneira de fugir. **Manaíra 1:** 19h e 21h30. **Tambiá 3:** 16h20 e 20h20.

**AZUL É A COR MAIS QUENTE** (La Vie d'Adèle - Chapitres 1 et 2, FRA, 2013). Gênero: Drama. Duração: 179 min. Classificação: 18 anos. Direção: Abdellatif Kechiche, com Léa Seydoux, Adèle Exarchopoulos, Jérémie Laheurte. Adèle é uma garota de 15 anos que descobre, na cor azul dos cabelos de Emma, sua primeira paixão por outra mulher. Sem poder revelar a ninguém seus desejos, ela se entrega por completo a este amor secreto, enquanto trava uma guerra com sua família e com a moral vigente. **CinEspaço 2:** 18h30.

**NAMORO OU LIBERDADE** (That Awkward Moment, EUA, 2014). Gênero: Comédia Romântica. Duração: 94 min. Classificação: 14 anos. Direção: Tom Gormican, com Zac Efron, Miles Teller e Michael B. Jordan. Jason e seu melhor amigo Daniel levavam uma vida de festas, farra e muita diversão, sem relacionamentos sérios. Após o divórcio de Mikey juntam-se para ajudá-lo a esquecer a ex-esposa, só que aos poucos cada um deles começa a se envolver com diferentes mulheres que mudam seu jeito de pensar, até chegar ao momento onde deverão escolher entre a liberdade da vida de solteiro ou o compromisso de um namoro. **Manaíra 8:** 18h45 e 21h15. **Tambiá 1:** 14h20 e 18h20.

**NEED FOR SPEED (EUA, 2014).** Gênero: Ação. Duração: 130 min. Classificação: 12 anos. Direção: Scott Waugh, com Aaron Paul, Dominic West e Harrison Gilbertson. Tobey herdou do pai uma oficina mecânica, além de ser um exímio piloto e volta e meia participa de rachas. Um dia, o ex-piloto da Fórmula Indy Dino Brewster o procura para que Tobey possa concluir um Mustang desenvolvido por um gênio da mecânica que já faleceu. O carro é concluído e posteriormente vendido. Entretanto, a velha rixa entre eles faz com que disputem um último racha, que resulta na morte de Pete, grande amigo de Tobey, que é preso. Quando enfim é solto, ele organiza um plano para que possa participar de uma conhecida corrida do submundo onde Dino também correrá. e 22h. **Tambiá 3:** 14h, 16h20, 18h40 e 21h.

**O GRANDE HERÓI** (Lone Survivor). Gênero: Ação. Duração: 121 min. Classificação: 16 anos. Direção: Peter Berg, com Mark Wahlberg, Alexander Ludwig. Baseado em fatos reais, o filme acompanha a saga de um grupo de soldados no Afeganistão quando libertam uma criança capturada. O problema é que ela os denuncia para os soldados do talibã, que logo preparam uma armadilha para os yankees. **Manaíra 4:** 12h45 e 15h15.

**RIO 2** (EUA, 2014). Gênero: Animação. Duração: 108 min. Classificação: Livre. Direção: Carlos Saldanha. Continuação do sucesso "Rio", mais uma vez dirigida pelo brasileiro Carlos Saldanha, que conta as novas aventuras da arara azul Blu e sua companheira Jade na cidade do Rio de Janeiro. Desta vez, Blu e Jade têm filhos, um macho e uma fêmea, e esta última tem medo de voar, exatamente como o seu pai... Juntos, a nova família vai se envolver em uma trama em meio à Copa do Mundo de 2014. **CinEspaço 2:** 14h30, 16h30, 18h30 e 20h30. **CinEspaço 3/3D:** 14h, 16h, 18h, 20h e 22h **Manaíra 1:** 14h e 16h30. **Manaíra 2:** 12h, 14h30, 17h, 19h15 e 21h45. **Manaíra 4:** 18h e 20h30. **Manaíra 5/3D:** 13h30, 16h, 18h30 e 21h. **Manaíra 7/3D:** 12h30, 15h, 17h30 e 20h. **Manaíra 8:** 13h e 15h30.

**S.O.S. MULHERES AO MAR** (BRA, 2013). Gênero: Romance. Duração: 94 min. Classificação: 12 anos. Direção: Cris D'Amato, com Giovanna Antonelli, Reynaldo Gianecchini, Fabiula Nascimento. Adriana embarca em um cruzeiro decidida a reconquistar seu ex-marido Eduardo, que está com uma nova namorada, Beatriz, estrela da TV. Adriana leva sua irmã Luiza e a empregada Dialinda incentivada pelo livro "SOS - Salvando um Sonho" a estragar a viagem de seu antigo namorado. No entanto, durante o passeio, essas conhecem novas pessoas e descobrem surpreendentes caminhos e soluções para suas vidas. **CinEspaço 4:** 14h, 16h, 18h, 20h e 22h. **Manaíra 6:** 13h15, 15h45, 18h15 e 20h45. **Tambiá 2:** 14h40, 16h40, 18h40 e 20h40.

FOTO: Califórnia Filmes

*Produção ganhou o Oscar de Melhor Filme de 2014*

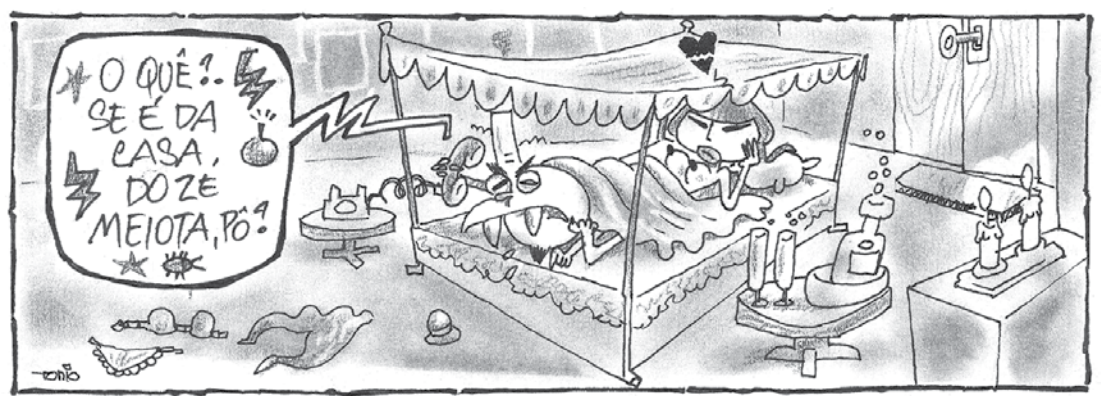
### 12 Anos de Escravidão

A história, baseada em fatos reais, apresenta Solomon Northup, um escravo liberto que é sequestrado em 1841 e forçado por um proprietário de escravos a trabalhar em uma plantação na região de Louisiana, nos Estados Unidos. Ele é resgatado apenas doze anos mais tarde, por um advogado.

## Humor

### NESTOR — Cristovam Tadeu

### ZÉ MEIOTA — Tônio




## SERVIÇO

● **Funesc** [3211-6280] ● **Mag Shopping** [3246-9200] ● **Shopping Tambiá** [3214-4000] ● **Shopping Iguatemi** [3337-6000] ● **Shopping Sul** [3235-5585] ● **Shopping Manaíra** (Box) [3246-3188] ● **Sesc - Campina Grande** [3337-1942] ● **Sesc - João Pessoa** [3208-3158] ● **Teatro Lima Penante** [3221-5835 ] ● **Teatro Ednaldo do Egypto** [3247-1449] ● **Teatro Severino Cabral** [3341-6538] ● **Bar dos Artistas** [3241-4148] **Galeria Archidy Picado** [3211-6224] ● **Casa do Cantador** [3337-4646]

# Ambiente de resistência

## Última matéria da série que mostra os locais que recebem atividades culturais no Centro Histórico apresenta o Pogo Pub e a Vila do Porto

**André Luiz Maia**
andreluizlml@gmail.com

FOTOS: Divulgação

*O Pogo Pub (acima) e a Vila do Porto (lado), são considerados os 'points' dos frequentadores da cena alternativa da cena alternativa, especialmente nos fianis de semana do Centro Histórico*

Na última reportagem da série iniciada no domingo retrasado, apresentando os principais espaços de atividade cultural do Centro Histórico, encerramos com a Vila do Porto, ambiente eclético que sedia eventos que vão desde samba até discotecagens indie, e o Pogo Pub, ambiente de resistência da cultura underground da capital paraibana. Ambos são integrados ao chamado Varadouro Cultural, movimento da sociedade apartidária que luta pela valorização do Centro Histórico através de atividades que promovam a cultura.

A Vila do Porto, localizada no Largo da Igreja de São Frei Pedro Gonçalves, também funciona como bar e restaurante, assim como o Centro Cultural Espaço Mundo. Lá, já subiram muitos artistas do circuito alternativo, a exemplo de Alessandra Leão e Rodrigo Caçapa, DJ Dolores e Chico Correa, Sonora Sambagroove, Lucas Dourado, Seu Pereira e Coletivo 401, Val Donato, Camarones Orquestra Guitarrística, Os Gonzagas e Totonho. O ambiente foi criado em março de 2012 e alguns meses depois naquele mesmo ano, em julho, ele passou a levar shows para seus clientes.

"É bom ter uma opção para sair, diferente do que a maioria das casas de shows oferece, que se restringem basicamente a forró e samba. Nós temos uma variedade de atrações que chama a atenção das pessoas", explica Ramon Suarez, proprietário do bar, que também funciona como restaurante. Por sinal, ele acredita que manter o ambiente com múltiplas funções acaba ajudando no trabalho de promoção cultural dos artistas locais. "Muitas vezes o pessoal que vem almoçar, executivos que não têm contato com esses artistas, acabam se interessando e por vezes prestigiam os eventos, é bem interessante", salienta Ramon.

Um ano antes, em 2011, foi criado o Pogo Pub, fruto da carência dos fãs de rock underground da cidade, que se viram desassistidos após o fechamento de locais como o Galpão 14 e a Oficina do Capim, que promoviam shows do gênero regularmente. Foi aí que um coletivo se formou, o Vida Torta, que administra o local sem vínculos políticos, tendo levado mais de 300 bandas para se apresentarem. Um dos membros, Osmair Luiz, conta que o objetivo do Pogo não é apenas o de entretenimento e espetáculo. "Nosso espaço é contracultural, fazemos oficinas, palestras e temos responsabilidade social".

A manutenção da vida cultural no Centro Histórico é vista como algo muito importante para ambos os estabelecimentos. "A importância de manter um Centro Histórico ativo é que esse local congrega muitas pessoas diferentes, com culturas e comportamentos distintos", explica Osmair. Ramon lembra que é preciso investimento por parte do poder público, que precisa oferecer melhores condições. "Falta infraestrutura, policiamento e iluminação, as coisas acontecem mais por causa da iniciativa privada que se instala aqui. É preciso de apoio institucional", aponta.

Além disso, Osmair acredita que solidificar o Centro Histórico como um espaço de atuação de agentes culturais é necessário, mas que a vida cultural da cidade não pode se restringir apenas a dois polos, o Centro e a praia. "Isso já é impregnado nos grandes centros, o costume é que tudo aconteça no Centro da cidade, mas é preciso transcender essa lógica, descentralizar as ações culturais e levar isso para as periferias com a mesma dedicação", pontua.

## Letra Lúdica

**Hildeberto Barbosa Filho** - Crítico Literário - hildebertobarbosa@bol.com.br

# Carta ao poeta (III)

"{...} desta cidade ninguém parte, pois a Campina só se chega / sempre. (...) Todas as viagens do mundo / terminam no Alto do Serrotão". Entre tantos outros de sua lavra fecunda, aprecio estes versos de "Barcelona, Borborema", não importa se não estejam nos conformes de uma idealizada e metafísica função poética da linguagem, tramada por Roman Jakobson como se fosse a pedra filosofal da literariedade. Ora, a função poética não existe no vazio da mensagem parada nela mesma, mas é fruto de uma relação mágica entre leitor e texto, a qual comparecem, tensos e irmanados, os elementos orgânicos dos signos verbais e a matéria difusa e enigmática que pulsa nos corações humanos.

É daí, quero crer, que se esgarça, na pele delicada das palavras, o fio intenso e inefável da poesia, seja pelas luzes insólitas do significante, quando o poema é, de verdade, um poema, seja pelo estranho e surpreendente do significado, quando os sinais do significado alargam a experiência perceptual e vivida.

Ora, sinto isto ao ler e reler diversas paisagens de sua geografia poética. Já em "As tábuas do sol", num pequeno poema dedicado a Zé Ramalho, você fala da "vida que escorre das mãos, / penetra o osso do século, / sucede-se nas sete cores do arco-íris", e, logo em seguida, num lampejo de síntese fulminante, no texto, "Grafite", este verso único, direto e doloroso, se pensarmos no sufoco do momento histórico: "No muro importam o portão e o luto da letra". De "Solos do silêncio", pego, ao acaso, este dístico, de "Vamos beber a tarde?": "Nada como uma sinfonia de Beethoven, /um lápis, um papel, um copo, uma tarde", assim como este giro metalinguístico, em "Gerard Manley Hopkins & Octavio Paz": "{...} Poesia é temperança / (fugir para o deserto, / baixar o colesterol, / cortar peles e sofrer)". Em "De tabela", antológico em sua fatura temática e formal, "{...} Sócrates escoiceia a bola / como a perna fosse foice, / alavanca de mover o mundo", e "Zico doma o jogo / como Stendhal / com luto e fúria".

Poderia citar outras passagens de sua poesia avessa à prisão de ventre dos minimalistas conceituais que se comprazem com o desenho canhestro de seus experimentos gráficos, cediços e estéreis, por onde a carne da vida passa ao largo, sem manchar a cambraia branca e virgem do papel. Com você, as coisas são diferentes. Se o tecido anônimo das práticas cotidianas, a marca registrada de um léxico impuro e autêntico, as fontes populares e eruditas, o domínio da linguagem e o destemor das solicitações subjetivas como que devassam sua trajetória lírica, acredito, meu caro José Nêumanne Pinto, que os dois poemas inéditos que me fizesse ler, na telinha requintada do celular, num daqueles rituais anfractuosos e gongóricos de nossa amada APL, afinam e intensificam a melodia forte e incisiva que modela as notas e harmonias dos seus versos.

Ao telurismo que subjaz à tensão nuclear de sua poesia, à sensibilidade que a fratura na pluralidade de seus apelos e ao lavor tentacular e mítico que a singulariza, estes dois poemas, "Antes de atravessar" e "Medeia aqui e agora", com seu vigor sanguíneo, sua semântica selvagem, seu visgo visceral compactando os vocábulos, seu fervor dionisíaco, em que pese todo o tom apolíneo do segundo, me dão a convicção de que você é um poeta. Um poeta que possui, na expressão iluminada de Jorge de Lima, "milhões de antenas / distribuídas por todos os seus poros / aonde aportam do mundo suas penas". Estes poetas (e você é um deles), ainda segundo o bardo alagoano, "São aqueles que gritam quando tudo cala, /são os que vibram de si estranhos coros / para a fala de Deus que é a sua fala". Abraço. HBF.

Distúrbios de comportamento: Paraíba tem cerca de 30 mil autístas
Página 10



# À espera de um lar

## 53 crianças e adolescentes estão registrados para adoção na Paraíba

*Cleane Costa*
cleanec@gmail.com

A Paraíba possui um número de pessoas interessadas em adotar quase sete vezes maior do que a quantidade de crianças e adolescentes à espera de adoção. São 354 pretendentes para 53 crianças e/ou adolescentes registrados para adoção. No Brasil, essa proporção é quase seis vezes maior: são 5.445 mil crianças e adolescentes registrados para 30.452 pretendentes.

Segundo dados informados pelo Setor de Adoção do Juizado da Infância e Juventude de João Pessoa, do total de registrados para adoção, 45 crianças e/ou adolescentes estão nas instituições de acolhimento de João Pessoa, sendo que duas crianças com deficiência mental. Destas crianças e/ou adolescentes acolhidas, 23 são do sexo feminino e 30 do sexo masculino. Com relação aos pretendentes, 297 são casais, 54 são do sexo feminino e apenas cinco sexo masculino.

Pelos números apresentados pelo Cadastro Nacional de Adoção (CNA) todas as crianças seriam adotadas, mas, segundo a assistente social do Setor de Adoção do Juizado da Infância e Juventude, Daniela Gonçalves de Menezes, esses dados não cruzam por causa da disparidade entre os perfis desejados e os disponíveis, em sua maioria, grupos de irmãos com idade acima dos 7 anos. Segundo ela, o perfil mais procurado pelos postulantes à adoção em João Pessoa (que não difere do nacional) é: menina, de 0 a 2 anos de idade; depois, menino, de 0 a 2 anos de idade. "A cada ano de idade, maior a dificuldade para adoção. Depois dos 7 anos, cai muito a probabilidade da adoção, principalmente, se for menino. A questão da cor, apesar do perfil mais procurado ser o de branco a pardo, não interfere muito, principalmente se for idade baixa", explicou Daniela Menezes.

A presidente do Grupo de Estudos e Apoio à Adoção de João Pessoa (Gead-JP), Lenilde Cordeiro Gonçalves, avaliou que o perfil exigido pelo pretendente em relação à criança que deseja adotar ainda é um fator que tem dificultado a adoção na Paraíba, mas não é mais tão intenso. Para ela, a dificuldade maior é a falta de acesso do pretendente às crianças que estão à espera de adoção.

"As pessoas deixam registrado um perfil idealizado de criança para adoção, mas quando é dada a oportunidade de conhecer as crianças registradas para adoção elas se apaixonam e voltam ao Juizado e mudam o perfil", explicou, adiantando que o Gead-JP está trabalhando no sentido de que esses pretendentes tenham uma aproximação com as crianças à espera de uma nova família. E argumentou: "Não adianta o casal fazer o cadastro e ficar esperando uma criança em casa. Se ele conhece as crianças prontas para adoção, pode vir a se apaixonar por alguma delas e decidir adotar".

Outra dificuldade apontada por Lenilde Cordeiro é o fato da maioria das crianças e adolescentes que esperam ser adotados terem irmãos também disponíveis para adoção. E a prioridade da Justiça é que eles sejam adotados juntos para não perderem o vínculo familiar. A maioria dos pretendentes quer adotar uma única criança. Mesmo assim, a presidente da Gead-JP adiantou que recentemente ajudou na adoção de três irmãos de uma só vez, enquanto duas irmãs – uma de 8 anos e outra de 6 anos – estão passando pelo estágio de convivência.

**Curso**

A presidente do Gead-JP adiantou que entre os dias 22 e 30 de abril serão realizadas inscrições de um novo curso para pessoas que estejam interessadas em adotar crianças e/ou adolescentes. As inscrições serão realizadas no estande que será instalado no Shopping Tambiá.

### Tempo de 2 a 4 anos na fila

A assistente social Daniela Menezes informou que o tempo médio de espera na fila de postulantes à adoção em João Pessoa tem sido de dois anos para menino e de três a quatro anos para menina. Ela considera que esse tempo de espera ainda é curto se comparado com outros estados. "São Paulo, por exemplo, tem uma fila enorme, de mais de 8.000 inscritos e a espera é muito maior", observou.

Daniela comentou ainda que, com a realização das audiências concentradas, que são realizadas por orientação do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), organizadas a cada semestre, o número de reintegração familiar vem aumentando. "No entanto, ainda é crescente, a cada ano, o número de crianças e/ou adolescentes encaminhados à adoção", ressaltou. O número de adoções em 2013 cresceu quase 3% em relação ao ano anterior. Em 2013 foram realizadas 106 adoções contra 103 em 2012.

**Adoção por estrangeiros**

Na segunda-feira passada, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) aprovou, durante sessão, uma resolução que permite que estrangeiros ou brasileiros residentes no exterior sejam incluídos no Cadastro Nacional de Adoção (CNA). O objetivo é aumentar as adoções de crianças mais velhas e de grupos de irmãos. Somente após publicação no "Diário de Justiça Eletrônico", a regra passa a valer. Atualmente, os estrangeiros não fazem parte do Cadastro Nacional de Adoção.

**SAIBA MAIS**

O GEAD-JP pode tirar as dúvidas pelo e-mail gead.jp@gmail.com ou pelos telefones 8893-5412 e 3242-2580.
Informações também podem ser obtidas na 1ª Vara de Infância e Juventude da Capital, pelo telefone 3222-6156.

DISTÚRBIOS DE COMPORTAMENTO

# Paraíba tem cerca de 30 mil autistas

**Difícil socialização e comportamento restritivo e repetitivo caracterizam a síndrome**

***Cleane Costa***
*cleanec@gmail.com*

De cada 100 nascidos nos países ocidentais, um é autista, segundo estudo da Organização Mundial de Saúde (OMS), observando-se uma prevalência no sexo masculino (há uma estimativa de que o autismo acomete de três a quatro meninos para cada menina). Com base nesses dados, estima-se que na Paraíba existam 30 mil autistas. No dia 2 de abril se comemora o Dia Mundial da Conscientização do Autismo.

Especialistas conceituam que o autismo é um transtorno global do desenvolvimento marcado por três características fundamentais: falta de habilidade para interagir socialmente, dificuldade no domínio da linguagem para comunicar-se ou lidar com jogos simbólicos e padrão de comportamento restritivo e repetitivo. A síndrome, até o momento, não tem cura.

Portanto, os pais devem ficar atentos: se uma criança apresenta dificuldades ou alterações nas áreas da comunicação, da interação social e no uso da imaginação, ela pode estar desenvolvendo o autismo. Estes distúrbios do comportamento costumam ser notados antes dos três anos de idade e o diagnóstico precoce do autismo permite a indicação antecipada de tratamento.

Essa, inclusive, é a principal dificuldade das famílias: falta capacitação médica para o diagnóstico precoce do autismo. Isso se deve principalmente ao fato de que não há um diagnóstico médico para os casos, ou seja, não se trata de uma síndrome que possa ser identificada por meio de um exame laboratorial ou de imagem. Assim o diagnóstico deve ser feito clinicamente, pela entrevista e histórico do paciente, analisando-se uma combinação de fatores. Uma vez feito o diagnóstico a criança deve ser encaminhada para um profissional especializado em autismo, para confirmação ou negação desse diagnóstico.

**Falta de profissionais**

Essa dificuldade enfrentada pelos familiares dos autistas foi experimentada pelo presidente da Associação de Pais, Amigos e Simpatizantes do Autista – Asas, Rodrigo Camboim, que tem um filho com autismo – hoje com 6 anos de idade. Ele comentou que também faltam profissionais capacitados para o tratamento da síndrome.

Camboim explicou que, quando teve o pré-diagnóstico de autismo do filho (pouco mais de um ano de idade), ficou meio perdido, sem saber para onde ir ou a quem recorrer. Foi até a Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência (Funad), mas na época não existia o atendimento que é prestado atualmente. Foi quando se juntou a outros pais de autistas e fundaram a Asas, em 2009.

O tratamento é multiprofissional e como existem poucos profissionais capacitados isso geralmente é muito caro, porque são poucos os órgãos públicos que cuidam do autista e, na opinião dos pais, não estão preparados e nem conseguem atender a demanda. "São poucos os profissionais capacitados e acredito que por isso mesmo eles chegam a cobrar valores absurdos", observou Rodrigo Camboim.

Danielly Lucena, mãe de uma criança autista, concorda que há precariedade de profissionais capacitados para atender o autista. Mas para ela, a maior dificuldade enfrentada é o preconceito das pessoas que não entendem a síndrome e pensam que os autistas são malucos. E a falta de conhecimento, segundo ela, leva as pessoas acharem que a criança vai melhorar.

Apesar de todas as dificuldades, Danielly conseguiu matricular o filho numa escola normal, outro problema enfrentado por pais de autistas, pois a maioria das escolas não aceita crianças com a síndrome. Ela explicou que conseguiu isso com a ajuda de uma facilitadora, "o que encarece bastante a escola, pois, caso não tenha esse tipo de profissional, a escola não aceita".

FOTO: Divulgação

*Criança autista enfrenta preconceito e a rejeição de maioria das escolas; síndrome acomete de três a quatro meninos para cada menina*

## Funad oferece tratamento para os portadores

A Funad é o único órgão público na Paraíba que trata autistas. Por meio do Serviço Especializado em Reabilitação Intelectual (SERI), realiza atendimento a 87 usuários com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Mas, segundo a coordenadora do setor, Wllyanna Mota, 94 crianças e/ou adolescentes com hipóteses diagnosticadas ou diagnóstico de autismo estão em lista de espera.

Segundo ela, o número da lista de espera tem aumentado nos últimos anos devido às abordagens que a mídia vem realizando sobre o assunto e aos avanços conquistados pela efetivação de políticas públicas voltadas às pessoas com deficiência. "A demanda vem aumentando, e por se tratar de serviço de reabilitação o fluxo de entrada é mais imediato, porém o fluxo de alta (saída) é mais demorado", explicou.

Na Funad são oferecidos os seguintes serviços de reabilitação: Setting Terapêutico (avaliação e confirmação de diagnóstico); atividades lúdicas; habilidades cognitivas; musicoterapia; atividade aquática; fonoaudiologia; psicologia e capoeira.

Wllyanna Mota disse que para ter acesso aos serviços prestados pela Funad é necessário procurar inicialmente a Coordenadoria de Triagem e Diagnóstico (Cordi), de segunda a sexta-feira, nos dois turnos (manhã e tarde), com atendimento por ordem de chegada. A pessoa deve estar munida de documentos pessoais como cartão do SUS; comprovante de residência; certidão de nascimento (crianças/adolescentes); CPF; carteira de identidade e uma foto 3X4. "A pessoa passará por uma pré-triagem com uma equipe multiprofissional, que concluirá os atendimentos com a emissão de um laudo diagnóstico e, posteriormente, será encaminhada aos serviços conforme a deficiência", completou.

**Asas**

As dificuldades encontradas na busca de um tratamento para os filhos autistas levaram alguns pais a se reunirem e criar a Associação de Pais, Amigos e Simpatizantes do Autista – Asas, que funciona numa casa localizada na Avenida Vasco da Gama, 1035, com o apoio do Governo do Estado, por meio da Secretaria de Estado e do Desenvolvimento Humano, e da Prefeitura de João Pessoa.

O presidente da entidade, Rodrigo Camboim, informou que lá são atendidos 17 autistas, no período da manhã e da tarde, de segunda a sexta-feira, mas existe uma lista de espera com cerca de 80 autistas. "Na medida em que vamos fechando novos convênios, conseguimos aumentar os atendimentos", observou, adiantando que no ano passado a Asas atendia a 11 autistas.

Na Asas, o atendimento é individual ou dois autistas para cada profissional. Isto porque cada um tem a sua característica: uns conseguem ser mais interativos, outros são agressivos e outros mais passivos, por exemplo.

A entidade utiliza os métodos ABA, PECS e Teacch, que são comprovados cientificamente e cujo objetivo maior é tornar os autistas mais independentes em todas as suas áreas de atuação, favorecendo uma melhoria na qualidade de vida das pessoas com autismo e suas famílias.

O ABA (Applied Behavior Analysis, em inglês) é um método de intervenção comportamental.

Já o PECS (Picture Exchange Communcation System) é um método para ensinar pessoas com autismo a comunicarem-se de forma funcional por intermédio da troca de figuras; e Teacch (Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children) é um programa psicoeducacional que trabalha com recursos visuais e estrutura do ambiente, como objetos, fotografias, imagens, pictogramas, palavras e qualquer outra sinalização que leve em conta os aspectos imagéticos do autista; fazendo uso também de cartões ilustrados como forma de indicar a rotina e/ou sinalizar a comunicação.

Continuação na página II

LÉSBICAS, GAYS, TRAVESTIS E BISSEXUAIS

# Violência aumentou com fim da lei contra a homofobia

***Akemi Nitahara***
*Da Agência Brasil*

A derrubada da Lei Estadual 3.406/2000, que define penalidades a estabelecimentos que discriminem pessoas por causa da orientação sexual, pode estar relacionada ao aumento da violência sofrida por lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e transgêneros. O tema foi discutido em audiência pública na última quinta-feira, promovida pela Comissão de Combate às Discriminações e aos Preconceitos de Raça, Cor, Etnia, Religião e Procedência Nacional da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj). De acordo com o presidente da comissão, deputado Carlos Minc, o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro revogou a lei em outubro de 2012 por vício de iniciativa, depois de ela "funcionar muito bem" por 12 anos. "A lei defini discriminação [e estabelecia] que agentes públicos que se omitissem [sobre o assunto] seriam punidos. Houve recurso por vício de iniciativa, porque deputado não pode legislar sobre funcionário público. O Tribunal de Justiça acatou a representação, mas não anulou só o artigo que falava de funcionário público. Aproveitaram um pouco de desinformação, e também conservadorismo da nossa Justiça, e passaram o cerol [mistura de cola com vidro moído que é aplicado em linhas de papagaios ou pipas] em toda a lei".

O superintendente de Direitos Individuais, Coletivos e Difusos da Secretaria Estadual de Assistência Social e Direitos Humanos, Claudio Nascimento, que também coordena o Programa Rio sem Homofobia, lembra que no ano passado houve 20 casos de assassinatos de pessoas vítimas de preconceito sexual no Estado, e neste ano já houve sete. "Temos uma situação concreta de discriminação e preconceito. Tem um sistema ideológico muito estruturado que vem conseguindo gerar esses níveis de violência. Estamos disputando esse debate na sociedade, mas a gente sabe que com o aumento do fundamentalismo religioso e político, o conservadorismo da sociedade, a ideia de limpeza moral, tudo isso contribui para a violência homofóbica".

O presidente do Grupo Arco-Íris, que organiza a Parada Gay do Rio de Janeiro, Júlio Moreira, lembra que a luta contra a homofobia também foi derrotada no Congresso Nacional. "Estamos num cenário político muito delicado, pela experiência que nós tivemos com o PLC 122 [Projeto de Lei da Câmara que criminaliza a homofobia], projeto que recebeu tantas emendas [que], no final, não passou. Então a gente precisa refletir sobre o que a gente quer. A gente precisa mostrar que a gente tem força". Para o estilista Carlos Tufvesson, responsável pela Coordenadoria Especial de Diversidade Sexual da prefeitura, as casas legislativas têm sido omissas com relação à homofobia e outras intolerâncias. "Nós nunca matamos tanto negros, homossexuais, mulheres, nunca tivemos tantos crimes de intolerância religiosa. Estamos nos tornando um país intolerante. O dado de aumento de 47% dos crimes de ódio foi publicado em junho e desde então nenhuma política pública foi adotada. A gente está vivendo um verdadeiro holocausto de cidadania no nosso país. Tudo que a gente constituiu e lutou está sendo destruído".

O vereador de Niterói Leonardo Jordano disse que não é possível dizer que a ausência de lei específica cause diretamente o aumento da violência homofóbica, mas há uma relação de causa e efeito entre os dois tópicos. "O descumprimento de leis é feito seletivamente, há diversas leis sendo descumpridas e só a que ataca problemas ligados ao movimento LGBT foi revogada".

# Distúrbios do comportamento

## Atenção multidisciplinar é primordial para a criança

Recentemente, a novela Amor à Vida, da Rede Globo, causou uma polêmica em torno do personagem Linda, que era autista e, ao longo da ficção, passou a ter um relacionamento amoroso. Na época, a Associação Brasileira de Psiquiatria – ABP divulgou nota de esclarecimento, afirmando que a personagem não apresentava comportamento compatível ao encontrado em pacientes autistas.

Ainda segundo a ABP, no começo da novela Linda apresentou comportamentos de autista, mas depois "mostrou uma evolução muito rápida e inverossímil para uma paciente que começou o tratamento já na idade adulta e com apenas um psicólogo. Vale ressaltar que o paciente autista precisa de atenção multidisciplinar. É preciso a avaliação de psiquiatra, psicólogo, fonoaudiólogo, fisioterapeuta, e dependendo das limitações do paciente outros profissionais serão necessários. Os resultados podem ser lentos e os pais e responsáveis de autistas precisam saber disso".

Casos de autismo também já estiveram presentes no cinema, como no filme Rain Man, de 1988, em que o ator Tom Cruise interpreta o irmão que aprende a entender e conviver com o irmão autista, vivido por Dustin Hoffman. Na série de TV americana The Big Bang Theory, o personagem Sheldon Cooper demonstra o que poderiam ser considerados sintomas da Síndrome de Asperger. Em 1999, a norte-americana Temple Grandin, portadora de um nível brando de autismo, publicou a autobiografia "Uma menina estranha" (lançada em 2009 no Brasil), em que narra fases de sua vida até se tornar uma profissional bem-sucedida com diploma de PhD em Ciências Animais. Para ajudar a conscientizar os brasileiros, Maurício de Souza criou André, o amiguinho autista que entrou para a turma da Mônica em 2009.

No final do ano passado, o cartunista Ziraldo lançou a cartilha "Autismo: Uma Realidade", que explica o passo a passo do desenvolvimento do autista, e foi elaborado para ser entregue a professores, pais e alunos que não fazem parte do universo do autismo. A ONU instituiu o dia 2 de abril como o Dia Mundial da Consciência do Autismo, para mostrar ao mundo que há pessoas um pouco diferentes das outras, mas que, na sua essência, são tão humanas quanto as outras.Alguns conseguem mesmo constituir família e ter uma vida profissional normal. Para lembrar a data, entidades que cuidam de pessoas com a síndrome promoverão a III Caminhada de Conscientização do Autismo, a partir das 19h, saindo do Busto de Tamandaré até o Hotel Tambaú. Durante o dia, na Funad, haverá uma manhã de lazer na piscina externa, onde será servido um lanche para os autistas. Também haverá um espaço destinado a jogos e brincadeiras.

### Saiba mais

● ***Sinais de autismo(comuns antes dos dois anos de idade)***

Não aponta;
Não balbucia;
Não fala palavras soltas aos 16 meses;
Não fala palavras-frases com dois anos;
Perda da linguagem em qualquer época;
Não brinca simbólicamente (com bonecos, de casinha, por exemplo);
Pouco interesse em fazer amizades;
Mantém atenção por muito pouco tempo;
Não responde quando chamado pelo nome;
Indiferente às pessoas;
Faz pouco ou nenhum contato de olhar
Movimentos de corpo repetitivos, tais como balançar de mãos e de corpo;
"Crises de birra" intensas;
Fixação em certos objetos, como ventiladores rodando;
Resistência à qualquer mudança nas rotinas;
Hipersensibilidade a certos sons, texturas ou odores
*(fonte: http://maoamigaong.trix.net/guiaparapais.htm)*

**ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA – EDITAL DE CONVOCAÇÃO.**

Na forma do artigo 14 do Estatuto da Federação Paraibana de Ciclismo, tenho a honra de convocar os Presidentes das Entidades filiadas, para se reunirem em Assembléia Geral Extraordinária, no dia 07 de abril de 2014, as 09h:00 min., em primeira convocação e, as 09h:30min em segunda e última convocação, com o quórum presente, na sede do Sindicato dos Corretos de Imóveis da Paraíba, situada a rua dos Camarões, Sn , Ponta do Seixas, nesta Capital, para eleger Presidente e Vice-Presidente, para conclusão do mandato de quatro anos iniciado em Outubro de 2013, nos termos do artigo supra mencionado.

Ainda por meio deste, faço saber que, as inscrições das Chapas , deverão ser apresentadas perante a Comissão eleitoral constituída em Assembléia Ordinária, acompanhadas das respectivas documentações exigidas em estatuto, na sede provisória da FPC, situada a Rua Tocantins, N 45, Bairro dos estados, João Pessoa, nesta capital de 03 a 05 de abril, das 09h:00min. às 18h:00min. Prazo improrrogável.

João Pessoa, 28 de Março de 2014.

**Valdemar Medeiros do Nascimento.**

MUSEU do PATRIMÔNIO VIVO

*www.museudopatrimoniovivo.blogspot.com ou museupatrimoniovivo@gmail.com*

# Museu em processo: o relato de experiência da localidade de Lucena

"Parar para ouvir a história de uma pessoa é uma coisa muito importante, muito séria", já diziam sábias vozes por este país afora. Com esta perspectiva de seriedade e com os sentidos aguçados, os agentes culturais do Museu do Patrimônio Vivo seguem com estas ferramentas de pesquisa para finalização das fichas de inventário dos bens culturais imateriais. Entre uma ficha e outra encontram tempo para partilhar suas pesquisas através das aulas de campo que, além de aproximar os ofícios, formas de expressão, lugares e celebrações da localidade, proporcionam o exercício da produção cultural, assim como o cuidado com os de fora e de dentro da comunidade.

Com este direcionamento, a equipe do Museu foi à última visita de campo no bairro Alto do Mateus, no sábado (15), sendo acolhida por João Bico de Ouro, coordenador da Orquestra de Frevo Bico de Ouro, e por Chico Ribeiro, conhecido por sua atuação junto ao grupo de forró Os Cabras de Mateus, assim como com a por seu trabalho com a marcenaria, mais especificamente a confecção de jogos e brinquedos. "Quem faz cultura, mexe com pessoas. É um processo de encantamento, um sentimento mágico. Um país sem cultura é um país oco, sem coração: perde soberania", acrescenta Chico Ribeiro.

Ainda como espaço de acolhida deste mês de março, os agentes culturais e colaboradores também visitaram Lucena, conforme descreve a agente cultural da localidade, Erica Michele Melo da Silva: "O Museu do Patrimônio Vivo da Grande João Pessoa esteve em Lucena no dia 08 de março de 2014, com agentes de outras localidades e coordenadores, fazendo uma visita de campo. Lá pôde ser observado o convívio dos moradores, a praia e realizadas entrevistas com pessoas ligadas à cultura, como Seu João Sabino – que além de dançar nos Cambindas Brilhantes é um embolador de coco – e a secretária de Cultura, Ernestina Cornélio, que falou um pouco de como se dá essa cultura da cidade, explicando o que são Cambindas Brilhantes, Pesca, Coco, Lapinha, dentre outros. Também se pôde observar a Igreja de Bom Sucesso, que se encontra em ruínas e por isso é chamada de Ruínas de Bom Sucesso.

"Atualmente Lucena participa do Projeto Museu do Patrimônio Vivo Da Grande João Pessoa, cujos agentes culturais são Alencar Falcão Chagas e Erica Michele Melo da Silva. O papel dos agentes culturais é pesquisar sobre determinadas localidades da cidade, fazendo um levantamento de como se dão os bens culturais que nelas existem e inventariando os mesmos. Os bens escolhidos pelos agentes culturais de Lucena para inventariar foram os Cambindas Brilhantes, o Coco de Roda e a Pesca Artesanal para que se tenha mais divulgação e valorização. Além destes bens, também destacamos a Lapinha, para que possivelmente possa haver um projeto de salvaguarda deste bem, assim como os artesãos, trepadores de coco, contadores de lenda, rezadeiras e parteiras. "Lucena é uma cidade que fica a 43km de João Pessoa, situada entre as cidades de Cabedelo e Santa Rita. Para se chegar em Lucena por Cabedelo tem que se atravessar um rio, onde essa travessia é feita através de Balsa, que consiste em uma plataforma de ferro sobre a água que é puxada por um rebocador ou através de uma lancha, que consiste em um ônibus em cima de um barco. Já por Santa Rita, se tem o percurso dos 43km por BR e estradas asfaltadas. Lucena se tornou cidade há 52 anos, se desmembrando da cidade de Santa Rita no dia 22 de dezembro de 1961. Seus moradores são pacíficos e todos se conhecem. Em Lucena tem aproximadamente 12.460 habitantes, segundo o IBGE 2013, tendo Escolas, Centros de Saúde, Esportivos e Culturais, Praças e Assistência Social. Lucena também é conhecida por sua beleza natural que pode ser vista em suas praias, na zona urbana, como na barreira de Bom Sucesso e edificações, como as Ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso, e o Santuário de Nossa Senhora da Guia, que ficam na zona rural".

O Projeto Museu do Patrimônio Vivo da Grande João Pessoa é proposto por Pablo Honorato Nascimento, realizado pelo Coletivo Jaraguá e financiado pelo Fundo de Incentivo à Cultura (FIC), do Governo do Estado. Tem como parceiros o Jornal **A União**, o Iphan-PB e a UFPB através do Núcleo de Arte Contemporânea (NAC). Maiores informações pelo www.museudopatrimoniovivo.blogspot.com, facebook.com/MuseuDoPatrimonioVivoDeJoaoPessoa ou museupatrimoniovivo@gmail.com.

# Goretti Zenaide

gzenaide@gmail.com @letazenaide gorettizenaide

**Ele disse**

**"Eu desconfio que a única pessoa livre, realmente livre, é a que não tem medo do ridículo"**

LUIS FERNANDO VERÍSSIMO

**Ela disse**

**"Pior que medo de alma do outro mundo é o medo da alma do mundo do outro"**

ADÉLIA PRADO

## Turismo

**TERMINA** *hoje* na Arena Recife, em Pernambuco a 23ª edição da Brazil National Tourism Mart, mais conhecida como BNTM 2014. A bolsa de turismo, promovida pela Fundação CTI Nordeste reúne agentes, operadores de viagens e representantes do trade turístico nacional, entre este a PBTur, o Convention Bureau de João Pessoa, prefeituras do Conde, Campina Grande e João Pessoa participam.

FOTO: Goretti Zenaide

*Arquitetos Ioneide e Raul Gomes, ela é a aniversariante de hoje*

## Era 3.0

**A MODERNIDADE** chega aos restaurantes do Rio e São Paulo, que criaram aplicativos, oferecendo tablets ou criado QR Codes (símbolos que podem ser traduzidos por câmeras de celular), para substituir os cardápios. Ótimo para estrangeiros!

## Copa do Mundo dos Robôs

**A ROBOCUP 2014,** que vai ser realizada em julho na Paraíba, no Centro de Convenções de João Pessoa, foi tema de discussão no Programa Navegador, da Globo News, na última segunda-feira.

Tida como a Copa do Mundo dos Robôs, trata-se de uma competição internacional promovida pela RoboCup Federation, aberta a competidores de todos os países, sendo a primeira vez que o Brasil sedia o evento.

FOTO: Dalva Rocha

*Estimados Klimene e Beto Jurema, ele é o aniversariante deste domingo*

## Moda brasileira

**COMEÇA AMANHÃ** a 37ª edição da São Paulo Fashion Week que vai trazer às passarelas da semana de moda paulista a temporada Verão 2015 das principais marcas de roupas do país.

O evento, que vai falar sobre moda e arte, com curadoria do fotógrafo Eder Chiodetto, acontece até a próxima sexta-fei ra no recém-inaugurado Parque Cândido Portinari.

## Antes e depois

**SERÁ** nesta terça-feira o lançamento do livro do jornalista Wills Leal, "Primeiro de Abril, antes e depois de 64". O evento está marcado para às 18h30 na rampa do Tropical Tambaú.

FOTO: Dalva Rocha

*O aniversariante de amanhã, Fernando Lianza Dias, Fernando Cunha Lima, Astênio Fernandes, Alberto Jorge Sales, Júlio Paulo Neto e Saulo Benevides*

## CONFIDÊNCIAS

JORNALISTA

ROSA DALVA CABRAL DE AGUIAR

**Apelido:** não tenho. A única pessoa que me deu um apelido e também só ele assim me chama é José Octávio de Arruda Melo. Desde pequena ele me chama de Odinha.
**Melhor FILME:** "Hair" que assisti aos 14 anos e que me influenciou para escolher se eu seria uma "patricinha" ou iria enveredar para a contestação da ordem social. O filme, embora faça apologia às drogas, que eu condeno, e ao movimento hippie, ele é muito autêntico na luta contra o preconceito, contra a guerra do Vietnã e é totalmente a favor da paz. Além do mais a trilha sonora é fantástica!
**Melhor ATOR:** Jack Nicholson
**Melhor ATRIZ:** Fernanda Montenegro
**MÚSICA:** a música "Come What Way" do filme Moulin Rouge.
**Fã do CANTOR:** Rod Stewart e Caetano Veloso
**Fã da CANTORA:** Marisa Monte
**Livro de CABECEIRA:** um livro que gostei muito foi "Diário de Anne Frank". Acabei de chegar da Holanda e fui visitar sua casa porque sempre admirei essa menina que aos 13 anos de idade descreveu de forma impressionante os horrores da Segunda Guerra Mundial.
**ESCRITOR**: Jorge Amado
**Uma MULHER elegante**: a atriz Angelina Jolie
**Um HOMEM Charmoso:** eternamente o ator Richard Gere. Ele é bonito por dentro e por fora.
**Uma SAUDADE:** de quando meu filho era pequeno porque agora ele bateu asas e ainda não me acostumei em ele morar tão longe, em Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia.
**Pior PRESENTE:** dinheiro. Todo aniversário eu só ganhava dinheiro e achava isso muito chato porque as pessoas não tinham nem o trabalho de me comprar um presente!
**Um LUGAR Inesquecível:** são muitos mas ainda em primeiro lugar está Machu Picchu que me diz muita coisa. É um lugar místico, tem toda aquela história de uma civilização perdida, gosto muito.
**VIAGEM dos Sonhos:** já viajei um bocadinho, mas se tiver que escolher seria um lugar exótico, como por exemplo as Ilhas Seychelles, no continente africano.
**QUEM você deixaria numa ilha deserta?** as pessoas grosseiras.
O que **DETESTA fazer?** acordar cedo.
**GULA:** por frutos do mar.
**Um ARREPENDIMENTO:** nenhum arrependimento na vida. Mesmo as besteiras feitas trouxeram ensinamento.

"O melhor filme foi Hair que assisti aos 14 anos e que me influenciou para escolher se eu seria uma patricinha ou iria enveredar para a contestação da ordem social. O filme, embora faça uma apologia às drogas que eu condeno e ao movimento hippie, é muito autêntico na luta contra o preconceito, contra a Guerra do Vietnã e é totalmente a favor da paz. Além do mais a trilha sonora é fantástica!"

## Dois Pontos

● ● Dois brasileiros dos mais famosos no mundo, Gisele Bündchen e Neymar vão posar juntos para as lentes do talentoso fotógrafo peruano Mário Testino.

● ● Serão capa e matéria em homenagem à Copa do Mundo da revista Vogue Brasil.

## Parabéns

**Domingo**: economista Beto Jurema, deputada Nilda Gondim, Sras. Magna Duarte Mariz e Adriana Dore, executivo Juarez Guedes, arquiteta Ioneide Dantas.
**Segunda-feira:** jornalistas Nelson Coelho e Rosa Aguiar, médicos Grinberg Botelho, Augusto Almeida Júnior e Fernando Lianza Dias, Sra. Miriam Amar, executivo Mário Sérgio de Araújo.

## Carne seca em Londres

**FOI INAUGURADA** esta semana em Londres a mostra "Designs of The Year", que vai até agosto deste ano no Design Museum, reunindo o melhor do design gráfico, mobiliário, arquitetura e moda.

Entre os estilistas convidados para participar da mostra está o mineiro Ronaldo Fraga que expõe parte da coleção "Carne seca ou um turista aprendiz em terra áspera", inspirada no Sertão brasileiro.

## Zum Zum Zum

● ● ● O médico paraibano Ítalo Kumamoto após conferir o Congresso da Socesp em São Paulo, seguiu para Washington, EUA, onde participa do Congresso do American College of Cardiology que acontece até amanhã.

● ● ● **O Boticário está destacando a perfumaria masculina lançando novas campanhas para as fragrâncias Malbec e Quasar. As campanhas tem assinatura da AlmapBBDO e são dirigidas para perfis diferentes de homens.**

● ● ● O Esporte Clube Cabo Branco vai promover animada festa pelo Dia das Mães com participação da Orquestra Mistura Fina, do maestro Vianey. Será no segundo sábado do mês de maio.

Treze e Bota voltam a jogar no Estádio Presidente Vargas

Página 15

## ALERTA ÀS MULHERES

# Peso da bolsa pode prejudicar a coluna

**Para especialistas, carregar objeto pesado nos ombros causa dores das costas**

***Nádya Araújo***
*Especial para* ***A União***

Levar na bolsa somente o necessário. Esta é uma precaução que pode evitar alguns males na coluna, diz o ortopedista Luciano Lyra. Um costume mais frequente entre as mulheres é o de carregar na bolsa vários itens que muitas vezes são desnecessários, tornando-a mais pesada. Carregar peso indevido nos ombros pode resultar em dores nas costas e problemas posturais. Segundo o doutor Luciano, não existe um peso padrão para se carregar, isso varia com o estado físico da pessoa que está portando. Por exemplo, uma pessoa que pratica atividades físicas regularmente, o peso pode ser de 7% até 10% do peso corporal, já uma pessoa considerada sedentária, o peso não deve ultrapassar os 5%.

Modelos de bolsas que são usadas no antebraço, de acordo com o peso e tempo de uso, podem sobrecarregar a musculatura e em curto prazo, o peso excessivo pode provocar epicopedilite, e até mesmo uma cervicalgia, que são dores na coluna cervical radiando para a dorsal, dores nos tendões e ombros. Em longo prazo, o peso das bolsas pode afetar o equilíbrio postural, acarretando em diversos males, tais como: uma escoliose, que é o desvio lateral da coluna, principalmente se a bolsa for carregada constantemente em um único lado, seja nos braços ou ombro, além de sobrecarregar a musculatura e a parte tendínea do músculo, causando inflamações e dores crônicas. O uso contínuo também pode causar lesões nas articulações do punho e cotovelo, no caso de quem usa a bolsa pendurada no braço.

A estudante Danise Oliveira sabe muito bem como é sentir essas dores. Ela diz que costumava levar vários objetos na bolsa e como usava as maiores, o peso era inevitável. "Eu agia totalmente errado. Por que eu sabia que tinha coisas que eu não iria usar naquele dia, mas, mesmo assim eu deixava dentro da bolsa. Eram: escova de cabelos, de dente, bolsinhas com maquiagens, cremes, perfumes, além de celular, carregador, documentos, papéis que eu não precisava. Mas tudo ia se acumulando dentro da bolsa e eu não ligava de tirar", conta. Mas, o uso contínuo de toda essa carga, resultou em problemas físicos. "Eu sentia muitas dores na coluna, precisei fazer fisioterapia para poder melhorar um pouco e hoje eu só levo comigo o que vou realmente usar", acrescenta.

Ainda de acordo com o ortopedista, as bolsas tiracolo devem ser usadas como um acessório, assim como é um colar, uma pulseira, por exemplo. "Caso precise transportar alguma coisa, o indicado é fazer uso das mochilas ou bolsas transpassadas, estes modelos ajudam a distribuir melhor o peso pelo corpo. No caso de bolsas com alças transversais, é preciso lembrar-se de fazer uma troca de lados constantemente", explica.

FOTO: Divulgação

*A maioria das mulheres carrega na bolsa vários itens que muitas vezes são desnecessários, tornando-a mais pesada*

### Dicas do ortopedista

- Sempre escolher o que é de fato necessário para levar na bolsa.
- Optar por modelo de bolsas menores, que limitam o número de itens.
- Organizar o chaveiro e levar somente as chaves essenciais.
- Não carregar muitas moedas.
- Organizar itens carregados na bolsa de forma que ela não tombe para trás ou para o lado.
- Utilizar versões menores de produtos de maquiagem.
- Não transportar livros ou cadernos em bolsa a tiracolo.
- Revezar a alça nos ombros durante a caminhada.
- Ajustar a altura e largura das alças.

## TRÊS PONTOS

**I** - Com o bom resultado dos governos regionais, o setor público brasileiro surpreendeu e registrou superávit primário de 2,130 bilhões de reais em fevereiro, muito melhor do que o esperado. Com o desempenho, no mês passado, a economia para pagamento de juros da dívida ficou em 1,76 por cento do Produto Interno Bruto (PIB) em 12 meses, aproximando-se da meta ajustada para o ano, de 1,9 por cento, informou o Banco Central nesta sexta-feira. Analistas consultados pela Reuters mostrava que as expectativas eram de saldo primário negativo de 500 milhões de reais. Em fevereiro, os Estados e municípios registraram saldo primário positivo de 5,468 bilhões de reais, somando no ano superávit de 12,709 bilhões de reais. **(REUTERS)**

**II - A economia mundial está na fase final de recuperação da crise econômica iniciada em 2008, com a bolha financeira nos Estados Unidos. O diagnóstico foi dado nesta sexta-feira pelo Ministro da Fazenda, Guido Mantega, durante aula magna sobre economia brasileira a alunos da Fundação Getulio Vargas (FGV), em São Paulo. O ministro vê a economia mundial "no limiar de um novo ciclo de expansão para os próximos anos". O crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) global deste ano deverá ser maior do que o ano passado que, por sua vez, foi maior do que 2012. A crise, segundo Mantega, foi fruto do fim de um ciclo de alto crescimento da economia mundial puxado pelos emergentes entre 2000 e 2007.** (Valor Econômico)

**III** - "Acendeu o sinal amarelo", disse à BBC Brasil o analista Christopher Garman, diretor para mercados emergentes do Eurasia Group. "O medo de perder o grau de investimento deve impactar na maneira como o governo gerencia sua política macroeco-nômica", afirma. Para Otto Nogami, professor de economia do Insper, a decisão pega o Brasil em um momento crítico, de dependência elevada em relação ao capital estrangeiro e baixo desempenho da balança comercial no ano passado, que teve o pior saldo desde 2000. "A decisão da Standard & Poor's de rebaixar o Brasil antes da eleição acaba aumentando a probabilidade de que, depois do pleito, um eventual segundo governo de Dilma Rousseff venha a fazer um ajuste um pouco mais construtivo e amigável ao mercado", avalia. **(BBC Brasil)**

## FÓRUM DE NEGÓCIOS

Aconteceu na última quinta feira I Fórum de Negócios da região metropolitana de João Pessoa, durante o evento foi apresentado o Projeto da Região Integrada de Desenvolvimento (RID), ação que integrará municípios da Paraíba e Pernambuco. Compareceram ao evento mais de 250 gestores e empresários, brasileiros, portugueses e italianos.

Foi realizado um "talk show", mediado pelo jornalista Jean Gregório, com a participação do Presidente da Federação das Indústrias da Paraíba, Francisco Gadelha, o Governador do Estado, Ricardo Coutinho e da Prefeita do Conde, Tatiana Corrêa.

O Presidente da FIEP discorreu sobre as muitas possibilidades que a Paraíba oferece. Oportunamente, Francisco Gadelha informou que o SENAI tem 4 milhões de alunos, o que faz da instituição a maior da América Latina, a informação foi aplaudido e efusivamente festejada pelos presentes.

A participação da Federação das Indústrias nesses importantes momentos do Estado é a reafirmação do seu compromisso com o desenvolvimento da Paraíba, através do destaque merecido e devido ao maior propulsor do desenvolvimento: A INDÚSTRIA.

*Presidente da FIEP Participa do I Fórum de Negócios da Região Metropolitana de João Pessoa*

## SENAI OFERECE 610 VAGAS

O SENAI está oferecendo, em nível nacional, 26 mil vagas em cursos técnicos com a realização da primeira edição 2014 do SISUTEC, esse número representa um crescimento superior a 100% nas vagas ofertadas em 2013 (11 mil). Na Paraíba o SENAI está disponibilizando 610 vagas.

Os cursos oferecidos são nas áreas de Mineração, Segurança do Trabalho, Soldagem, Produção de Moda, Edificações, Eletromecânica, Eletroeletrônica, Vestuário, Panificação, Mecânica, Manutenção e Suporte em Informática e Calçados. Atendendo às demandas do setor industrial.

O Sistema de Seleção Unificada da Educação Profissional e Tecnológica (Sisutec) é o sistema informatizado, gerenciado pelo Ministério da Educação (MEC), no qual instituições públicas e privadas de ensino superior e de educação profissional e tecnológica oferecem vagas gratuitas em cursos técnicos na forma subsequente para candidatos participantes do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Os candidatos devem obter informações e efetivar suas inscrições no portal **SISUTEC.MEC.GOV.BR**. Para maiores esclarecimentos existe a possibilidade de contato telefônico: (83) 2101-5398/5388.

## MBA EM LOGÍSTICA EMPRESARIAL

Foi promovido, recentemente, um evento pelo IEL, a Faculdade Maurício de Nassau e a Associação Nordestina de Logística (ANELOG) que marcou, em Campina Grande, o lançamento da II Turma de MBA em Logística. Na ocasião, o presidente da ANELOG, Fernando Trigueiro, também fez o lançamento da Feira de Negócios MOVIMAT Transporte e Logística do Nordeste, evento que acontece entre os dias 25 e 28 próximos, no porto de Suape, em Pernambuco, com intuito de aproximar empresários nordestinos ao dinâmico mercado dos fornecedores de logística do Brasil.

As inscrições para o Curso de Pós-graduação em Logística Empresarial já estão abertas e têm caráter de pré-matrícula, que formaliza a intenção do candidato em integrar a segunda turma do MBA. Informações complementares podem ser obtidas, em Campina Grande, (83) 2101-5321/ 2101-5378 e, em João Pessoa, (83) 3421-6003/ 3421-6570.

*Primeira turma do MBA durante aula*

# 50 anos do golpe militar de 64 serão relembrados por várias universidades

**Vários ex-presos políticos ou seus familiares estarão presentes nos eventos**

***Marcos Tadeu***
*mtleao@gmail.com*

Várias atividades pedagógicas, artísticos, cultural, manifestos, protestos panfletagem, debates, caminhadas e exposições serão realizados por várias instituições, entidades, associações, sindicatos e ONGs durante todo o mês de abril na Paraíba, para protestar contra o golpe militar de 1964.

Ao completar no próximo dia 31, 50 anos, nenhum dos envolvidos nos atos da repressão cometidos contra a sociedade foi penalizado, nem que fosse com um dia de cadeia, por suas atrocidades e injustiças.

Vários ex-presos políticos ou seus familiares estarão presentes nos eventos de protestos.

Ainda no dia 31 de março, segunda-feira, a Universidade Federal da Paraíba - UFPB - realizará a Caminhada da Resistência com saída do trevo próximo ao CCHLA em direção ao Mercado Público do bairro do Castelo Branco.

Também será realizada uma audiência no Palácio da Redenção para a entrega do relatório de um ano de atividades da CEVPM-PB.

Dentro da programação dos protestos para lembrar o golpe militar, será realizada uma concentração em frente a Faculdade Maurício de Nassau, na Avenida Epitácio Pessoa, e em seguida a caminhada seguirá em direção a praia, onde haverá uma programação cultural, ecumênica e política.

Também haverá distribuição de 50 mil panfletos no Ponto de Cem Réis.

A Câmara Municipal de João Pessoa realiza também a Caminhada da Resistência com saída do Parque Solon de Lucena (Lagoa), em direção a Casa de Napoleão Laureano, sede do Legislativo Municipal. Será apresentado um abaixo-assinado em apoio ao projeto popular para a mudança dos nomes de ruas e prédios públicos que façam alusão ou homenagem a pessoas que participaram do regime militar de 1964 a 1985.

Na programação dos manifestos, consta atividades de protestos no memorial das Ligas Camponesas, localizado na Barra de Antas, município de Sapé, distante 50 quilômetros da capital, visitação dos alunos das escolas públicas da região ao Memorial das Ligas Camponesas; visitação aberta ao público com exposição de acervo, e exibição de vídeos sobre a luta no campo, entre outros.

A Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória do Estado da Paraíba, Associação dos Docentes da UFPB (Adulf-PB), Associação dos Estudantes Secundaristas, Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-PB), Coletivo Desentoca (Direito UFPB), Conselho Estadual dos Direitos Humanos, Memorial Ligas Camponesas, Sindicato dos Bancários na Paraíba,Sindicato dos Jornalistas da Paraíba, Movimento Espírito Lilás (Mel), Movimento dos Trabalhadores dos Sem Terra, Central Única dos Trabalhadores, entre outros, realizarão atividades para lembrar um período de "nuvens negras" que um regime autoritário pode impor a seu povo que foi o golpe de 31 de março de 1964.

## Fim da era Jango tem programação

O golpe militar de 1964 expõe o conjunto de eventos ocorridos em 31 de março de 1964 no Brasil, que culminaram, no dia 1 de abril de 1964, com um golpe de estado que encerrou o governo do presidente João Goulart também conhecido como Jango.

Os militares brasileiros a favor do golpe costumam designá-lo como Revolução de 1964 ou Contrarrevolução de 1964. Em geral, a expressão é associada a defensores da ditadura.

Jango havia sido democraticamente eleito vice- presidente pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) – na mesma eleição que conduziu Jânio da Silva Quadros do Partido Trabalhista nacional (PTN) à presidência, apoiado pela União Demoicrárica Nacional (UDN).

O golpe estabeleceu um regime alinhado politicamente aos Estados Unidos e acarretou profundas modificações na organização política do país, bem como na vida econômica e social. Todos os cinco presidentes militares que se sucederam desde então declararam-se herdeiros e continuadores da prodridão humana que foi a Revolução de 1964.

O regime militar durou até 1985, quando Tancredo Neves foi eleito, indiretamente, o primeiro presidente civil desde 1964.

**UEPB**

De 31 de março a 4 de abril a Universidade Estdual da Paraíba promove um série de exibições de longas-metragens e documentários que abordam o período ditadura militar no Brasil, no auditório I da Central de Aulas, campus de Bodocongó, em Campina Grande. Além das exibições, será apresentado o relatório de trabalho da Comissão da Verdade na Paraíba.

Para o professor José Benjamim, presidente da Comissão da Memória e da Verdade da UEPB, "essas atividades são muito importantes para mostrar à comunidade acadêmica o que aconteceu nesse período, principalmente aos mais jovens" afirmou.

### Confira o que acontecerá

| *Segunda-feira (31/3)* | *Terça-feira (1/4)* | *Quarta-feira (2/4)* | *Quinta-feira (3/4)* | *Sexta-feira (4/4)* |
|---|---|---|---|---|
| 9h e 19h - Auditório I - Documentário "O dia que durou 21 anos", dirigido por Camilo Galli Tavares; | 9h e 19h - Auditório I - Filme "Cabra marcado para morrer", dirigido por Eduardo Coutinho; | 9h e 19h - Auditório I - Filme "Batismo de Sangue", dirigido por Helvécio Ratton; | 9h - Auditório I - Apresentação do relatório de trabalhos da Comissão da Verdade da Paraíba<br>Palestrantes: professor Fábio de Freitas e Waldir Porfírio; | 9h - Auditório I - Filme "Cabra marcado para morrer", dirigido por Eduardo Coutinho; |
| 18h - Instalação da exposição "Opressão e Resistência", com obras de estudantes da UEPB; | 15h - Ação de grafite "1964 Nunca mais"; | 20h - Ato musical na Central de Aulas - "A importância dos festivais na luta pela democracia". | 19h - Auditório I - Documentário "O dia que durou 21 anos", dirigido por Camilo Galli Tavares. | 19h - Auditório I - Lançamento de livro. |

FOTO: Divulgação

*Uma das principais bandeiras do então presidente da República João Goulart, a reforma agrária, esteve no centro do embate político*

## Pela cidade

### Novos voos

Dentro do plano de expansão das companhias aéreas que já operam na Paraíba, o aeroporto João Suassuna está inserido nos estudos para início de operações da Avianca e Azul, além do início de fretamentos de voos em parceria com a Operadora CVC. A informação é da Secretaria de Turismo do Estado. A Avianca receberá sete aviões A-320 para reforçar a sua frota.

### Tropa Campina

A equipe Tropa Campina, de futebol americano, está selecionando atletas que sejam estudantes da UEPB. As inscrições podem ser feitas na Coordenadoria de Esporte e Lazer (COEL), no Departamento de Educação Física – CG. Os interessados devem apresentar o RDM e a ficha de inscrição devidamente preenchida. Mais informações no telefone 3315-3328 ou na página da COEL http://sites.uepb.edu.br/coel/.

### Seletiva

Para que sejam definidos os novos integrantes da equipe, no sábado, dia 5 de abril, às 14h, haverá uma seletiva no Campo do Biotério, ao lado do DEF, espaço que será utilizado exclusivamente pelo Futebol Americano.

### ● EM NOVO HORÁRIO

O Museu Assis Chateaubriand (MAC) da UEPB terá novo horário de funcionamento a partir de amanhã, quando vai estar aberto de segunda a sexta-feira, 13h30 às 18h30, podendo o visitante permanecer até as 19h. Aos sábados, domingos e feriados o museu estará fechado. A alteração é motivada pelo processo de adequação predial e proteção do acervo permanente do museu.

### ● CONQUISTA

A estudante, Ana Maria da Costa Ribeiro, ganhou um prêmio internacional de tecnologia, ao criar um aplicativo capaz de agilizar a triagem médica de pacientes. Ana e seu professor Marcelo Portela, do IFPB Campina Grande, desenvolveram para o sistema Android o projeto "Classificação do grau de emergência médica de pacientes utilizando Inteligência Artificial".

### Na Febrace

O prêmio 'Intel Excellence in Computer Science Award', foientregue durante a Feira Brasileira de Ciências e Engenharia (Febrace). De acordo com o professor Marcelo Portela, a conquista é um indicador do potencial que o campus de Campina Grande possui para explorar estudos na área de Inteligência Artificial.

### Orbitall

Empresa de processamento de cartões, agora é parceira das universidades em Campina Grande. A companhia fechou acordos com a Unesc, Mauricio de Nassau, Facisa e Anglo Americano, instituições de Ensino Superior instaladas no município, onde os alunos contratados pela empresa ganham descontos de 15% a 30% em suas mensalidades.

### Mudança de endereço

A Secretaria de Saúde da Prefeitura Municipal de Campina Grande informa que, a partir de amanhã, a Gerência de Vigilância Sanitária – Gevisa, que atualmente funciona no Serviço Municipal de Saúde no bairro da Prata, passará a funcionar em novo endereço.

### Nova sede

A nova sede da Gevisa será na Rua Manoel Elias de Araújo, número 586, no Jardim Tavares. A rua fica paralela à Avenida Floriano Peixoto, no trecho após o Viaduto Elpídio de Almeida. Por causa da mudança, os atendimentos externos do órgão estiveram suspensos.

# Treze e Botafogo voltam a jogar no Estádio Presidente Vargas

**Clássico é um dos mais esperados da rodada de hoje pelo Paraibano**

*Ivo Marques*
*ivo_esportes@yahoo.com.br*

FOTOS: Divulgação

*Ano passado, as duas equipes decidiram o título estadual e o Botafogo levou a melhor sobre o Galo*

Depois de 13 anos, o clássico tradição está de volta ao Estádio Presidente Vargas, em Campina Grande. Treze e Botafogo se enfrentam hoje, às 17h, pela quarta rodada do segundo turno do Campeonato Paraibano. A última vez que os dois times se enfrentaram no PV foi em 17 de outubro de 2001, pelo grupo C do Campeonato Brasileiro da Série C, e o placar terminou empatado em 1 a 1. Agora, os dois times lutam para assumir a liderança da competição, que pode vir com uma vitória e tropeços de Sousa e Campinense, nos outros jogos. O árbitro escolhido para esta partida foi Renan Roberto, de João Pessoa, auxiliado por Kilden Tadeu, de Patos e Oberto Santos, de Santa Rita.

Nos últimos dez confrontos pelo Paraibano, a vantagem é do Botafogo com cinco vitórias contra quatro do galo e apenas um empate. A maior goleada do Treze sobre o Botafogo foi de 4 a 0, no Campeonato Paraibano de 2011. No último clássico tradição, disputado em maio do ano passado, o Belo goleou o adversário, em pleno Estádio Amigão, por 3 a 0, e conquistou o título paraibano.

No Campeonato Paraibano atual, o Botafogo vem de uma vitória apertada contra o Santa Cruz, por 3 a 2, na última quinta-feira, e ainda não conseguiu uma boa apresentação na competição. O time saiu de campo bastante vaiado pela torcida. O técnico Marcelo Vilar mantém o mistério, mas dá sinais de que poderá fazer mudanças para o clássico. "Nós vamos levar em conta o aspecto físico dos jogadores, para escalar aqueles que estiverem em melhores condições de jogo", disse o técnico.

Alguns jogadores vêm sendo bastante criticados pela torcida, como o lateral Celico, o zagueiro Magno Alves, o meia Lenilson e o atacante Warley, apesar do gol que fez contra o Santa Cruz. Com 6 pontos e na quarta colocação, o Belo precisa da vitória para tentar ficar na zona de classificação para as finais do campeonato.

O Treze vive uma situação idêntica ao Botafogo. O time tem também 6 pontos, e ainda não conseguiu uma apresentação convincente para a sua torcida. O Galo vem de uma derrota para o Sousa, na última quarta-feira, por 2 a 1. Para este jogo contra o Botafogo, o técnico Leandro Campos poderá ter duas grandes novidades. A primeira delas é o retorno do meia Klebson, que poderá ser liberado pelo Departamento Médico. A outra é a possível estreia do meia Fernandes, que foi apresentado ao clube na última quinta-feira. O jogador disse que não está 100% na parte física, mas gostaria muito de participar do clássico.

Jogando dentro do seu campo, o Treze deverá ser um time ofensivo, segundo promete o técnico Leandro Campos. "Temos que fazer o dever de casa e seguir nas primeiras colocações do campeonato. Teremos um grande adversário pela frente, mas estamos preparados para lutar por uma vitória", garantiu o treinador.

# CSP e Campinense no Almeidão

Centro Sportivo Paraibano (CSP) e Campinense fazem hoje, às 18h15, no Almeidão, a partida principal da rodada dupla da quarta rodada do returno do Estadual. O jogo preliminar será entre Santa Cruz de Santa Rita e Atlético de Cajazeiras, às 15h30. O confronto de duas equipes com realidades distintas, com a Raposa correndo atrás de uma das vagas no G2, enquanto o Tigre está garantido nas semifinais do Estadual, ao obter o título simbólico do primeiro turno. Com sete pontos conquistados, mesmo número do Sousa, que leva vantagem no saldo de gols - 3 contra 2 - o Rubro-Negro deseja embalar e conseguir a liderança isolada.

Para obter a ponta da tabela a Raposa terá que vencer e torcer por um tropeço do Sousa, que enfrenta hoje, às 16h, o Auto Esporte, no Marizão. O time serrano vem de uma vitória contra o Atlético de Cajazeiras (1 a 0), na última quarta-feira, no Amigão. Apesar da falta de um melhor entrosamento, o treinador Freitas Nascimento acredita que a entrada dos reforços vem dando uma maior qualidade ao grupo.

**Sousa x Auto**

Um jogo de opostos entre Sousa e Auto Esporte, às 16h, no Estádio Marizão, será a principal atração de hoje, no Alto Sertão paraibano, pela quarta rodada do returno do Estadual. De um lado o representante da Cidade Sorriso tentará manter a invencibilidade de 17 partidas e conseguir a liderança isolada. O Alviverde divide a liderança com o Campinense, ambos com sete pontos ganhos.

**SEMIFINAIS DO CARIOCA**

# Flu joga hoje por outro empate

Vasco e Fluminense voltam a se enfrentar hoje, às 16h, no Maracanã. O primeiro duelo terminou por 1 a 1, mas nem por isso o técnico Adilson Batista jogou a toalha, já que o Flu pode chegar a final da com petição com outro empate.

"Ter a vantagem faz diferença no fim das partidas, nos últimos minutos. Nós alertamos para não desperdiçar alguns pontos ao longo do campeonato. Fomos prejudicados em outros, principalmente contra o Flamengo, agora vamos tentar reverter. É possível. Demonstramos isso na última quinta-feira e vamos trabalhar para vencer o próximo jogo", afirmou o treinador.

Já Renato Gaúcho falou que seus comandados devem valorizar esta vantagem pelo empate apenas no momento certo, já que é cedo para pensar em regulamento, antes mesmo do apito inicial. Para o treinador, o mais importante é manter o mesmo espírito de luta demonstrado no primeiro jogo.

"Acima de tudo minha equipe tem de ter atitude o tempo todo. Isso é muito importante, principalmente numa semifinal. Hoje não será diferente, todo mundo vai brigar por ela. Vão ver um jogo bem mais pegado. Vale muito. Além do clássico, a vaga na final", destacou Renato Gaúcho.

Ao projetar o segundo duelo entre as duas equipes, o treinador não pensou em um jogo menos truncado.

*Na última quinta-feira, as duas equipes empataram em 1 a 1*

Para Renato Gaúcho, Fluminense e Vasco devem fortalecer a marcação para não dar espaço ao adversário. O comandante ainda acredita que o seu adversário terá uma postura mais ofensiva, pela necessidade do resultado, o que pode ser explorado pelo Tricolor.

"A forte marcação vai acontecer. A gente sabe que o Vasco vai se expor. Não entramos com o regulamento embaixo do braço. Ou não teria entrado com esse time ofensivo. A vantagem tem que entrar na hora certa. A gente precisa jogar com a mesma vantagem e com inteligência", disse Renato Gaúcho.

## Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

### Muita tradição e pouco futebol

Treze e Botafogo fazem hoje o principal jogo da rodada, o Clássico Tradição, como é carinhosamente chamado pelos torcedores. Este encontro está sendo aguardado, há muito tempo, pelas duas torcidas, não só pela grande rivalidade e pela própria tradição como diz o nome do clássico, mas sobretudo pelo que fizeram os clubes nos últimos anos, sobretudo em 2013, quando decidiram o título do Paraibano e fizeram grande campanhas no Campeonato Brasileiro.

Mas a realidade atual é bem diferente e temo que este jogo não seja tão bom quanto merecia ser, afinal, o futebol que Treze e Botafogo têm apresentado no atual Campeonato Paraibano, tem irritado os torcedores e fica bem abaixo do que se espera dos dois clubes, sobretudo pelos elencos que possuem. Mas clássico é clássico e quem sabe, os jogadores possam ficar mais motivados e proporcionem um grande espetáculo para um PV lotado.

O jogo de hoje pode valer a liderança do segundo turno, caso haja um vencedor e Sousa e Campinense não consigam vencer Auto Esporte e CSP, respectivamente.

Extra campo, a preocupação fica por conta da segurança, afinal o Presidente Vargas é um estádio pequeno e tem um histórico de muitas confusões envolvendo as duas torcidas. Como agora é um jogo de uma única torcida, por determinação do Ministério Público, espera-se que não haja tumultos e que o jogo hoje transcorra da melhor forma possível e que vença o melhor como manda o figurino. É nesse clima que quero assistir mais um clássico tradição, torcendo pelo sucesso do futebol paraibano.

### Dinossauro

O Sousa vem mostrando que é um sério candidato ao título paraibano. Correndo por fora e com um elenco bem mais modesto do que os chamados grandes do nosso futebol, o Dinossauro vem comendo pelas beiradas e já completa 17 jogos sem conhecer o sabor da derrota. Mais do que isto, tem aprontado para cima dos então favoritos.

Na última quarta-feira, o Sousa deu um verdadeiro baile no Treze. A vitória do Dinossauro por apenas 2 a 1, não refletiu a superioridade do time sertanejo, que abusou de perder gols e até cobrança de pênalti.

Hoje, é a vez do Auto, que não vem bem das pernas neste segundo turno, enfrentar a fera.

Por mais que o técnico Alvirrubro, Jason Vieira, afirme que o Auto Esporte vai começar a reagir na competição, a partir deste domingo, não acredito que o macaco vá aguentar o calor do Sertão e a força do Dinossauro.

O Sousa já mostrou que tem um bom time, certinho organizado, e mais do que isto, que tem um bom elenco. Titulares e reservas jogam o mesmo futebol e a união do grupo tem feito a diferença.

### Esvaziado

Estou surpreso com o Campeonato Carioca. O público vem caindo, há cada ano. Estou com saudades de ver o Maraca cheio em dias de clássicos. resultado do baixo futebol e dos altos preços dos ingressos.

### Bola murcha

Alguns jogadores do Botafogo estão jogando muito menos do que poderiam. Tem deles que estão simplesmente se arrastando dentro de campo. Será que apenas o grande período sem jogos foi capaz de fazer sumir seu futebol.

### Grandes decepcionam

O futebol do interior continua fazendo a festa no Paulistão. O poderoso Corinthians parece que ainda está de ressaca da festa da conquista do Mundial. Desta vez, não chegou nem entre os oito melhores do Paulistão. O São Paulo foi um pouquinho melhor, ficou entre os quatros.

FOTOS: Ortilo Antônio

*Tendo em Lenílson, o seu maior craque, o Botafogo entra na disputa com o objetivo de avançar bastante na competição e conseguir um lugar de destaque. A torcida vai ter um papel muito importante*

## COPA DO BRASIL

# Bota chega à sua 10ª disputa

**Na próxima quarta-feira o atual campeão da PB vai enfrentar o Goiás**

***Ivo Marques***
*ivo_esportes@yahoo.com.br*

O Botafogo começa, na próxima semana, a sua participação na Copa do Brasil de 2014. Nesta primeira fase da competição, que este ano tem a presença de 87 clubes de todos os estados do país, o Belo vai enfrentar o Goiás-GO. O primeiro jogo está programado para a próxima quarta-feira (2), às 20h30, no Estádio Almeidão, em João Pessoa. Caso haja a necessidade de uma segunda partida, para decidir quem vai seguir na competição, será disputada no dia 16 de abril, às 20h30, no Estádio Serra Dourada, em Goiânia-GO.

O Botafogo é o segundo time paraibano com o maior número de participações na Copa do Brasil. O Belo já representou a Paraíba na competição 10 vezes, apenas uma a menos do que o Treze, melhor colocado. O clube da Maravilha do Contorno é o terceiro melhor colocado do Estado, no Ranking Nacional de Clubes da CBF, que serve para a definição da tabela. O Alvinegro está na 77ª posição, com 800 pontos.

A melhor colocação do Belo em uma Copa do Brasil foi na segunda participação, no ano de 1998, quando ficou em 16º lugar. A pior campanha foi em 2001, quando terminou na lanterna, 64ª colocação. Neste ano, o clube sofreu uma das maiores goleadas do futebol brasileiro. A equipe foi humilhado no Morumbi, e perdeu para o São Paulo por 10 a 0.

Na história mais recente do clube, a melhor campanha na Copa do Brasil ocorreu em 2011, quando o Belo conseguiu passar para a segunda fase da competição, ao eliminar o Vitória da Bahia, após vencer no Almeidão por 3 a 1, e um empate em 0 a 0, em Salvador. Na fase seguinte, o Botafogo acabou sendo eliminado pelo Caxias, com duas derrotas, sendo a primeira no Almeidão, por 1 a 0, e a segunda, no interior gaúcho, por 3 a 1.

Na primeira partida, entre as duas equipes, houve uma polêmica, porque o Botafogo escalou, de forma irregular, o atacante Edmundo, e por isto, mesmo que vencesse os jogos contra o time gaúcho, seria punido e não passaria para a terceira fase da competição.

A expectativa da diretoria do Botafogo é que nesta 11ª participação na Copa do Brasil, o clube possa surpreender, e quem sabe, bater o seu recorde na competição. "Hoje em dia o futebol está muito nivelado. Veja o que aconteceu com o favorito Fluminense contra o modesto Horizonte, do Ceará. Portanto, nós temos um bom time e podemos surpreender na competição", afirmou Nelson otimista.

**Em 2011, o Botafogo conseguiu chegar à segunda fase da disputa, mas foi eliminado pelo Caxias, do Rio Grande do Sul**

*O Botafogo e a sua torcida estão vivendo uma lua de mel desde o ano passado quando o clube foi campeão estadual e da Série D*

## Nélson Lira vê adversário de alto nível

Caxias 3x1 Botafogo

Sobre o adversário, o Goiás, Nelson acha que o Botafogo não teve muita sorte na tabela. "Nós tivemos o azar de pegar uma equipe de alto nível, e que vem fazendo a melhor campanha de todos os clubes em campeonatos estaduais do país, este ano. Trata-se de uma equipe que manteve a base do time que fez uma excelente campanha no Campeonato Brasileiro do ano passado. Às vezes, é melhor pegar um grande clube que chega aqui se sapato alto, do que um clube mediano, como é o Goiás, que virá respeitando a equipe do Botafogo, e jogando tudo que sabe para eliminar logo nosso time no primeiro jogo", analisou o dirigente.

De acordo com o regulamento da Copa do Brasil, nesta primeira fase, o time visitante tem a vantagem de passar direto para a segunda fase, sem a necessidade do segundo jogo, caso vença a equipe da casa por uma diferença igual ou superior a dois gols. Para o Botafogo, o principal objetivo é evitar a eliminação na primeira partida e tentar levar a decisão da vaga para o Serra Dourada, no próximo dia 16 de abril.

Levar a decisão para o segundo jogo não tem só vantagens técnicas. Caso o Belo não seja eliminado no primeiro jogo do Almeidão, o clube vai ficar com toda a renda do estádio. Caso seja eliminado na próxima quarta-feira, o Belo só terá direito a 60 por cento da arrecadação, enquanto o Goiás ficará com os outros 40 por cento. Além da renda, o Botafogo terá direito a uma cota de TV como mandante, no valor de R$ 160.000,00, independentemente do resultado. Se passar para a segunda fase, receberá uma cota maior.

A diretoria do Botafogo espera a presença de um grande público para prestigiar a estreia do time paraibano na competição. Segundo o presidente Nelson Lira, a venda de ingressos já começou, desde a última quarta-feira, na loja do clube. Ele espera conseguir o número máximo de pagantes, liberado pelo Ministério Público, que é de 8.600 pessoas, sentadas na arquibancada sol, já que por causa da reforma do Almeidão, não será liberada nenhuma outra área do estádio para o público.

## PARTICIPAÇÃO

1989 - Cruzeiro 0 x 0 Botafogo
Botafogo 1 x 1 Cruzeiro

1998 - Botafogo 2 x 3 Bahia
Bahia 1 x 2 Botafogo

1999 - Botafogo 3 x 3 Flamengo
Flamengo 2 x 1 Botafogo

2000 - Botafogo 1 x 3 Vasco

2001 - Botafogo 0 x 1 São Paulo
São Paulo 10 x 0 Botafogo

2002 - Botafogo 1 x 3 Figueirense

2003- Botafogo 1 x 4 Flamengo

2004 - Botafogo 0 x 2 Corinthians

2006 - Botafogo 1 x 1 Vasco
Vasco 7 x 0 Botafogo

2011- Botafogo 3 x 1 Vitória
Vitória 0 x 0 Botafogo
Botafogo 0 x 1 Caxias

STF volta a julgar fim de doações de empresas para campanhas políticas
Página 18

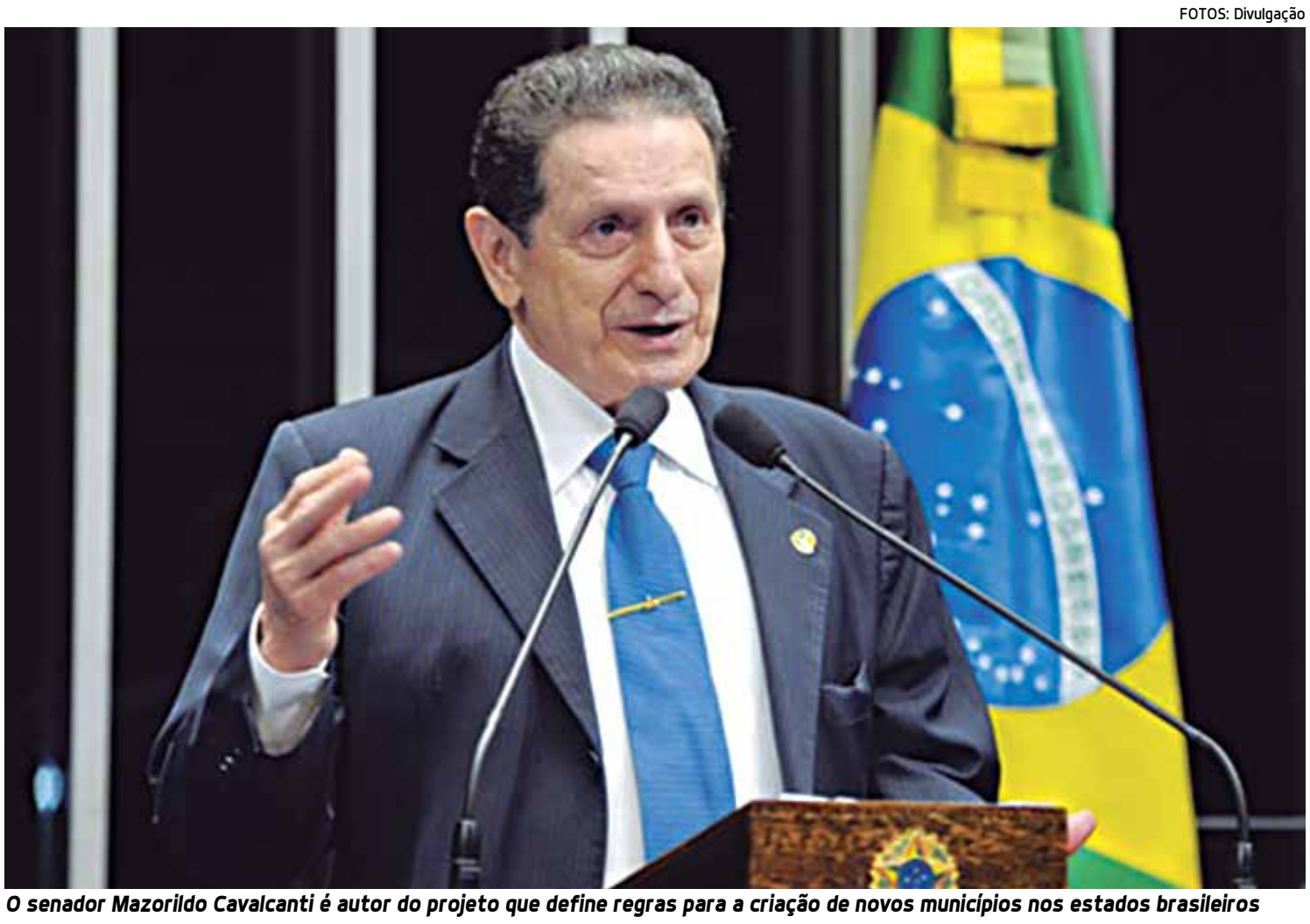


## CRIAÇÃO DE NOVOS MUNICÍPIOS

# Projeto começa a tramitar no Senado

**Governo quer que as regiões Sul e Sudeste sigam critérios mais rígidos**

FOTOS: Divulgação



*O senador Mazorildo Cavalcanti é autor do projeto que define regras para a criação de novos municípios nos estados brasileiros*

Começou a tramitar no Senado novo projeto do senador Mozarildo Cavalcanti (PTB-RR) estabelecendo regras para a criação de municípios. A apresentação da proposta (PLS 104/2014) faz parte de acordo para resolver o impasse em relação a outro projeto de Mozarildo (PLS 98/2002), aprovado no Congresso, mas vetado pela presidente Dilma Rousseff.

A proposta institui regras para a criação, a incorporação, a fusão e o desmembramento de municípios, regulamentando a previsão constitucional sobre o assunto. Uma das demandas do governo é de que as regiões Sul e Sudeste sigam critérios mais rígidos do que as regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste.

Para o autor, o projeto é importante, pois existem áreas do território nacional que se desenvolvem rapidamente e que "precisam ganhar autonomia administrativa, não podendo ficar sob a camisa de força, sendo geridos por um distrito sede menos dinâmico".

Ao apresentar o projeto à Mesa do Senado, na quarta-feira (26), o senador Mozarildo também apresentou um requerimento para que a matéria tramite em caráter de urgência. A expectativa do senador é de que o projeto seja aprovado no Senado já na próxima semana.

– Espero que esse acordo funcione, que não haja nenhum imprevisto e que possamos aprovar o projeto de maneira rápida – disse o senador.

O exame do projeto começa pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ), onde aguarda designação de relator.

**Regras**

Número mínimo de habitantes para o novo município, estudo de viabilidade e regras para a apresentação da proposta às assembleias estaduais estão entre as regras sugeridas no projeto. A população mínima é de 5 mil habitantes para municípios na região Norte, aumentando gradativamente conforme elevam-se as densidades das demais regiões, até chegar a um mínimo de 15 mil para novas cidades nas regiões Sul e Sudeste. Para o Centro-Oeste, a exigência é de 6,5 mil, enquanto que um novo município nordestino terá de ter, no mínimo, 8,5 mil habitantes.

O requerimento para a criação de um novo município deve ser dirigido à assembleia Legislativa estadual, subscrito por, no mínimo, 20% dos eleitores residentes na área geográfica que se pretenda emancipar, no caso da criação de município, ou na área geográfica que se pretenda desmembrar, no caso de desmembramento de município preexistente para integrar-se a outro. No caso de fusão ou incorporação de municípios, a exigência é de 3% dos eleitores residentes em cada um dos municípios envolvidos.

O projeto também tenta garantir que o estudo de viabilidade do novo município seja feito por entidade competente e isenta, determinando que o estudo seja contratado pelo Governo Estadual, e não pelo grupo diretamente interessado na separação ou aglutinação municipal. Mozarildo também destaca, em seu projeto, que os novos municípios devem receber parcela das dívidas dos municípios de origem, proporcional à infraestrutura legada à nova unidade.

**Veto**

Ao vetar o PLS 98/2022, a presidente Dilma Rousseff considerou que a medida poderia criar ônus excessivo aos cofres públicos. O temor era de que as regras favorecessem a criação de mais municípios, dando, por outro lado, pouco incentivo à fusão e incorporação.

Na justificativa do PLS 104/2014, o autor registra que após o veto ao projeto anterior abriu-se um debate entre representantes do Legislativo e do Executivo com o objetivo de fazer "uma sintonia fina nas regras propostas", e, assim, moderar os incentivos à criação e desmembramento e, ao mesmo tempo, facilitar e estimular a fusão e incorporação de municípios. Mozarildo afirma que o projeto apresentado agora é "o resultado de tal debate".

*Elizabeth Gomes, mulher de Amarildo, em frente à unidade policial*

# Senado debate violência pós período de ditadura

A atuação policial em comunidades carentes, o alto índice de registros de autos de resistência e a cultura da violência praticada por agentes do Estado no período pós-ditadura militar estarão em debate amanhã pela manhã pela Comissão de Direitos Humanos (CDH) do Senado Federal.

O tema da audiência pública é "Desaparecidos da Democracia", uma alusão à campanha de mesmo nome lançada no ano passado pela Ordem dos Advogados do Brasil no Rio de Janeiro (OAB-RJ).

O requerimento da senadora Ana Rita (PT-ES), aprovado em 2013, atendeu à provocação da seccional fluminense da OAB-RJ em apoio às famílias de vítimas de casos de desaparecimentos, que busca denunciar os abusos da Polícia Militar, a utilização de autos de resistência e a institucionalização da violência no período pós-ditadura.

Casos como o do servente de pedreiro Amarildo Souza (Rio de Janeiro) e do auxiliar de serviços gerais Antônio Araújo (Distrito Federal), que teriam desaparecidos após abordagens policias, serão mencionados como exemplos atuais desses fatos.

Devem participar da audiência o procurador federal dos Direitos do Cidadão, Aurélio Rios; o irmão de Antônio Araújo, Silvestre Pereira de Araújo; o defensor público-geral federal, Ramon Tabosa; e o representante do Ministério da Justiça, André Fagundes.

A reunião será realizada às 8h30, na sala 2 da Ala Nilo Coelho, com transmissão pela TV Senado e Rádio Senado e cobertura da Agência Senado.

## CPI DA PETROBRAS

# Pedido será lido na próxima terça-feira

*De todos os partidos que compõem o Senado, apenas o PT e PCdoB não assinaram requerimento*

O pedido de criação da CPI da Petrobras pode ser lido pela Mesa do Senado na sessão deliberativa desta terça-feira (1). O requerimento foi protocolado na quinta-feira (27) pelos senadores Alvaro Dias (PSDB-PR), Cyro Miranda (PSDB-GO) e Flexa Ribeiro (PSDB-PA).

Após a conferência das assinaturas pela Secretaria-Geral da Mesa, o requerimento é entregue ao presidente do Senado para leitura em sessão deliberativa. No entanto, o senador Renan Calheiros afirmou, em entrevista, que vai conversar com os líderes dos partidos antes de encaminhar a leitura.

– Eu vou conversar por telefone e ver com eles, do ponto de vista do encaminhamento, a necessidade de nós instalarmos rapidamente, quando é que nós iremos fazer. E quando fizer a leitura, você tem até meia-noite do dia da leitura para que os partidos coloquem ou retirem nomes – disse Renan.

Para a instalação de uma comissão parlamentar de inquérito, além do número mínimo de assinaturas de um terço dos senadores, é preciso que o requerimento contenha o fato concreto a ser investigado.

No caso do requerimento da CPI da Petrobras, o senador Alvaro Dias explicou que serão quatro fatos. Em primeiro lugar, a oposição quer investigar a "negociata" da refinaria de Pasadena, nos Estados Unidos. Os senadores também pretendem averiguar se funcionários da Petrobras receberam propina de uma empresa holandesa para fechar contratos de aluguel de plataformas do pré-sal. O terceiro fato a ser investigado é a suspeita de superfaturamento de refinarias. O quarto, o lançamento de plataformas sem todos os equipamentos de segurança.

**PEC dos recursos**

O Plenário do Senado ainda pode apreciar, nesta semana, a proposta de emenda à Constituição que limita o uso de recursos em processos penais (PEC 15/2011). A PEC, do senador Ricardo Ferraço (PMDB-ES), extingue o recurso extraordinário, cabível junto ao Supremo Tribunal Federal (STF), e o recurso especial, no caso do Superior Tribunal de Justiça (STJ). Os dois seriam substituídos por ações rescisórias, para anulação da decisão, mas somente após o efetivo início do cumprimento. O objetivo é evitar que esses recursos sejam usados para protelar decisões definitivas.

Na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ), porém, o texto foi modificado, nos termos do relatório do senador Aloysio Nunes Ferreira (PSDB-SP). A CCJ decidiu manter os dois tipos de recursos e apenas antecipar o início da execução da sentença. O texto aprovado na comissão garante a execução imediata da ordem de prisão em caso de sentenças proferidas por órgãos colegiados ou pelo tribunal do júri.

**Gestante**

Outro item na pauta é o projeto que estende a estabilidade do emprego a quem tiver a guarda do recém-nascido (PLC 62/2009). A proposta prevê que quem detiver a guarda de criança recém-nascida quando da morte da mãe pode passar a ter benefício previsto na Constituição da estabilidade provisória no emprego à gestante.

# STF volta a julgar fim de doações de empresas para campanhas políticas

**Tribunal analisa ação da OAB, que alega que a matéria fere a Constituição do país**

O Supremo Tribunal Federal (STF) deve retomar, na próxima quarta-feira (2), o julgamento sobre a proibição de doações de empresas privadas para campanhas políticas. O julgamento foi interrompido em dezembro do ano passado e será retomado com o voto do ministro Teori Zavascki, que pediu vista do processo.

O Supremo julga a ação direta de inconstitucionalidade da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) contra as doações de empresas privadas a candidatos e a partidos políticos. A OAB contesta os artigos da Lei dos Partidos Políticos e da Lei das Eleições, que autorizam as doações para campanhas políticas.

FOTO: Divulgação

*Ministro Teori Zavascki, que pediu vistas ao processo, agora vota*

De acordo com a regra atual, as empresas podem doar até 2% do faturamento bruto obtido no ano anterior ao da eleição. As pessoas físicas podem doar quantias limitadas a 10% do rendimento bruto do ano anterior.

O placar da votação está em 4 votos a favor do fim das doações. Faltam os votos de sete ministros. Em dezembro do ano passado, os ministros Luís Roberto Barroso, Dias Toffoli e Joaquim Barbosa seguiram voto do relator do processo, Luiz Fux. De acordo com o entendimento de Fux, as únicas fontes legais de recursos dos partidos devem ser doações de pessoas físicas e repasses do Fundo Partidário.

Fux também definiu que o Congresso terá 24 meses para aprovar uma lei que crie normas uniformes para as doações de pessoas físicas e para recursos próprios dos candidatos. Se, em 18 meses, uma nova lei não for aprovada, o TSE poderá criar uma norma temporária.

# 1964: A longa noite do Brasil

***Zé Euflávio***
*zeeuflavio@gmail.com*

***Para Simão Almeida***

No final de março de 1964 eu era apenas um garoto de calças curtas e me lembro de muitos episódios daquela época. Lembro-me, por exemplo, do aniversário de minha mãe comemorado no dia 5 com um presente que meu pai trouxera de Campina Grande. Nesse dia foi uma festa lá em casa.

Sempre tive uma mente privilegiada e me lembro de forma bem clara da cena: meu pai e meu tio Severino Pinto, a quem a gente chamava de Tio Pinto, sentados na calçada da casa onde morávamos com um rádio ligado numa emissora de muito distante, pedindo para ninguém fazer barulho.

Um locutor falava sem parar e anunciava que "a revolução começou em Juiz de Fora, no Estado de Minas Gerais", onde encontrava-se o general Olympio Mourão Filho. Nem meu pai nem meu tio entendiam direito o que estava acontecendo. Ele queria saber o que estava acontecendo e eu não podia ajudar.

"O presidente renunciou e agora botaram o vice que tinha assumido para fora", lembro-me da voz grave do meu pai dizendo isso ao meu tio. O presidente a que ele se referia eu me lembro, porque no Engenho do Curral Velho tinha na parede um cartaz com a foto de um homem de bigode com uma vassoura na mão. Era ele: Jânio Quadros.

Era o candidato a presidente que se elegera e depois renunciou alegando a trama de "forças ocultas". Tornei-me rapazinho, estudei, entrei na Universidade, mas antes disso tornei-me militante comunista ligado ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB) ainda na época da clandestinidade e até apelido ganhei para evitar identificação por parte das forças de repressão.

Depois fui procurar saber o que tinha acontecido àquela época. Foi lendo que aprendi. No dia 30 de março, no Rio de Janeiro, o então presidente João Goulart fez um discurso inflamado. "O golpe que desejamos é o das reformas de base", disse ele. Era a deixa para quem desejava o golpe no Brasil.

Dos Estados Unidos, antes da meia- noite daquele 30 de março, o secretário de Estado, Dean Rusk, dispara um telegrama para o embaixador americano no Brasil, Lincoln Gordon: "Pode ser a última oportunidade para apoiar uma ação contra Goulart".

Já no dia 31 de março, cedo da manhã, o general Olympio Mourão Filho, em Juiz de Fora (MG), anotou em seu diário, conhecido depois: "Desencadeei uma revolução de pijama". O levante realmente começou em Juiz de Fora e a CIA sabia disso. Às 9h da manhã o Aeroporto de Brasília era fechado.

O presidente dos Estados Unidos, John Kennedy, tinha um brinquedo novo. Quando os convidados de uma reunião chegaram, o presidente apertou um botão escondido na lateral da mesa, acionando um microfone ali no Salão Oval e um gravador no Porão da Casa Branca. Era a estreia de uma engenhoca secreta que registrou 260 horas de conversas sigilosas.

Vejam a coincidência: a primeira gravação é sobre o Brasil. Naquele 30 de junho de 1962 debateu-se o futuro e a fritura do presidente João Goulart. O embaixador americano no Brasil, Lincoln Gordon, disse Jango estava "dando a porcaria do país de graça", ao que Kennedy emendou: "Para os comunistas".

Desde 1961 que as autoridades americanas quebravam a cabeça: como impedir que o Brasil se torne uma Cuba com dimensões continentais? Gordon morreu em 2009, aos 96 anos, negando que os americanos tivessem interesse no golpe do Brasil.

Durante e após a ditadura, que foi até 1985, muitos pesquisadores brasileiros menosprezaram o papel dos americanos do Norte no golpe do Brasil, tachando investigações nesse sentido de paranoia e teoria da conspiração. Mas documentos revelados nos últimos anos contam uma história diferente, que vai sendo revelada aos poucos.

Parte desse material ganhou destaque no documentário O Dia que Durou 21 Anos, da dupla de pai e filho, Camilo e Flávio Tavares, autor de um grande livro sobre a luta contra o regime militar, Memórias do Esquecimento. O filme apresenta gravações e documentos oficiais e expõe justamente a articulação do governo americano e dos militares brasileiros contra Jango.

Mas não só isso. Arquivos recém-abertos nos EUA estão mexendo até com as obras definitivas: os quatro volumes do jornalista Elio Gaspari serão reeditados levando em conta as gravações clandestinas de Kennedy e de seu sucessor, Lyndon Johnson. Há ainda muito a ser revelado.

***A ditadura mata***

A primeira parte da ditadura foi mais ou menos calma. Depois da morte de Castelo Branco, até hoje mal explicada, entra em cena a ala dura do Exército Brasileiro e aí começa uma perseguição generalizada aos inimigos do regime. Uns foram assassinados nos porões das prisões do regime, outros desapareceram, muitos fugiram para o exterior.

Em todos os estados brasileiros jovens estudantes são perseguidos e mortos, políticos são presos e cassados e o terror se implanta definitivamente no país. Os mais procurados são os jovens estudantes. Muitos entram para a luta armada, outros fogem para as matas e começam lutar contra o regime, como os guerrilheiros do PCdoB, todos mortos na Guerrilha do Araguaia.

Até hoje seus corpos são tidos como desaparecidos. Em 21 de maio de 1977, Carlos Lacerda faleceu na Clínica São Vicente, no Rio de Janeiro, um dia após ser internado com uma gripe. A causa mortis oficial: infarto. Meses antes, em 6 de dezembro de 1976, João Goulart faleceu em Mercedes, na Argentina, vítima de um ataque cardíaco enquanto estava sob medicação para o coração.

No mesmo ano, em 22 de agosto, o ex-presidente Juscelino Kubitschek sofreu um acidente de carro no atual km 328 da Via Dutra, perto de Resende, um opala dirigido por seu motorista e amigo. As três mortes, num intervalo de 272 dias, são assuntos de investigação na Comissão Nacional da Verdade.

Jango, Goulart e Lacerda eram os líderes do movimento a favor da democracia em 1976, quando se articulavam para lançar a Frente Ampla, onde atuariam juntos contra a ditadura.

Apesar de aparentemente terem falecido por causas naturais, o curto espaço de tempo e o contexto no qual estavam inseridos alimentam a tese de suas mortes não serem tão inevitáveis quanto consta nos atestados de óbito.

Pena que eu não pude contar essa história ao meu pai.

## Zé Euflávio

zeeuflavio@gmail.com

# E assim se passou meio século

A primeira consideração relevante sobre o jornalismo durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985) é que a atuação da censura aos meios de comunicação, em sua forma mais coercitiva e opressora, ocorreu após 13 de dezembro de 1968, quando foi decretado o Ato Institucional número 5.

Com a suspensão das garantias constitucionais, o Congresso Nacional foi fechado e instituída a censura prévia à imprensa, além de prisões em massa de parlamentares oposicionistas, líderes estudantis e sindicais, intelectuais e artistas.

Entre 1964 e 1968, a intervenção governamental em jornais e revistas ocorria em casos relativamente esparsos, através de bilhetes ou telefonemas aos proprietários das empresas jornalísticas, em que as autoridades militares passavam recomendações ou se queixavam de determinadas matérias. Com a vigência do AI-5, jornalistas e donos de jornais sentiram o impacto e a violência da censura policial.

O jornalista Alberto Dines, então editor-chefe do Jornal do Brasil, relata que, até o AI-5, o regime autoritário não havia provocado mudanças significativas na rotina da redação que dirigia. O golpe militar reforçou posições conservadoras da chamada grande imprensa, que já vinha fazendo carga contra a radicalização nacionalista do governo do presidente João Goulart.

Após a deposição de Goulart em 1964, segundo Dines, não houve alterações no exercício do jornalismo na imprensa tradicional. A instalação da censura prévia à imprensa foi consolidada no decreto-lei n° 1.077, de 26 de janeiro de 1970, no qual o general-presidente Emílio Garrastazu Médici advertia que não seriam admitidas publicações contrárias ao regime, à moral e aos bons costumes, em quaisquer meios de comunicação.

A submissão de textos, fotos, ilustrações e charges aos censores da Polícia Federal restringiu dramaticamente a liberdade de expressão e as possibilidades de divulgação de certas informações julgadas inadequadas, suspeitas ou subversivas pelo regime. Os comandos das redações recebiam, frequentemente, comunicados da Polícia Federal informando que temas ou acontecimentos não deveriam ser noticiados, ou que deveriam merecer tratamento cauteloso e contido.

Tais ordens eram cumpridas à risca pelas empresas jornalísticas, sob pena de punições, como abertura de processos judiciais e ameaças de suspensões de circulação, e represálias, que incluíam, por exemplo, corte de verbas publicitárias do Governo Federal.

Clóvis Rossi, jornalista antigo, que trabalhava em O Estado de S. Paulo, conta que, o período que sucedeu o AI-5 abalou os repórteres do jornal e fez com que ficasse claro que a ditadura estava efetivamente instaurada.

Com base nos depoimentos de vários jornalistas que à época atuavam nas redações, é possível notar que, por um lado, nos jornais em que havia a presença física de um censor da Polícia Federal dentro da redação, a elaboração de estratégias para fugir da censura se tornava uma tarefa mais difícil.

Por outro, a convivência com os censores possibilitava, em alguns casos, uma margem de negociação, que não existia nos veículos em que a censura prévia era feita nas sedes de órgãos do governo. Alguns jornalistas relembram que, em determinadas situações, a proximidade física com os agentes ajudava os repórteres a perceber os critérios usados no corte de matérias e o modo de atuação dos censores.

Uma das marcas mais conhecidas da ditadura foi a censura. Ela atingiu a produção artística e controlou com pulso firme a imprensa. Os militares criaram o "Conselho Superior de Censura", que fiscalizava e enviava ao Tribunal da Censura os jornalistas e meios de comunicação que burlassem as regras. Os que não seguissem as regras e ousassem fazer críticas ao país, sofriam retaliação - cunhou-se até o slogan "Brasil, ame-o ou deixe-o."

Sem medo de errar os jornalistas brasileiros foram a categoria de trabalhadores mais perseguida pela ditadura. Nenhuma outra categoria sofreu tanto, foi tão visada e perseguida. Por uma razão simples: os jornalistas trabalham com informação e informação é uma arma eficiente e perigosa para qualquer regime autoritário.

Mas também foram os jornalistas os que mais desenvolveram técnicas de driblar a ditadura, achincalhar os ditadores com criatividade. Nesse ponto ressalte-se a criatividade de Clovis Rossi, em O Estadão. Quando o censor proibia uma notícia, no espaço da página ele colocava uma receita de bolo.

Hoje só nos resta contar os mortos e narrar a história para eternizar a memória no futuro.

# Brasil reduz apoio à Venezuela por causa da forma de Maduro governar

FOTOS: Divulgação

**Dilma está preocupada com algumas medidas do presidente venezuelano**

Ssão Paulo (Reuters) - O Brasil, o maior país e o principal poder diplomático da América Latina, tem reduzido seu apoio ao presidente venezuelano, Nicolás Maduro, devido à insatisfação com a maneira com que ele vem enfrentando os problemas econômicos e os protestos de rua liderados pela oposição.

A mudança de postura, embora sutil, priva Maduro de parte do apoio regional necessário que ele quer, em um momento de escassez de alimentos, alta inflação e incerteza política no país integrante da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep).

De modo geral, a presidente Dilma Rousseff permanece uma aliada de Maduro. Enquanto Dilma é mais moderada, ambos são parte de uma geração de presidentes latino-americanos de esquerda que cresceram fazendo oposição a governos pró-Washington e acreditam estar unidos em uma missão para ajudar os pobres.

No entanto, Dilma está cada vez mais preocupada com algumas das ações de Maduro e freou o apoio mais entusiasmado ao país, que caracterizou as relações Brasil-Venezuela, sob o antecessor de Maduro, o falecido Hugo Chávez, de acordo com dois funcionários próximos ao governo Dilma.

**Repressão**

A presidente estaria preocupada com a repressão do governo venezuelano aos protestos de rua recentes, e a recusa de Maduro em manter um diálogo genuíno com os líderes da oposição, o que pode agravar a crise política com o tempo, disseram os funcionários.

Um agravamento dos conflitos, por sua vez, pode pôr em risco interesses consideráveis de empresas brasileiras na Venezuela, que incluem o conglomerado Odebrecht .

O jornal Valor Econômico informou neste mês que o setor público venezuelano já deve a empresas brasileiras até 2,5 bilhões de dólares.

"O caminho escolhido por Maduro é cheio de riscos", disse uma autoridade, que não quis ter o nome divulgado. "Estamos tentando encorajá-lo a mudar."

A posição brasileira não resulta em maior apoio à oposição venezuelana, enfatizaram os funcionários, acrescentando que o principal objetivo do Brasil é encorajar a democracia e a estabilidade econômica na região.

*Dilma está preocupada com a repressão do governo venezuelano aos protestos e a recusa de Maduro em dialogar com a oposição*

# Líderes de países cobram diálogo com a oposição

O exemplo mais claro até o momento de uma mudança de postura do Brasil veio em uma reunião de líderes regionais na posse da presidente do Chile, Michelle Bachelet, no início deste mês.

Maduro disse que queria que os presidentes da União de Nações Sul-Americanas (Unasul) se reunissem durante o encontro no Chile para fazer uma declaração conjunta de apoio a seu governo.

No entanto, Dilma recebeu a ideia com frieza e deixou o Chile horas depois da posse de Bachelet. Inesperadamente, Maduro mudou seus planos e não viajou para o Chile para o evento.

No dia seguinte, chanceleres da Unasul se encontraram e evitaram expressar apoio a um dos lados na Venezuela.

Eles condenaram a violência e enviaram "condolências" às vítimas, o povo venezuelano e, por último, o "governo democraticamente eleito".

Em contraste com uma declaração da Unasul em abril passado, o nome de Maduro não foi mencionado, apesar da insistência de alguns diplomatas. O documento também usou abundantemente uma linguagem pedindo paz e respeito aos direitos humanos, enquanto chamava "todas as forças políticas" a dialogar.

Tais nuances carregam significados importantes para ambos os lados da disputa política na Venezuela.

Como Chávez, Maduro tem frequentemente procurado o apoio regional em momentos problemáticos. A declaração da Unasul em abril passado foi fundamental para legitimar sua posição no país depois de uma eleição presidencial controversa.

Os governos do México e do Peru pediram publicamente para Maduro dialogar com a oposição nas últimas semanas. Outros, como a Argentina e Nicarágua, têm apoiado o líder venezuelano mais incondicionalmente.

O poder econômico do Brasil e seu status de modelo para políticas de esquerda pragmáticas na América Latina dá ao país influência significativa. Henrique Capriles, uma das principais figuras da oposição venezuelana, apontou o governo do Partido dos Trabalhadores como responsável pelo tipo de políticas que ele abraçaria, se eleito, apesar de sua coalizão incluir membros mais conservadores.

Ambos os lados estão ansiosos para ganhar o apoio do Brasil e os sinais enviados pelo governo Dilma são acompanhados de perto na Venezuela.

Muitos na oposição da Venezuela tem expressado sua insatisfação por Dilma não ter condenado explicitamente Maduro pela violência recente que deixou 36 mortos. As vítimas incluem simpatizantes do governo e da oposição, bem como as forças de segurança.

Alguns blogs da oposição apontaram que a maior parte do gás lacrimogêneo usado pela polícia é feito no Brasil.

Mas autoridades brasileiras dizem que precisam ser cuidadosas, uma vez que as declarações mais críticas poderiam estabelecer comparações com Washington, o inimigo número 1 da Venezuela, além do risco de acabar com o diálogo com Maduro completamente.

Dilma também quer laços construtivos com a oposição, mas ela sinaliza que nem seu governo nem outros poderes regionais vão tolerar esforços antidemocráticos para depor Maduro, em um golpe como o que derrubou Chávez brevemente em 2002.

Com essa intenção, Dilma procurou sigilosamente o vice-presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, quando estavam no Chile para a posse de Bachelet. Ela pediu ajuda aos Estados Unidos para garantir que a oposição da Venezuela não faça nada radical como tentar depor Maduro, de acordo com duas autoridades com conhecimento da conversa.

Outro fator por trás da postura de Dilma é a eleição brasileira em outubro, em que ela vai tentar se reeleger. Seus dois principais opositores a criticaram por não ser dura o suficiente com Maduro.

*O presidente Nicolás Maduro vem perdendo força na Venzeula e apoio de outros países*

A exemplo de Hugo Chávez, o presidente venezuelano tem frequentemente procurado o apoio regional em momentos problemáticos.

Inovação é a palavra que sempre nos guiou nesses 20 anos de estrada. No primeiro semestre de 2013, mais 60 novos ônibus foram incorporados à frota. Assim, reafirmamos o compromisso em disponibilizar aos nossos clientes a frota mais nova e moderna do país, proporcionando o máximo de conforto, segurança e satisfação.

Guanabara. Satisfação em todos os sentidos.

http://blog.expressoguanabara.com.br/

/expressoguanabara

@ViajeGuanabara

GUANABARA
www.viajeguanabara.com.br

# O sonho do cacique

## Guarany-Bacuby deseja ver a construção do Memorial Potiguara para preservar a cultura indígena

**Hilton Gouvêa**
hiltongouvea@bol.com.br

FOTOS: Divulgação

*Nathan Galdino da Silva, ou Guarany-Bacuby (E), é o atual cacique da Aldeia do Tambá e professor nas escolas indígenas de Baía da Traição, Rio Tinto e Marcação*

Seu nome indígena é Guarany-Bacuby, que afirma significar "Guerreiro do Céu", em tupi antigo. Índio moderno e vereador em Baía da Traição, a 72 Km de João Pessoa ele possui carro e já participou de diversos congressos indígenas em todo o Brasil. Nathan Galdino da Silva, 41 anos, atual cacique da Aldeia do Tambá, costuma dizer que ser índio não é apenas ter a cor da pele bronzeada ou morar em aldeia, mas lutar pela causa tribal e não perder seus traços culturais.

"Ainda é predominante a afirmação hipócrita de que ser índio é morar em tapera dentro das matas, caçar com arco e flecha e se referir a Deus como Tupã, coisas que até na Amazônia são raras hoje em dia", explica Nathan, ao comentar que as aldeias potiguaras começaram a mudar o aspecto depois que o índio entendeu que tem direito a água encanada, piso com cerâmica, banheiro higiênico e energia elétrica, como qualquer cidadão moderno.

Para ele, o projeto "Minha Casa, Minha Vida", do Governo Federal, que construiu 200 taperas de alvenaria na Reserva Indígena Potiguara, em Baía da Traição, veio mudar para melhor a qualidade de vida de muitos remanescentes, ofertando a eles e suas famílias uma moradia digna, higiênica e segura. "Somente os românticos e falsos antropólogos acham bonito o índio morar numa palhoça que a chuva destrói, é perigosa para seus habitantes, serve de guarida para o besouro transmissor do mal de Chagas e pode se incendiar a qualquer momento", compara. "O índio deve ter seu carro, sua boa casa, dormir com o conforto do ventilador ou ar-condicionado e ter condições para adquirir geladeira, computador e televisão e, assim, assistir sua família como qualquer outro homem não índio".

Politicamente atuante Guarany–Bucuby explica para uma turma de alunos e professores do IFPB de Cabedelo, que embora o índio ainda enfrente certa discordância entre eles, a OIP – Organização Indígena Potiguara -, uma coligação indígena que dispõe de 32 caciques e 19 mil índios em território paraibano, vem lutando para que os potiguaras se fortaleçam e participem da vida do Estado fora das aldeias.

Professor de Etnohistória nos educandários indígenas de Baía da Traição, Rio Tinto e Marcação, Nathan confessa um sonho: construir Via OIP com apoio de um órgão federal ou estadual, o Memorial Potiguara, havendo, à frente, um gestor de cultura, interessado na cultura índia e não índia. "O fato de querermos ressuscitar o tupi como língua-mãe e exigir que o jovem potiguara siga a carreira que quiser, mas exigindo que não permaneça longe da aldeia, não quer dizer que somos a favor do apartheid, jamais. Queremos que ele seja tão índio quanto um Xavante e entenda também um não índio sem haver discórdia", disse.

Casado, pai de quatro filhos, Galdino é um mameluco que descende de índios e caciques, oriundos das famílias Galdino e Siríaco, as maiores da aldeia-mãe São Francisco. Ele diz que Baía da Traição deveria ter um tratamento melhor, por parte das autoridades, pois é um dos poucos municípios nordestinos que dispõe de praias e rios limpos e tem uma história real de índios, que começou com a história do Brasil. Seu tetravô era Manoel Siríaco e o bisavô se chamava Manoel Pedro Siríaco. Luís Galdino era o nome do avô. Eram índios potiguaras batizados com nomes portugueses como sua avó paterna Antônia Maria da Conceição, neta do bisavô de Nathan. A mãe dele, Maria de Lima da Silva, é uma pernambucana que veio passear em Baía da Traição e casou com o índio Galdino da Silva, pai de Nathan.

## Culturas indígenas estão sujeitas a mudanças

Em "Etnohistória dos Índios Potiguara" Franz Möonen e Luciano Mariz Maia escrevem que "as culturas indígenas estão também sujeitas a mudanças e que, para ser índio, não é preciso ter características raciais indígenas, falar uma língua tradicional ou viver de acordo com os padrões culturais dos índios pré-colombianos". O que é preciso é o indivíduo se identificar e ser identificado como membro de um povo de origem pré-colombiana, que se considera diferente do povo brasileiro. Os potiguaras se enquadram nessas exigências.

Genilson Medeiros Maia, em "História do Rio Grande do Norte", afirma que os portugueses encontram na área que hoje compreende o Rio Grande do Norte e a Paraíba um povo "de porte mediano, acima de 1,65m, reforçado e bem feito no físico. Tinham olhos pequenos e amendoados como os da raça mongólica, escuros e encovados, cabelos lisos, pretos e cortados de forma arredondada. Arrancavam os pelos da barba até as pestanas e sobrancelhas e eram baços e claros embora pintassem o corpo com desenhos coloridos. Furavam o beiço, principalmente o inferior, assim como orelhas e nariz". Suassuna e Mariz também fornecem essas descrições em diversos livros. Na escala evolutiva, os nativos aqui encontrados por Vespúcio, em 1501, superavam o paleolítico e já praticavam uma agricultura rudimentar, plantando a mandioca, a macaxeira, o milho, a batata-doce, abóbora algodão, tabaco e uma variedade de cuias, além de plantas que consideravam medicinais. Falavam o nhenhengatu – a língua boa -,

*Para ser índio, não é preciso ter características raciais indígenas ou falar uma língua tradicional*

diferenciado de outros dialetos tupis existentes em diferentes tribos."

Möonen também lembra que os habitantes originais das Américas só foram chamados de índios a partir da conquista do Novo Mundo, pelos europeus. O termo teria sido criado por Colombo que, ao lançar âncoras na ilha de Guanani, na América Central, em 12 de outubro de 1492, pensou ter chegado às Índias.

Estudos demonstram que os tupis teriam habitado originalmente os vales dos rios Madeira e Xingu, que são afluentes da margem meridional do rio Amazonas. Estas tribos, que sempre foram nômades, teriam iniciado uma migração em direção à foz do rio Amazonas e, de lá, pelo Litoral para o Sul. Supõe-se que esta migração, que teria também ocorrido pelo continente adentro no sentido Norte-Sul, tenha principiado no início da era cristã.

Alguns autores sustentam que, nesta trajetória, os tupis tenham enfrentado os tupinambás, que já habitariam o Litoral; outros sustentam que apenas se tratava de levas sucessivas do mesmo povo, os posteriores encontrando os anteriores já estabelecidos. Certo é que, nesse processo, as tribos tupis derrotaram as tribos tapuias que já habitavam o Litoral brasileiro, expulsando-as, então, para o interior do continente, por volta do ano 1000.

Com base em autores de renome, Möonen diz que os potiguaras, uma nação do tronco tupi, originalmente habitava o Nordeste do Brasil, aproximadamente entre as atuais cidades de João Pessoa, na Paraíba, e São Luís, no Maranhão.

**Deu no Jornal**
Como a Paraíba viveu os noventa dias antes do golpe
PÁGINA 22

**Gastronomia**
A delícia do bolo de milho para o lanche da família
PÁGINA 24

Agnaldo Almeida
colunadeagnaldo@uol.com.br
TWITTER: @agnaldoalmeida

OLÁ, LEITOR!

# Como a Paraíba viveu os noventa dias antes do golpe

FOTOS: Divulgação

*Nas ruas do Brasil, há 50 anos, os protestos contra o golpe de 64*

*O presidente Jango, chamado de fraco, acabou evitando o pior*

Janeiro de 1964. O ano novo rompeu como rompem todos os anos: com festas, mensagens, avaliações e muita esperança. Sabia-se que o País não ia bem, que as divergências entre o governo central e a sociedade brasileira só faziam aumentar, mas naquela quarta-feira, primeiro dia do ano, ainda não era possível ter ideia de tudo o que estava por vir. Na mensagem de Ano Novo que dirigiu aos conterrâneos, o governador Pedro Gondim até que chegou perto: entre outras coisas, almejava que 1964 pudesse afastar "o abraço hipócrita que oculta a perversidade e prepara a vítima, num palco de simulações com risos a disfarçar tragédias".

O apelo do governador, como se viu depois, se revelaria vão. Dali a noventa dias, e não mais do que isto, quando despontasse a madrugada de 31 de março, o País ingressaria em novo ciclo de sua história. Uma história que mudaria muita coisa, mas haveria de preservar, para desconforto de S. Excia., abraços hipócritas, perversidades, simulações, risos e tragédias. No comum das ruas e nas folhas dos jornais, a chegada de 1964 não mudava muita coisa. Ao contrário, prenunciava apenas uma sequência rotineira dos acontecimentos de 1963. No penúltimo dia do ano, por exemplo, o jovem poeta Marcos Tavares fora vítima de "covarde agressão" nas imediações do Mercado Central e a UPES – União Pessoense dos Estudantes Secundaristas – protestaria em nota oficial publicada no primeiro dia do ano novo.

Aliás, pode-se até dizer que, tirando as agressões aos estudantes, a Paraíba não encarava 64 com maiores apreensões. Os jornais, pelo menos, tinham outros interesses. Publicou-se com destaque a relação dos melhores filmes exibidos em João Pessoa nos já falecidos e sepultados Cine Plaza e Cine Municipal. A Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba premiou Vidas Secas como a melhor película projetada na tela do Cine Rex, outro paraíso da Sétima Arte. Ainda deu destaque a Morangos Silvestres, Divórcio à Italiana, Acossado e A Um Passo da Eternidade.

E para os amantes do futebol havia também a Seleção do Ano, com os craques que faziam miséria nos gramados locais. Basicamente formada com jogadores do Botafogo, Treze e Campinense, a seleção era a seguinte: Elias, Braga, Waldo e Janca; Gilvan, Germano e Coca-Cola; Nogueira, Miruca, Santos e Martinho. Era time para Felipão nenhum botar defeito.

Nos ambientes sociais da Província, onde o futebol não fazia muito sucesso, as atenções se voltavam para as senhorinhas mais elegantes. Registra a crônica social da época que, entre elas, estavam Lourdinha Amorim, Suely Espínola, Ivone Cirilo, Walquíria Chianca e Maria Arminda Milanez. Do lado dos marmanjos, estes eram considerados como os melhores partidos: Maurílio Almeida, Amir Gaudêncio, Itapuan Botto Targino, Jeová Mesquita e Fernando Paraguaio.

**E a Política?**

A política, por enquanto, ia muito bem, obrigado. Salvo pelo susto que o senador João Agripino pregou a todos ao se internar em Brasília, acometido de uma crise de úlcera. O senador, que era líder da UDN, pontificava no Congresso Nacional e era figura de proa na política do Estado. Janeiro já ia quase na sua segunda quinzena quando o governador Pedro Gondim resolveu inaugurar o Escritório de Representação do Estado na Guanabara. Escolhido para a chefia do novo órgão, Hilton Marinho fez um discurso, ao tomar posse no cargo, que ainda vale para os dias atuais. A certa altura, dizia:

- Os pequenos Estados vivem a depender de verbas, favores e concessões que a União lhes atribui no Orçamento, ou mesmo fora dele. O escritório tem como principal objetivo carrear esses recursos para a Paraíba.

Enquanto o Cine Plaza anunciava a estreia de O Grande Guerreiro, com Victor Mature e Susan Balt, o Rex atacava de A Um Passo da Morte, com Kerg Douglas e Elza Martinelli, o governo Pedro Gondim falava em reforma administrativa ( é verdade, as reformas administrativas vêm desse tempo) mas o secretário de Administração, Luiz Carlos Florentino tranquilizava o funcionalismo, garantindo que não iria haver demissões em massa. Ainda bem...

Registre-se desde logo que o governo e os intelectuais, nesse início de janeiro de 1964, se davam às mil maravilhas. Com um banquete do então sofisticado restaurante do Cabo Branco, para comemorar a centésima exibição não comercial do filme Aruanda, de Linduarte Noronha, escritores e críticos se juntaram a políticos e auxiliares do Palácio da Redenção para conceder o título de sócio benemérito da Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba ao governador Pedro Gondim.

Nas ruas, longe do banquete, os estudantes secundaristas protestavam contra as mensalidades escolares cobradas pelos colégios particulares. Mais afastado um pouco, numa área do bairro da Torre, denominada "Nova Brasília", os sem-casa da época tinham invadido um terreno do Montepio, construindo ali uma favela que, agora, estava ameaçada de destruição pela força policial. O governador foi até o local e, na presença de fotógrafos e jornalistas, determinou a inviolabilidade da favela, proibindo não só a destruição como fazendo doação de toda a área ocupada. À exceção de Aruanda, que não se exibe mais, o filme dos estudantes e dos favelados continua em cartaz.

Acontece que a Paraíba não era uma ilha e não podia fiar alheia aos acontecimentos nacionais. Repercutiram, por exemplo, nas folhas de **A União**, as declarações do deputado Leonel Brizola, cunhado do presidente, segundo as quais "... a legalidade está ameaçada em nosso País pelos privilegiados. A UDN e o PSD tendem a se unir precipitando-se para uma ditadura" – profetizava o eterno candidato à Presidência da República. E para não fugir a seu estilo de antever dificuldades em tudo, adiantava: "A onça vai beber água em 64, porque as raposas do PSD, da política velha, tomaram conta do governo João Goulart". As declarações de Brizola eram sinais evidentes de que, até março, quando ocorreria o golpe, ele iria seguir um caminho cada vez mais distante daquele que seria trilhado pelo presidente-cunhado.

Isso não quer dizer que Jango tenha mudado radicalmente os seus projetos. Ao contrário: em manchete divulgada por **A União**, assegurava ao responsável pela Superintendência da Reforma Agrária, a Supra, que não recuaria da intenção de assinar o decreto de desapropriação de terras às margens das estradas federais e dos açudes públicos. O trabalho da Supra era acompanhado de perto pelas forças políticas paraibanas. Na Assembleia Legislativa, o deputado Assis Lemos pedia a assinatura imediata do decreto presidencial. Seu opositor, Antônio Montenegro, não achava que essa reforma fosse dar certo e dizia que, pela extensão do País, ela até que era desnecessária.

Para não perder o bonde da história, a Igreja Católica também entrou na discussão e, em João Pessoa, o monsenhor Pedro Anísio, vigário geral da cidade, declarou textualmente ao jornalista Carlos Romero: "A Igreja não tem direita, esquerda, nem centro. Ela é tudo para todos, para ganhar todos em Cristo. Pessoalmente, sou favorável à reforma agrária, desde que com a participação da Igreja. O padre, como instrumento de paz, é indispensável a esta reforma".

## 1 O Caso Mari

O primeiro grande sinal de que, também na Paraíba, o ano de 1964 não seria dos mais tranquilos, veio da zona canavieira. No dia 15 de janeiro funcionários das usinas São João e Santa Helena entraram em choque com camponeses. O episódio foi dos mais sangrentos e, ao final, onze pessoas morreram, inclusive o capanga de uma dessas usinas, que teria iniciado o tumulto. A polícia do governador Pedro Gondim foi insistentemente acusada de ter participado da chacina, posicionando-se ao lado dos usineiros.

Informado dos acontecimentos no município de Mari, o governador determinou o deslocamento de numerosa tropa para aquela área, ficando esses policiais sob o comando do coronel Luiz de Barros, que já respondia pela coordenação do policiamento dos municípios atingidos pelos desentendimentos entre proprietários e camponeses. Um dia depois da "Chacina de Mari", coincidência ou não, o general Justino Alves, comandante do IV Exército, sediado em Recife, visitaria Pedro Gondim no Palácio da Redenção. E um dia depois dessa visita, o governador convocaria a imprensa para falar oficialmente, e pela primeira vez, sobre os "lamentáveis acontecimentos".

Gondim iniciou a entrevista coletiva com a visível preocupação de explicar aos jornalistas porque demorara tanto a falar com a imprensa sobre o caso: "É que um chefe de governo tem suas limitações e seus comedimentos. Era meu propósito ter os fatos bem analisados" – disse ele, alegando em seguida que tomou providências para evitar confrontos violentos. Lembrou ainda que sempre recebeu representantes dos dois lados e que por isso já havia sido acusado de fazer o jogo dos comunistas e também de chefiar um governo reacionário.

A repercussão dos episódios de Mari foi a maior possível. Diariamente, grupos de manifestantes ocupavam as ruas de João Pessoa e de outras cidades, exigindo providências do governo para evitar que trabalhadores rurais continuassem sendo agredidos por capangas das usinas. Mesmo cuidadoso em não assumir posição clara em relação às reformas que estavam sendo exigidas, o governador não se recusava, entretanto, a revelar-se favorável à reforma agrária, mas, genericamente, dizia que não concordava bem com a amplitude do decreto que estava sendo proposto pela Supra e em vias de ser assinado pelo presidente Goulart.

## 2 É preciso mudar

Atento a tudo o que se passava na Paraíba e no resto do País, o ministro José Américo de Almeida, em entrevista de página inteira **n'A União**, dizia que não dava mais para manter o egoísmo do modelo econômico: "As reformas são uma imposição do mundo moderno, mas só lamento que essas reformas de base que o Brasil deseja empreender não tenham ainda definição clara, nem estabelecidos os seus limites para inspirar mais confiança" – observava o ministro.

O ministro afirmava ainda que não via necessidade de se violar direitos ou provocar inquietações "quando não há uma causa justa para medidas extremadas". Sobre a sucessão presidencial que já estava nas ruas, embora os partidos não tivessem ainda realizado suas convenções, observou: "O meu receio é que a campanha sucessória seja tumultuada por mentalidades agressivas que já estão explodindo nos recintos mais respeitáveis, produzindo cenas sangrentas. Tudo depende da atitude quo o governo tomar para garantir esse passo decisivo".

Ganhava espaço na primeira página de **A União** um violento editorial publicado pelo Jornal do Brasil alardeando a opinião pública para o fato de que o País não podia ficar sob o governo de uma oligarquia sindical. "Acentuamos daqui e advertimos ao presidente João Goulart para o risco dos acontecimentos imprevistos e precipitados pelo ódio e pela insegurança dos espíritos" – dizia o JB, insinuando uma resistência mais firme às ações do Governo Federal. Sem televisão e com um noticiário radiofônico ainda precário, era nos jornais, com destaque para **A União**, que o paraibano se informava diariamente do quanto acontecia em outros Estados, sobretudo no Rio de Janeiro.

A esta altura, vai se aproximando o mês de fevereiro e o clima de apreensão na Paraíba é decorrência da própria insegurança que se vive no País. Greves de canavieiros pipocam em vários municípios e o governador Pedro Gondim, sempre pressionado a tomar atitudes mais firmes, se vê obrigado a mudar o comando da Polícia Militar. Sai o coronel Renato Macário de Brito e entra o coronel João Gadelha. É voz corrente que o episódio de Mari influiu nesta alteração.

O governo rebatia as insinuações de que estaria trilhando caminho reacionário e divulgava mensagens de apoio que diariamente lhe eram enviadas, ainda por conta das providências adotadas em Mari. Até um telegrama do governador Miguel Arraes foi destaque numa das edições do jornal oficial. Enquanto isso, na Assembleia Legislativa a questão agrária pegava fogo. Deputados como Batista Brandão, Nivaldo Brito, Assis Lemos, Inácio Feitosa, Joacil de Brito Pereira e outros não deixavam passar uma só sessão sem que o assunto fosse amplamente debatido.

## 3 Protestos

Dispostos a protestar contra quase tudo, os estudantes paraibanos não perderam a oportunidade que lhes apareceu: estava em visita ao governador Gondim o americano Chester McCarmick, assessor da famigerada Usaid, instituição dos EUA conveniada com o Ministério da Educação. A crise foi se instalando em todos os setores, mas não impedia, obviamente, que a cidade seguisse a sua vida normal. **A União** registrava, por exemplo, que apesar de tudo não tinha havido retraimento no que se referia aos novos casamentos. Um total de 1.386 pessoas já haviam se casado no início do segundo mês de 1964. A média era altíssima.

Fevereiro é mês curto e o dia 31 de março se aproximava. A onda, então, nas conversas, era opinar sobre um possível plebiscito que poderia ser realizado em todo o País para que a população fosse consultada sobre a necessidade ou não das chamadas reformas de base. Havia um bochincho também sobre a conveniência de se transformar a Câmara Federal e o Senado em Assembleia Nacional Constituinte. O tempo ia passando, mas ainda possibilitava viagens do ministro da Guerra, general Jair Dantas Ribeiro. Numa tournée pelo Nordeste, incluiu a Paraíba no seu roteiro e aqui foi recebido com toda pompa possível. Não se tem registro do que possa ter conversado com militares e autoridades civis, mas não é difícil supor que estivesse realizando sondagem sobre a receptividade das medidas que o governo se preparava para adotar.

Seminário sobre problemas do Nordeste reuniu em Campina Grande os governadores Miguel Arraes (PE), Aloísio Alves (RN) e Virgílio Távora (CE). Ali também se anunciava a instalação da filial da fábrica de fogões Wallig. A Universidade Federal da Paraíba convidava o ex-presidente Juscelino Kubitschek para pronunciar aula de abertura dos cursos da UFPB. Na Assembleia Legislativa não havia quem deixasse de criticar a ação do coronel Luiz de Barros com suas tropas policiais na zona de Sapé e Mari. Um dos deputados mais exaltados era Figueiredo Agra.

No fatídico ano de 1964, o governador Pedro Gondim resolveu ir ao Rio de Janeiro no período do Carnaval. Na verdade, ele foi à velha capital dias antes dos festejos, alegando que precisaria fechar convênios de interesse estadual. Suas explicações não foram aceitas e à boca miúda dizia-se que ele fora mesmo cair na folia. Se não fosse só pela questão política, os que o criticavam tinham outro motivo: é que naquele ano o Carnaval pessoense não foi lá grandes coisas e não é de todo improvável que a turma da oposição estivesse com um pouquinho de inveja...

## 4 Agora vai

Foi-se o Carnaval, ficaram as invejas e março entrou no calendário com aquele costumeiro sol de verão. Os mais incrédulos ainda nem desconfiavam do que poderia acontecer no dia 31. Os mais antenados acreditavam piamente que o governo Goulart ia mesmo implantar suas reformas de base, com a assinatura do decreto da reforma agrária e da lei de remessa de lucros para o exterior. Anunciava-se, com estardalhaço, o inesquecível comício da Central do Brasil. Estava tudo preparado para o dia 13.

Antes disso, porém, na Paraíba se fez um outro anúncio: quem vinha aqui era o polêmico governador Carlos Lacerda, que atraía para si todo o ódio e todo o amor. Os estudantes estavam obviamente na parte do ódio e não deixaram por menos. Concentraram-se na Praça João Pessoa, em frente à Faculdade de Direito, e não demoraram em dar início àqueles intermináveis – mas sempre aplaudidos – discursos panfletários. A turma reaça, a princípio, ficou na dela, só que isso foi por pouco tempo. Não se sabe por orientação de quem, mas o certo é que as agressões começaram e os estudantes tiveram de se abrigar no prédio da faculdade, até mesmo para evitar maiores confrontos com os lacerdistas.

Ocupada a faculdade, os discursos continuaram e a polícia que já estava no local se limitava a observar. O clima foi esquentando, o nível dos discursos caindo e um grupo, comandado pelo deputado Joacil de Brito Pereira, resolveu desocupar o prédio invadido. Nisso, a polícia se meteu na confusão e não tardou muito a ser escanteada pelas tropas do 15º Regimento de Infantaria. Dava pra ver que o tumulto extrapolara os limites. Saia gente ferida, gente presa e gente chorando – afinal, pancada de cassetete não é brincadeira.

Mais uma vez, confusão para o governador Pedro Gondim que, por meio de uma nota oficial, garantia não ter demitido os jornalistas Jório Machado, Carlos Augusto de Carvalho e Expedito Cavalcanti, que haviam participado da invasão da Faculdade de Direito. Embora se garantisse que não tinham sido demitidos, a verdade é que nenhum deles continuou a dar expediente **n'A União**, onde trabalhavam.

No Rio, dia 13, acontecia o comício da Central do Brasil, e, a partir daí, não haveria mais mistério. O golpe era questão de dias. Aliás, era só uma inversão de algarismos: do 13 para o 31.

No dia dois de abril, o presidente João Goulart conseguia asilo político no Uruguai. E foi assim, há 50 anos, que a Paraíba viveu o golpe mais demorado da história do País.

***(Texto originalmente publicado pelo autor no livro O Jogo da Verdade, em 1994).***

## Piadas

### Esperto

- Doutor, eu queria que o senhor me desse um remédio pra eu ficar esperto.
- Tome dois comprimidos destes por dia e volte daqui a uma semana.

Uma semana depois:

- Doutor, acho que não fez muito efeito não...
- Tome três deste outro comprimido diariamente e volte daqui a uma semana.

Na próxima semana:

- Olhe, doutor. Eu sei que não fiquei mais esperto!! O senhor tem certeza que este remédio não é bolinha de farinha?
- Ora viva! Começou a fazer efeito!

### Loira

Depois de algumas horas vendo a loira tentando fincar o palito de dentes em uma azeitona, fazendo a dita cuja deslizar de um lado para o outro do prato, o garçom resolve ajudar.

- A senhora permite que eu tente pegar esta azeitona?

- Pode tentar... - diz a loira, exausta - Você não vai conseguir!

Então o garçom pega outro palito e, pimba, finca na primeira tentativa.

- Ah, não valeu! - resmunga ela - A azeitona já estava cansada!

### Sogra

O sujeito bate à porta de uma casa e, assim que um homem abre, ele diz:

-O senhor poderia contribuir com o Lar dos Idosos?

-Claro! Espere um pouco, que vou buscar minha sogra!

### Paulinho

A professora pergunta para o Paulinho :

-Onde fica a América?

E o Paulinho responde apontando com o dedo no mapa. A professora, então, pergunta para o Pedro:

-Quem descobriu a América, Pedro?

E Pedro responde, sem pestanejar

-Foi o Paulinho, professora!

## JOGO DOS 9 ERROS

1 - Rótulo (garrafa na mesa), 2 - dente da foice, 3 - ponta do boné, 4 - banqueta (morte), 5 - óculos quebrado, 6 - nó no cabo da foice, 7 - bigode, 8 - perna da cadeira, 9 - cigarro.

**CAÇA-PALAVRAS**

www.coquetel.com.br © Revistas COQUETEL

Procure e marque, no diagrama de letras, as palavras em destaque no texto.

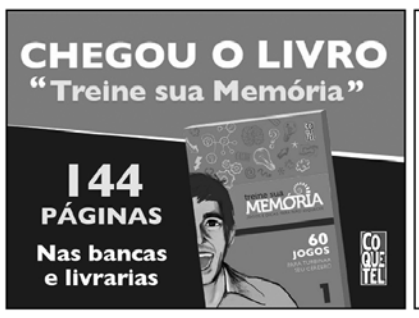
### Propriedades do óleo de abacate

Atualmente, há uma variedade de óleos de **COZINHA** no mercado, cada qual com propriedades nutritivas essenciais à saúde: os de **CANOLA**, de **GIRASSOL**, de **GERGELIM** e de **MILHO** são bastante vendidos, sem falar no de **SOJA**, mais tradicional. Entretanto, outro tipo já vem se tornando conhecido e aos poucos tem conquistado adeptos: o óleo ou **AZEITE** de **ABACATE**, como preferir chamar. Essas duas nomenclaturas conferidas ao produto não fazem diferença, pois os princípios ativos são os mesmos. A gordura é extraída da **POLPA** da **FRUTA**, quando esta se encontra **MADURA**. Tal operação não pode ser feita manualmente, havendo a necessidade de máquinas apropriadas que operam em um **PROCESSO** de centrifugação a **FRIO**. As vantagens para o ~~**CONSUMO**~~ são muitas: redução do colesterol e da **TAXA** de **CORTISOL** e prevenção de doenças oculares, cardiovasculares e cancerígenas.

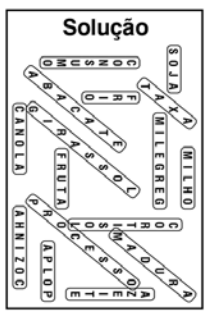
| | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| R | D | D | W | S | Z | A | K | H | M | I | L | H | O | V |
| S | O | J | A | X | X | Z | T | N | G | V | D | H | N | C |
| S | H | Y | H | A | E | M | I | L | E | G | R | E | G | Z |
| M | Z | W | T | V | Z | M | W | T | V | S | K | N | E | Y |
| T | C | M | K | F | X | E | M | S | E | B | V | L | S | X |
| V | O | I | M | R | I | Y | F | E | M | S | O | L | I | W |
| M | N | I | X | I | Y | R | T | M | B | S | T | K | N | S |
| E | S | L | T | O | T | A | R | F | S | W | T | H | N | E |
| L | U | Y | C | F | C | V | S | A | I | I | L | J | L | B |
| G | M | L | M | A | I | Z | R | B | F | R | U | T | A | L |
| S | O | J | B | C | S | I | T | X | M | K | C | J | L | R |
| G | L | A | Z | T | G | D | I | E | N | R | K | G | P | W |
| S | L | B | F | I | C | A | N | O | L | A | N | Y | R | A |

| | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| O | S | S | I | M | P | S | O | N | S | | | | | |
| | A | | | A | | | I | | | | | | | |

34




**Solução**




## Palavras Cruzadas

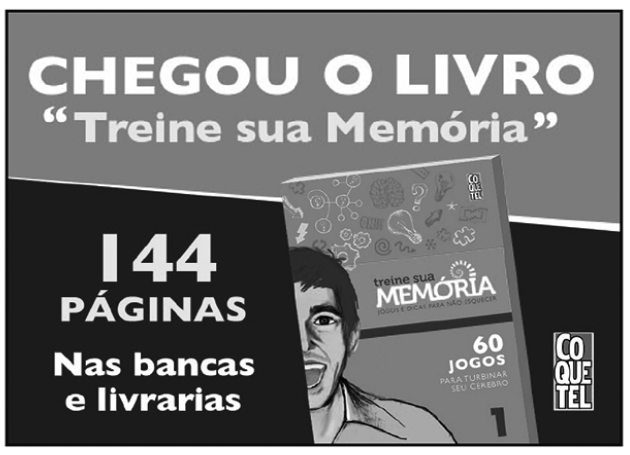
### PALAVRAS CRUZADAS DIRETAS

www.coquetel.com.br © Revistas COQUETEL

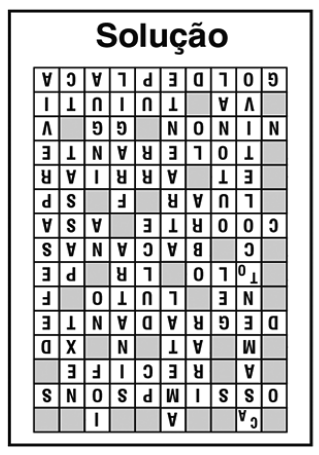
| | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Forma comunitária de união matrimonial | | Elemento químico mau condutor de calor | | | Frank (?): cantor e ator dos EUA, gravou "Strangers In The Night" e "My Way" | | | Imposto federal sobre operações financeiras (sigla) | | | | | | |
| | | A forma do sifão | Encolerizar | | | | | Próximo, em inglês | | | | | | |
| Série de animação que satiriza o estilo de vida norte-americano | | Letra da crase | | | | | | | Precede o recurso contra a multa | | | | | |
| | | A Veneza Brasileira (PE) | | | | | | | | | | | | |
| Massa (símbolo) | | Fixador para cabelos | | | Doce, em espanhol | | | Laço feito para prender a gravata | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | | | |
| A condição de trabalho dos escravos | | | Sentimento pelo falecimento de alguém | | | | | | Modelo de carro da Volkswagen | | | | | |
| Bobo | | | | Prédio em construção | | | | | | | | | | |
| Vitamina abundante na acerola | | | | De boa aparência | | | | (?) alto, infração do futebol | | | | | | |
| Grande número de pessoas | | Bons (pop.) | | | | | | | | | | | | |
| | | O clima de maio, no Brasil | | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | Artefato construído por Ícaro (Mit.) | | | | | | | | |
| "Hoje a Noite Não Tem (?)", sucesso do Legião Urbana | | | | | "Sexo (?)", série com Wagner Moura (TV) | | | Inflamação de gânglio linfático (Med.) | | | | | | |
| | | | Baixar (a bandeira) | | | | | | | | | | | |
| Extraterrestre (abrev.) | | | Pão de (?), bolo | | | | | | | | | | | |
| Indulgente | | | | | | | | | | | | | | |
| Dançarina de "Roque Santeiro" | | | | | | | | | | | | | | |
| | | | | | Símbolo do tamanho acima do G | | | | Tom Cruise, ator de "Vanilla Sky" (Cin.) | | | | | |
| Feito de Pelé no Maracanã (1961) | | | Batalha de (?), conflito no Paraguai (Hist.) | | | | | | | | | | | |

**BANCO** 4/next. 5/dulce — ninon. 6/ametal — coorte — tuiuti. 10/os simpsons.

106




**Solução**



| | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| A | C | A | L | P | E | D | L | O | G | | | | | |
| I | T | U | I | U | T | | A | V | | | | | | |
| V | | G | G | | N | O | N | I | N | | | | | |
| E | T | N | A | R | E | L | O | T | | | | | | |
| R | A | I | R | R | A | | T | E | | | | | | |
| P | S | | F | | R | A | U | L | | | | | | |
| A | S | A | | E | T | R | O | O | C | | | | | |
| S | A | N | A | C | A | B | | C | | | | | | |
| E | P | | R | L | | O | L | $T_0$ | | | | | | |
| F | | O | T | U | L | | E | N | | | | | | |
| E | T | N | A | D | A | R | G | E | D | | | | | |
| D | X | | N | | T | A | | M | | | | | | |
| | E | F | I | C | E | R | G | A | | | | | | |
| S | N | O | S | I | M | P | S | O | $C_A$ | | | | | |
| | | I | | | A | | | | | | | | | |

## Horóscopo

### Áries

A semana começa marcada pela Lua Minguante em Capricórnio que, unida a Plutão e em tenso aspecto com Sol e Urano, pede reflexão e sensatez em decisões que podem definir novos caminhos relacionados à sua carreira. Vênus em Aquário começa a receber ótimos aspectos de seu regente movimentando de forma positiva seu coração. Uma nova paixão pode surgir a arianos solitários. E aos comprometidos, uma grande melhora no relacionamento a dois. Romance em alta.

### Touro

A semana começa influenciada pela Lua Minguante em Capricórnio que, unida a Plutão e em tenso aspecto com Urano, pede cuidados redobrados com suas finanças. Cada passo deve ser muito bem estudado, assim como cada investimento feito. Mantenha os gastos sob controle. Seu regente começa um ótimo aspecto com Marte em Libra, que promete um ótimo movimento em sua carreira e projetos profissionais. O momento é ótimo para apresentações, mas deve tomar cuidado com o excesso de trabalho e ansiedade.

### Gêmeos

A semana começa marcada pela Lua Minguante em Capricórnio que, unida a Plutão e em tenso aspecto com Urano, promete mudanças em seus projetos, especialmente os que envolvem equipes, questões políticas e sociais. Amizades passam por um momento de questionamentos e possíveis rompimentos. Vênus em Aquário faz um ótimo aspecto com Marte em Libra movimentando seus projetos de viagens e contatos com pessoas e empresas estrangeiras. Um amor que mexeu com você no passado pode voltar.

### Câncer

A semana começa influenciada pela Lua Minguante em Capricórnio que, em tenso aspecto com Urano, movimenta seus relacionamentos e sua carreira. O momento promete mudanças importantes, que podem marcar o início de uma nova fase no setor. Vênus em Aquário em ótimo aspecto com Marte em Libra mexe com suas emoções trazendo as mudanças necessárias para a melhora de seus relacionamentos em família e em sua vida doméstica.

### Leão

A semana começa influenciada pela Lua Minguante em Capricórnio que, em tenso aspecto com Urano, vai movimentar seus projetos de trabalho. Pode ser que decida, de uma hora para outra, mudar de emprego, ou que seja convidado a trabalhar em um projeto inusitado. Vênus em Aquário faz um ótimo aspecto com Marte em Libra melhorando sensivelmente seus relacionamentos, tanto os de amizades quanto os romances. Para os solitários, um novo amor pode surgir.

### Virgem

A semana começa influenciada pela Lua Minguante em Capricórnio que, em tenso aspecto com Urano, pode trazer um problema imprevisto a um romance ou namoro. É possível que você pare para pensar na validade real desse relacionamento. Vênus e Marte em ótimo aspecto entre si movimentam positivamente seus projetos de trabalho e prometem abrir novas portas e trazer novas oportunidades no setor. Sua saúde também passa por um ótimo momento de renovação de energias.

### Libra

A semana começa influenciada pela Lua Minguante em Capricórnio que, em tenso aspecto com Urano, vai movimentar sua vida doméstica e trazer alguns imprevistos no setor. Os relacionamentos em família passam também por um momento de renovação e reavaliações. Vênus e Marte em ótimo aspecto entre si trazem novas oportunidades ao setor amoroso, especialmente a librianos solitários. Não há garantia na durabilidade dos relacionamentos que surgirem nesta fase, mas não faltarão oportunidades.

### Escorpião

A semana começa influenciada pela Lua Minguante em Capricórnio que, em tenso aspecto com Urano, promete mudanças e imprevistos em seus contatos, especialmente os comerciais. A comunicação pode estar meio complicada durante esta semana, portanto, tome cuidado com brigas e mal entendidos. Vênus e Marte em ótimo aspecto entre si equilibram sensivelmente suas emoções e trazem paz e sossego em sua casa e nos relacionamentos em família. Aproveite para estar entre os seus.

### Sagitário

A semana começa influenciada pela Lua Minguante em Capricórnio que, em tenso aspecto com Urano, pede cuidados redobrados com gastos desnecessários. O momento requer sensatez nos investimentos e equilíbrio entre o que se ganha e o que se gasta. Reorganize-se. Vênus e Marte em ótimo aspecto entre si prometem um ótimo momento para as amizades e a vida social, que se torna mais intensa, mas muito prazerosa. Novas amizades podem surgir e as antigas serão renovadas.

### Capricórnio

A semana começa marcada pela influência da Lua Minguante em seu signo que, em tenso aspecto com Urano, pode trazer alguns problemas imprevistos à sua vida doméstica ou aos relacionamentos em família. O momento requer calma e paciência, para que brigas desnecessárias sejam evitadas. Vênus e Marte em ótimo aspecto entre si melhoram sensivelmente suas aquisições financeiras e trazem novas oportunidades no setor. O momento é ótimo para recuperar qualquer equilíbrio perdido no setor.

### Aquário

A semana começa influenciada pela Lua Minguante em Capricórnio que, em tenso aspecto com Urano, pode deixar você irritadiço e impaciente. Procure manter a calma e controlar a ansiedade que pode estar bastante alta. O momento requer paciência. Vênus em seu signo faz um ótimo aspecto com Marte em Libra, movimentando de maneira positiva seus projetos de viagens e contatos com pessoas e empresas estrangeiras. O convite para participar de um novo projeto pode surgir.

### Peixes

A semana começa marcada pela influência da Lua Minguante em Capricórnio que, em tenso aspecto com Urano, pode trazer problemas imprevistos aos seus trabalhos em equipe. Procure manter a calma e seja paciente diante dos problemas, pois rapidamente a solução vai surgir. Vênus e Marte em ótimo aspecto entre si prometem movimentar sua vida social e trazer novas amizades à sua vida. Suas emoções passam por um ótimo momento de mudanças e reequilíbrio.

# Bolo de milho

## Receita fácil de fazer é ideal para o lanche da família

Confira

FOTOS: Divulgação

**INGREDIENTES**

1 ½ xícara (chá) de milho verde
1 xícara (chá) de leite
4 ovos
1 ½ xícara (chá) de açúcar
100g de manteiga
2 xícaras (chá) de farinha de trigo
1 colher (sopa) de fermento em pó

**Modo de preparo:**

- Bata uma xícara do milho com o leite e reserve.

- Na batedeira, bata as gemas com o açúcar e a manteiga por 10 minutos ou até obter um creme.

- Acrescente aos poucos a farinha e o fermento peneirados e misture com uma colher. Junte o milho batido com o leite e o milho restante.
- Bata as claras batidas em neve e misture delicadamente à massa.
- Coloque a massa em uma forma de buraco no meio, de 22 centímetros de diâmetro, untada com manteiga e leve ao forno moderado (180 graus), preaquecido, por 30 minutos ou até que enfiando um palito ele saia limpo.
- Retire do forno e deixe amornar.

### MEDALHÃO À PIZZAIOLO

Quantidade: 4 porções

**Ingredientes**
· 1 tomate cortado em rodelas finas
· 1/2 Quilo medalhão de filé mignon
· 1 Colher de sopa azeite de oliva
· 1 maionese HELLMANN'(250,00 g)

PARA POLVILHAR
· 1 colher de chá de orégano

**MODO DE PREPARO**

1. Em uma frigideira grande (18 cm de diâmetro), aqueça o azeite em fogo médio.
2. Coloque os medalhões e grelhe por 3 minutos de cada lado. Junte aos poucos a água e cozinhe até ficarem macios e obter um molho no fundo da frigideira.
3. Acrescente sobre cada filé uma fatia de tomate, tampe a frigideira e deixe cozinhar por 2 minutos. Coloque os filés em uma travessa e reserve.
4. Na frigideira onde foram grelhados os filés coloque a maionese HELLMANN'S, misture com o molho do grelhado e aqueça mexendo sempre até obter um molho espesso. Coloque sobre os filés, polvilhe orégano e sirva em seguida.

### BOLINHO DE RISOTTO

**Quantidade: 20 porções**

**INGREDIENTES**
· 1 cebola pequena picada
· 1 Colher de sopa de azeite de oliva
· 600 Mililitros de água fervente
· 1 Cubo caldo de legumes KNORR
· 1 Xícara de farinha de rosca
· 1/2 Xícara maionese HELLMANN'S Itália
· 1 Colher de sopa de cúrcuma
· 1/2 Xícara de vinho branco
· 1 Xícara de arroz arbóreo

**MODO DE PREPARO**

1. Dissolva o cubo de caldo de legumes KNORR em água fervente e mantenha aquecido. Em uma panela média, aqueça o azeite e refogue a cebola. Coloque o arroz, refogue rapidamente e acrescente o vinho branco.
2. Após o vinho evaporar, acrescente uma concha de caldo e a cúrcuma e mexa bem. Acrescente o caldo, concha a concha, até o arroz atingir o ponto desejado.
3. Desligue e acrescente 1 xícara de maionese HELLMANN'S Gourmet Itália. Espere o arroz amornar, enrole os bolinhos e passe-os na farinha de rosca.
4. Frite em óleo quente e sirva-os em seguida, acompanhado da maionese HELLMANN'S Gourmet Itália.

Coluna do Vinho

Joel Falconi
renascente@veloxmail.com.br

# O sereníssimo capítulo de Caballeros de Abariños

## Na Galícia, uma taberna é uma segunda casa

Na procura de subsídios sobre as Confrarias Vínicas da Espanha, encontramos em nosso acervo particular o livro OS VIÑOS DE GALICIA editado originalmente em 1ª edição em agosto de 1978, escrito em língua galega pelo engenheiro e enólogo Xosé Posada, que trabalhou em empresas de comércio exterior; sendo o nosso exemplar da 3ª edição datada de abril de 1981.

O galego não é difícil de entender, parecendo uma mistura de palavras em português e espanhol, com 20 ou 25% delas efetivamente do idioma galego, dificultando seu entendimento por nós não dispormos de dicionário Galego X Português.

Nosso interesse maior na sua releitura nessa virada de calendário para 2014 era encontrar subsídios sobre Confrarias Vínicas da Galícia, especialmente sobre o Sereníssimo Capítulo de Caballeros do Albariño, que consideramos a melhor uva branca de toda a Galícia de acordo com referências encontradas em outra revista que compramos numa livraria em Santiago de Compostala. Felizmente no livro já referido, Posada dedica um razoável texto sobre as confrarias e irmandades de catadores e bebedores, o que nos permite passar adiante os dados que potenciam esse tipo de organizações constituídas por pessoas interessadas na produção, crianza e cata dos vinhos galegos, com reuniões periódicas e atividades semelhantes as que acontecem nas principais zonas dos maiores países vinhateiros.

O autor nos informa ainda que na Galícia conhece apenas o "Sereníssimo Capítulo de Caballeros do Albariño" nos brindando com uma foto colorida de um Capítulo Sereníssimo do Albariño onde é possível observar a tremenda responsabilidade dos catadores entre os quais identifica os escritores Álvaro Cunqueiro e Castroviejo numa reunião em Cambados.

Na Galícia de muitas raças, os homens de origem latina ainda vivem mais fora de casa e a taberna para eles é uma instituição onde têm uma atividade social e comunicação quente, que não entende as gentes que vivem por cima do paralelo que passa por Paris. Uma taberna é uma segunda casa, uma família muito mais compreensiva e tolerante que a oficial e ao mesmo tempo é um confessionário.

Apesar de considerar o futuro dos vinhos galegos não muito brilhante, Posada alerta que cada ano, baixa a sua produção porque os vales vão se enchendo de água ao se fazerem barragens que em Valdeorras e no Ribeiro afogaram milhares de videiras para produzir Kilowats; sem que ninguém avalie a rentabilidade de uma queda d'água e a dos Vales mais férteis da Galícia.

Os vinhos galegos podem não ser os melhores do mundo. Para nosotros (e ai incluímos dona Gizêlda), nada se compara ao Albariño que bebemos numa tarde de verão nos jardins do hotel da ilha de LA TOJA, bem no centro da região das Rias Baixas, onde se produz o melhor vinho branco de toda Espanha.

São vinhos especiais com personalidade definida, que apreciamos tanto que repetimos a "dose" no jantar daquela mesma noite combinando-o com uma caldeirada de mariscos tradicional em todos os rios que vão de Cambados, passando por Vigo e até La Coruña. Quem quiser experimentar, asseguramos que os RISCOS JUSTIFICAM O PRÊMIO. Afinal de contas o mar Cantábrico é um dos mais psicoses do mundo.



***Na foto acima é possível observarem em seus semblantes a tremenda responsabilidade dos catadores durante um Capítulo realizado na cidade de Cambados, dos Sereníssimos Caballeros de Albariño onde se registram as presenças dos escritores Álvaro Cunqueiro e Castroviejo***

A UNIÃO

## 50 anos do golpe de 64

João Pessoa, Paraíba — DOMINGO, 30 de março de 2014

FOTO AGÊNCIA O GLOBO

# Não era ‘1º de Abril’: 31 de março havia chegado

Palácio das Princesas, sede do Governo de Pernambuco. Miguel Arraes e assessores acompanhavam a mobilização golpista contra Jango. Um filho do governador entra e grita: “O Exército cercou o prédio”. Ante o espanto dos presentes, o rapaz tranquiliza a todos: “É primeiro de abril”. A brincadeira durou pouco: o que parecia mentira, se transformou numa dura verdade.

MAIS: RELATOS DE DOM JOSÉ MARIA PIRES E MAILSON DA NÓBREGA SOBRE O GOLPE DE 1964

**"É triste ver na cadeia gente que em outras épocas lutou com desprendimento."**

**Fernando Henrique Cardoso sobre prisão de José Genuíno e José Dirceu, guerrilheiros que lutaram contra o regime militar**



# Neutralidade e adesismo

## *A União* só toma partido após Gondim apoiar golpe

***Eduarda Campos***
*Especial para* **A União**

Na primeira capa, de 31 de março, ***A União*** tem postura neutra em relação ao golpe iminente. Em 2 de abril, a posição de apoio do governador é clara. Goulart vai ao exílio

Dia 31 de março de 1964, o jornal **A União** registrou a opinião das forças democráticas ante à eminência do golpe dos militares ao governo do presidente João Goulart. Na capa, a manchete principal expressa a insatisfação: "CGT alerta país contra possível golpeamento do mandato de João Goulart". Entre outras informações, havia a notícia que reacionários, no Rio de Janeiro, estavam inconformados com o avanço democrático.

A maioria da imprensa apoiava o fim do governo João Goulart. Antes de o golpe acontecer, **A União** já trazia à tona toda a tensão política e militar que ocorria no país. Durante o mês de março, **A União** noticiava a forte possibilidade dos militares tomarem o poder de João Goulart. A posição do então governador paraibano Pedro Gondim, neutra até a véspera do golpe, só ficou patente após 31 de março. Ele apoiaria a deposição do presidente,

O golpe de 1964 foi veiculado, desde o princípio, como uma "revolução" que traria de volta a democracia. A participação da grande mídia foi decisiva para a derrubada de João Goulart, levando a população a acreditar que os militares defendiam a restauração da disciplina, para deter a "ameaça comunista". A imprensa difundiu a existência de um caos administrativo e também a ideia de que era imprescindível a necessidade de restabelecer a ordem por meio de uma intervenção militar. Pesquisa do Ibope, feita à época, e só recentemente revelada, mostra que 72% da população brasileira apoiava o governo militar.

Em 1º de abril, **A União** noticiava que "Soldados e policiais do Dops patrulham a cidade, tendo já registrados várias prisões e conflitos." Somente na edição de 2 de abril, quando João Goulart já havia se exilado no Uruguai, **A União** publicou em sua capa a manchete: "Raniere Mazzilli é o novo presidente da República". Então presidente da Câmara dos Deputados, Mazzilli assumiu o cargo interinamente, pois o poder propriamente dito era exercido por uma junta militar composta pelo general Artur da Costa e Silva, o almirante Augusto Rademaker Grünewald e o brigadeiro Francisco de Assis Correia de Melo, até o dia 15 de abril, quando o marechal Castelo Branco foi eleito pelo Congresso.

Durante o mês de abril, em todo o país, as grandes mídias noticiaram o apoio da população ao que os militares chamavam de democratização. No dia 7, **A União** publica em sua capa o apoio do então governador Pedro Gondim à posse do general Humberto Castelo Branco na Presidência.

Apesar de a repressão ter se estendido a vários setores da sociedade, na Paraíba se fez mais forte sobre as Ligas Camponesas de Sapé, considerada uma afronta aos grandes proprietários de terra e uma ameaça de subversão da ordem. No dia 8 de abril, **A União** noticiou a prisão do presidente da Federação das Ligas Camponesas: "Assis Lemos é preso por patrulhas do IV Exército." Assis Lemos foi preso no dia 6 de abril, em Recife, onde tinha ido prestar apoio a Miguel Arraes, governador de Pernambuco, que após ter sido deposto, foi preso no dia 1º de abril. Adhemar de Barros, então governador do Estado de São Paulo, faz um pronunciamento a favor da chamada revolução, conforme atesta **A União,** em 10 de abril:

"O processo revolucionário que se inicia no Brasil, por vontade da nação e com apoio das forças armadas, é preciso ficar patente a todos os instantes que o movimento se dirige contra todos aqueles que trabalham ou dizem trabalhar para solapar o regime democrático."

**A União** registra os acontecimentos pós-golpe. Em 9 de abril de 1964, a junta militar que governava o país determinou que o Congresso Nacional se transformaria em Colégio Eleitoral para a designação do presidente da República. E então no dia 10 de abril, João Goulart teve seus direitos políticos cassados por 10 anos, após a publicação do Ato Institucional. No dia 12 de abril, **A União** publica em sua capa: "Brasil tem novo presidente: Eleito Gal. Castelo Branco". É a primeira eleição, no novo regime, a ocorrer de forma indireta. O general assume o poder no dia 15 de abril, mesmo dia em que **A União** publica que o delegado Regional do Trabalho decreta intervenções em quase todos os órgãos de classe.

**Em 7 de abril, *A União* publica em sua capa o apoio do governador Pedro Gondim à posse do general Humberto Castelo Branco à presidência**

Dia 19 de abril, **A União** publica carta trocada entre Pedro Gondim e o governador de São Paulo, Adhemar de Barros, antes do golpe. Nos meses seguintes, **A União** apresenta à população notícias da movimentação política de todo o país, principalmente do Estado da Guanabara (que viria a ser o município do Rio de Janeiro), São Paulo, Porto Alegre, Minas Gerais e Brasília, onde estavam concentradas as grandes decisões e mudanças políticas. O então governador Pedro Gondim, estava sempre presente na capital federal, a fim de acompanhar e apoiar as decisões do governo Castelo Branco.No dia 26 de abril, **A União** noticia que a polícia fluminense mantém presas 600 pessoas. O grupo teria sido identificado como comunistas por estar de posse de suposto material subversivo.

No dia 2 de junho, o jornal registra que o presidente Castelo Branco irá solicitar prorrogação do Ato Institucional que regula a cassação de mandato e a suspensão de direitos políticos. Castelo Branco propõe mais 120 dias, porém, como previsto no Ato Institucional, chega ao fim no dia 14 de junho, após punir quase 500 pessoas, entre ex-presidentes e ex-governadores, como divulga o diário em 17 de junho.

No dia 9 de julho, **A União** publica que o presidente Castelo Branco afirma não haver necessidade de prorrogação do seu mandato.

**A União registra as declarações do general Olímpio Mourão: 'a coisa não pode continuar como está: nem ditadura, nem democracia'**

Contudo, no dia seguinte, a comissão mista do Congresso aprova a prorrogação do seu mandato até março de 1967.

Em 5 de agosto, **A União** publica declaração do general Olímpio Mourão Filho, que em 31 de março iniciou a movimentação de tropas para a derrubada do presidente João Goulart: "A coisa não pode continuar como está: nem ditadura, nem democracia". A eleição presidencial que estava programada para 1965 nunca foi realizada e os militares passaram a eleger os presidentes indiretamente.

No dias pós-golpe, o apoio do Governo da Paraíba ao regime militar é flagrante nas capas de ***A União***. O governador Pedro Gondim comparece à posse de Castelo Branco

**A UNIÃO**
SUPERINTENDÊNCIA DE IMPRENSA E EDITORA
Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no governo de Álvaro Machado

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010
Distrito Industrial - João Pessoa/PB
PABX: (083) 3218-6500 /
ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526
REDAÇÃO: 3218-6511 / 3218-6509

**SUPERINTENDENTE** Albiege Fernandes
**DIRETOR ADMINISTRATIVO** José Arthur Viana Teixeira
**DIRETORA DE OPERAÇÕES** Albiege Fernandes
**DIRETOR TÉCNICO** Gilson Renato
**EDITOR GERAL** Walter Galvão
**CHEFE DE REPORTAGEM** Conceição Coutinho
**SECRETÁRIA DE REDAÇÃO** Renata Ferreira
**COORDENADOR DE CADERNOS ESPECIAIS** Ricco Farias
**FOTOGRAFIA:** Marcus Russo, Felipe Gesteira, Eduarda Campos e Arquivo
**EDITORAÇÃO:** Ulisses Demétrio
**Tratamento de imagem:** Carlinhos Cardoso, Joaquim Ideão,

**"Eu me sinto traído por práticas inaceitáveis das quais nunca tive conhecimento"**

**Lula, sobre o mensalão, em agosto de 2005, em O Globo**



# Ligas camponesas

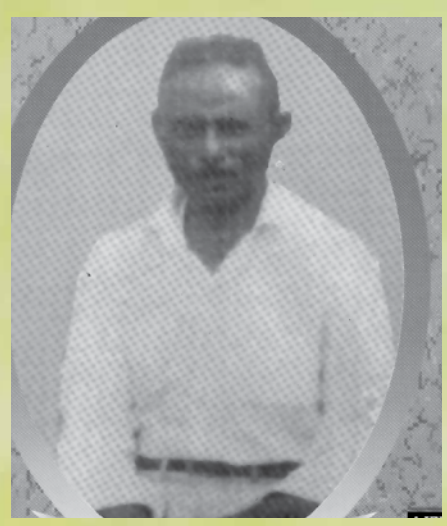
## Morte de Pedro Teixeira antecipa radicalização que viria com o golpe

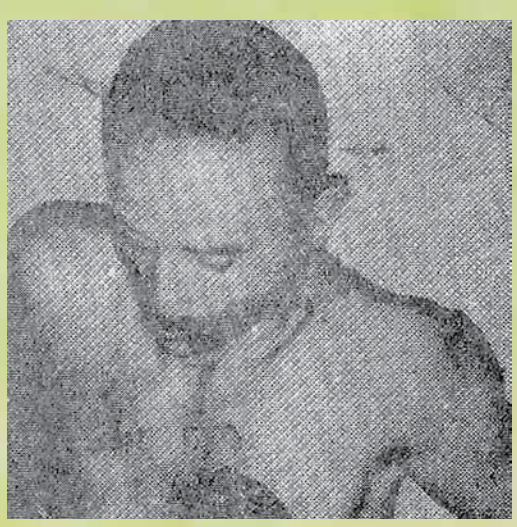
***Felipe Gesteira***
*Especial para A União*

Ele caminhava sozinho pela estrada, armado apenas com cadernos e livros que nem eram seus, mas para a educação dos filhos. Queria que seguissem um caminho diferente, longe da exploração da vida no campo. À espreita, com armas de fogo de longo alcance, dois assassinos aguardavam para tirar a vida do maior líder da luta pela terra e pela reforma agrária no Brasil. Na tarde de 2 de abril de 1962, o sangue derramado pelos algozes de João Pedro Teixeira impulsionou o movimento das Ligas Camponesas na Paraíba.

As enxadas pararam por um dia. Quem encomendou o crime queria calar a revolta no campo que ganhava força em Sapé, a 55 km da capital João Pessoa, e se espalhava pela região. O poderoso latifundiário Agnaldo Veloso Borges - avô materno do deputado federal Aguinaldo Ribeiro (PP) - fora apontado como mandante do assassinato. O resultado, além de uma mulher viúva e onze filhos sem pai, foi um tiro no pé para o mandatário. Após a morte de seu líder, o número de associados à Liga duplicou, chegando a cerca de 16 mil camponeses.

### CABRA MARCADO PARA MORRER





João Pedro Teixeira foi morto em 1962. A União foi o primeiro jornal a fazer a cobertura do crime. Edição esgotou-se rapidamente

## "EUA temiam que movimento fosse um novo Vietnã"

Os trabalhadores do campo lutavam contra o regime de escravidão imposto pelos donos das terras. Trabalhavam ser receber salário, em troca do direito de morar em um casebre na propriedade. Eram privados de qualquer tipo de lazer, e também não podiam se reunir. As proibições eram medidas protetivas dos fazendeiros. A prática era semelhante à dos senhores feudais da Idade Média. O ex-deputado estadual Assis Lemos, que também militou nas Ligas, conta como foi o início de tudo:

"O movimento começou no Engenhou Galiléia, em Pernambuco. Foi a primeira fazenda a ser desapropriada. Em virtude do exemplo surgiu a Liga Camponesa de Sapé. João Pedro Teixeira era do Engenho Galiléia e veio para Sapé. Ele, João Alfredo Dias (Negro Fuba) e Pedro Fazendeiro passaram a liderar o movimento em Sapé e organizaram uma associação. Registraram em cartório com o nome de Associação dos Trabalhadores Rurais de Sapé, mas a imprensa batizou de 'Liga Camponesa'", relata.

Assis Lemos coordenou a Confederação das Ligas Camponesas, formada por 19 ligas e cerca de 40 mil associados. O movimento tomava proporções que surpreendiam até mesmo seus membros. Juscelino Kubitschek esteve em Sapé; João Goulart, também. O então presidente dos Estados Unidos, John Kennedy, chegou a marcar uma visita a Sapé, mas foi assassinado antes disso. Seus irmãos, Bob e Ted Kennedy estiveram na cidade. O governo norte-americano temia que o interior da Paraíba se transformasse em um 'novo Vietnã'. Enviou agentes disfarçados de repórteres para monitorar a região.

No mesmo período, Celia Guevara, mãe do argentino líder da Revolução Cubana, Ernesto 'Che' Guevara, esteve em Sapé. Passou uma semana em contato com as mulheres do campo. Muitas pessoas se uniam em torno do movimento e doavam seu tempo como podiam. "Como a população era analfabeta e não podia votar, as Ligas criaram grupos de alfabetização no método Paulo Freire. A classe política ficou apavorada com esse fato. Já pensou, 80% da população com um Título de Eleitor e votando contra a burguesia?", relembra Assis Lemos.

O professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e diretor de Projetos do Memorial das Ligas Camponesas, Antônio Alberto Pereira, destaca que se não fosse o Golpe de 1964, o Brasil seria outro. "O camponês aprendia a ler, a interpretar e a decifrar o mundo dos opressores e o mundo dos oprimidos. O método ajudava a descobrir as causas da opressão e a resgatar o mais elementar direito do ser humano: dizer a sua própria palavra.

## 'Cabra', o filme

A morte de João Pedro Teixeira como mártir da luta pela reforma agrária foi pauta por muito tempo na imprensa paraibana. Somente com o fim da ditadura militar a história ficou nacionalmente conhecida através do cinema, com "Cabra Marcado para Morrer" (1985, 119 min), de Eduardo Coutinho. O filme começou a ser produzido após o assassinato do líder camponês e foi interrompido pelo regime militar. Só pôde ser concluído mais de vinte anos depois. Vários equipamentos, rolos de negativos, entre outros registros foram confiscados pelos militares.

O cineasta paraibano Vladimir Carvalho era assistente de direção de Coutinho na primeira fase das filmagens e produtor associado na segunda. Durante a longa pausa, disse que sentia como se fosse "podado", por conta do impedimento imposto pelo regime militar de continuar a obra. Mesmo assim seguiu firme com sua 'missão' de proteger a atriz principal, Elizabeth Teixeira, viúva de João Pedro Teixeira, que vivia no documentário seu próprio papel. Mesmo antes do filme, Vladimir era militante dos movimentos estudantis e já convivia de perto com a realidade das Ligas Camponesas.

"Íamos os grupos de estudantes em caravanas ao interior para dar um tipo de assistência àqueles camponeses que se organizavam. Era um movimento espontâneo, solidário. Ninguém estava forçado a fazer, mas de uma forma bastante voluntariosa íamos ao campo. Os estudantes de Direito faziam petições para denunciar as violências policiais. Aquilo era uma guerra, uma batalha campal. Os estudantes de Odontologia faziam um censo, catalogando arcadas dentárias. Os de Agronomia prestavam orientação de como plantar, colher. Isso foi de uma enorme importância para o crescimento do movimento", revela.

Elizabeth Teixeira foi a maior vítima da violência contra seu marido, João Pedro Teixeira. Viúva com onze filhos, um deles de apenas dez meses, teve que largar tudo e fugir no momento em que os militares saíram dos quartéis para a tomada do poder. Pintou o cabelo de loiro, mudou as feições conservadas. Vladimir Carvalho, que tomava conta da viúva, relata que era triste transformar o semblante de uma "mulher séria, reservada, para a aparência de uma mulher alegre, como se ela fosse".

Apesar de ter recebido apoio para se esconder, Elizabeth não aguentou viver na clandestinidade e se entregou à polícia. Passou oito meses presa, e conta que o mais difícil, além da separação dos filhos, foi ter perdido dois deles: João Pedro e José Eudes. "Eles diziam que quando ficassem de maior (sic) iam dar continuidade à luta do trabalho do pai. Quando veio a ditadura a polícia tirou a vida deles", desabafa Elizabeth Teixeira.

**Cobertura de A União**

Durante a investigação do caso, o jornal **A União** trouxe a cobertura detalhada de todos os fatos. Assim que chegou em João Pessoa a notícia da morte do líder da Liga Camponesa de Sapé, uma equipe foi ao local. A edição do dia seguinte esgotou-se rapidamente. A reportagem de capa fora escrita a quatro mãos, pelos jornalistas Biu Ramos e Gonzaga Rodrigues: "De fuzil e emboscada mataram João Pedro Teixeira". Foi preciso imprimir uma outra tiragem, no mesmo dia, para atender à demanda.

Gonzaga Rodrigues, secretário de A União sob a gestão de Hélio Zenaide, relembra as vendas da edição histórica. "Estava na cara que a edição seria esgotada. **A União** era disputada pela estudantada, por professores, por gente que tinha opinião.

## Liberdade de expressão

**No 31 de março, cheguei pela manhã à Faculdade de Direito e encontrei a escadaria de entrada lotada de colegas em debates acalorados. Tomei conhecimento da derrubada de João Goulart. Na época, com 18 anos, já era casado, com responsabilidade de manter a família com o emprego na Assembleia Legislativa. Procurei saber se a Assembleia seria fechada. Era o fim do meu emprego. Como a Assembleia ficou aberta, fiquei tranquilo. Se fui egoista, nao sei, pelo menos fui o que chamavam à época de alienado.**

**Ramalho Leite**
Advogado e ex-deputado estadual

**Em 1964, estava com 13 anos. Estudava no Liceu Pasteur, colégio francês, em São Paulo (SP). Para nós adolescentes, somente entendíamos que se tratava de reprimir a tentativa de introduzir o Comunismo no Brasil. Aprovação total, pois a minha formação familiar foi sempre anti-comunista. Minha família participou da Marcha com Deus pela Família. Essa foi sempre a ideia que norteou a minha opção sócio -política, não obstante outros fatos de repressão ao Comunismo que se sucederam à tomada do poder pelos militares.**

**Dom Aldo di Cillo Pagotto**
Arcebispo da Paraíba

‘A diferença fundamental entre Direita e Esquerda é que a Direita acredita cegamente em tudo que lhe ensinaram, e a Esquerda acredita cegamente em tudo que ensina.”
Millôr Fernandes, escritor e jornalista



# 64: o ano em que o Brasil foi preso

## Deposição de João Goulart leva país a 21 anos de regime de exceção

**Felipe Gesteira**
*Especial para A União*

**“Sei das reações que nos esperam, mas estou tranquilo, acima de tudo porque sei que o povo brasileiro já está amadurecido, já tem consciência da sua força e da sua unidade, e não faltará com seu apoio às medidas de sentido popular e nacionalista. Quero agradecer, mais uma vez, esta extraordinária manifestação, em que os nossos mais significativos líderes populares vieram dialogar com o povo brasileiro, especialmente com o bravo povo carioca, a respeito dos problemas que preocupam a Nação e afligem todos os nossos patrícios. Nenhuma força será capaz de impedir que o governo continue a assegurar absoluta liberdade ao povo brasileiro. E, para isto, podemos declarar, com orgulho, que contamos com a compreensão e o patriotismo das bravas e gloriosas Forças Armadas da Nação.” - Presidente João Goulart em comício para cerca de 200 mil pessoas na Central do Brasil, no Rio de Janeiro, em 13 de março de 1964.**

A madrugada era tensa no Palácio do Campo das Princesas, sede do governo do Estado de Pernambuco. A vigília montada que estava de prontidão foi surpreendida quando um filho do então governador Miguel Arraes entrou no salão gritando. “Os soldados estão cercando a casa!”.

Após a correria, o mesmo justificou a péssima piada com um sorriso amarelo: “Primeiro de abril”. Aquele dia do ano de 1964 não ficaria marcado pelo tom da brincadeira, mas pelo dia em que um governo democrático caiu. Se foi golpe, contragolpe, ou revolução, o fato é que os militares derrubaram um presidente eleito e tomaram as rédeas do poder.

O exército dormiu republicano em 31 de março e acordou “revolucionário” em 1º de abril. Os militares saíram dos quartéis insurgentes contra um governo que prometia as reformas agrária, política e universitária. João Goulart, ou Jango, como era chamado, havia assinado a medida que desapropriava as terras às margens das rodovias federais, ferrovias e açudes. As bandeiras vermelhas no histórico comício da Central do Brasil, que reuniu cerca de 200 mil pessoas no Rio de Janeiro e foi transmitido pelo rádio e pela TV, inquietavam a oposição.

Era o momento de acionar o plano para a derrubada da democracia no Brasil. Os militares se apoiavam na instabilidade econômica e na alta inflação no país. As “Marchas da Família com Deus” reuniam milhares de pessoas em torno da extrema direita com a justificativa religiosa em seu discurso. Tudo foi feito para “proteger a nação”. O que se viu nos 21 anos seguintes foi um governo antidemocrático e repressor que praticava crimes de tortura e derrubou, além de um presidente eleito, também a liberdade de imprensa.

A professora e pesquisadora do Núcleo de Direitos Humanos da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Lúcia Guerra, vê bastante agitação no período anterior ao golpe militar. “O pré-golpe foi um momento de muita ebulição social, justamente porque os grupos que sempre foram oprimidos estavam vendo uma oportunidade de serem ouvidos a partir das reformas que estavam sendo discutidas: reforma agrária, reforma da própria educação superior, reforma fiscal, financeira, então eram oportunidades que estavam surgindo diante do exercício pleno da democracia, só que isso assustou muita gente. Esse movimento que veio golpeou um sistema normal”, analisa.

> **Não é justo que o benefício de uma estrada, de um açude ou obra de saneamento vá servir aos interesses dos especuladores da terra**
>
> **Presidente João Goulart**
> Em discurso na Central do Brasil, em 1964

Para Lúcia Guerra, o golpe militar foi um crime contra os direitos humanos. “Pensar em direitos humanos é pensar em democracia. O golpe viola a democracia, embora tenha tido um discurso pró-democracia, essa é a grande questão. O discurso na formação do golpe era que eles estariam defendendo o Brasil da formação de um possível regime totalitário e antidemocrático, que era aquele temor que se tinha do socialismo e do comunismo. Eles assumem o discurso da democracia e, na medida em que assumem o poder, eles não continuam com o discurso da democracia. A sua prática é desconstruída após o golpe”.

O secretário de Organização do Partido Comunista do Brasil (PC do B) na Paraíba, Simão Almeida, já vivia ativamente a militância política nesse período em Campina Grande. Simão relembra que o clima nas ruas era de que algo grande estava para acontecer. “A oposição (militares) não se preocupava em ocupar espaços porque a articulação principal deles era dentro dos quartéis. Os militares precisavam transparecer um apoio popular. Foi quando entraram em cena as famosas ‘Marchas da Família com Deus pela Liberdade’. Foi articulada com todos os requintes do serviço secreto e a Igreja Católica entrou nessa arapuca”, conta.

> **A ditadura pega bandeiras dele (*Goulart*), só que a ditadura fez a reforma à direita, uma reforma conservadora, mas fez a reforma**
>
> **Lúcia Guerra**
> Professora da UFPB

### As reformas do governo Jango

**“O que se pretende com o decreto que considera de interesse social para efeito de desapropriação das terras que ladeiam eixos rodoviários, leitos de ferrovias, açudes públicos federais e terras beneficiadas por obras de saneamento da União, é tornar produtivas áreas inexploradas ou subutilizadas, ainda submetidas a um comércio especulativo, odioso e intolerável. Não é justo que o benefício de uma estrada, de um açude ou de uma obra de saneamento vá servir aos interesses dos especuladores de terra, que se apoderaram das margens das estradas e dos açudes.**

**Reforma agrária com pagamento prévio do latifúndio improdutivo, à vista e em dinheiro, não é reforma agrária. É negócio agrário, que interessa apenas ao latifundiário, radicalmente oposto aos interesses do povo brasileiro.” - João Goulart, comício da Central do Brasil, Rio de Janeiro, 13 de março de 1964.**

Competente ou não, Jango era, acima de tudo, um reformista. Não se sabe se ele teria conseguido as reformas que pretendia. Algumas foram feitas pelo regime militar, e o que se viu, mesmo após a queda da ditadura, foram governos que até hoje se escondem das reformas. Simão Almeida considera que ao menos o problema da reforma agrária teria se resolvido.

No comício de 13 de março ele assinou medidas radicais. Desapropriar as margens das rodovias federais no Brasil inteiro, você imagina o que é isso? A gente ia ter terra aos montes pra distribuir com os trabalhadores”, lamenta.

A professora Lúcia Guerra reconhece as reformas conquistadas na gestão dos militares, mesmo tendo sido executadas nas formas mais conservadoras. “Uma das reformas que estavam previstas era da educação, do ensino superior, e a ditadura fez a reforma! Inclusive a ditadura pega bandeiras dele (João Goulart), só que a ditadura fez a reforma à direita, uma reforma conservadora, mas fez reforma. Se queria uma reforma na educação superior e os governos militares implementam, só que a partir de uma assessoria americana, em termos de pensamento e em termos de espaço físico”, e denuncia:

“Até mesmo nossos campi têm um modelo direcionado pelas orientações que vieram dos Estados Unidos. Então as reformas foram feitas no viés conservador, e não no viés progressista que se queria. Até hoje essa linha progressista tem dificuldade.

A história brasileira é marcada por um domínio muito forte das elites, então a própria população não se sente sujeito. As pessoas têm dificuldade em assumir o protagonismo, é da nossa história. Com a ditadura isso se aprofundou”, destaca Lúcia Guerra.

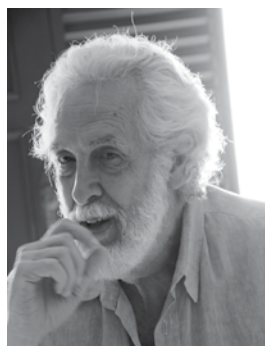
Professora Lúcia Guerra, do Núcleo de Direito Humanos da UFPB: “A história brasileira é marcada pelo domínio muito forte das elites”

continua na página 5

### Liberdade de expressão

**No dia 31 de março de 1964 eu estava em Cajazeiras. Era funcionário do Banco do Brasil. Soube do golpe à noite na Difusora Rádio Cajazeiras. O diretor da rádio, Mozart Assis, nos chamou para ouvir o discurso de Ademar de Barros, em que anunciava o movimento para depor João Goulart. Eu tinha 21 anos e me considerava de esquerda. Marcou-me a profética declaração de Mozart. "Vamos ter 20 anos de regime militar". Temi a prisão quando tropas do Exército chegaram a Sousa para prender o prefeito Antonio Mariz, que havia feito um discurso contra o golpe.**

**Mailson da Nóbrega**
Economista, ex-ministro da Fazenda



**31 de março de 1964 caiu numa terça. Dei expediente no Banco do Brasil, em Pombal. Todos seguíamos os acontecimentos pelo rádio, à noite. Dos jornais, recebíamos apenas A União, que vinha pelos malotes do banco, por causa do Diário Oficial, e com atraso. Mas vi um colega, na nossa república de bancários solteiros, esconder livros sobre economia e política junto à caixa d´água que era abastecida por carros-de-boi, e um médico, amigo meu, enterrou algumas obras filosóficas no quintal.**

**Waldemar José Solha**
Escritor e artista plástico

## Jango teve a opção de atacar os militares

**"Com fé em Deus e confiança no povo, quero afirmar, claramente, nesta noite, na hora que, em nome da disciplina, se estão praticando as maiores indisciplinas, que não admitirei que a desordem seja promovida em nome da ordem; não admitirei que o conflito entre irmãos seja pregado e que, em nome de um antirreformismo impatriótico, se chegue a conclamar as forças da reação para se armarem contra o povo e contra os trabalhadores; não permitirei que a religião de meus pais, a minha religião e a de meus filhos, seja usada como instrumento político de ocasião, por aqueles que ignoram o seu sentido verdadeiro e pisoteiam o segundo mandamento de Deus." - João Goulart, discurso durante reunião de sargentos no Automóvel Clube, Rio de Janeiro, 30 de março de 1964**

Jango tinha generais do seu lado, e muitos militantes esquerdistas, sob a ameaça do golpe, queriam que o presidente contra-atacasse, como afirma Simão Almeida: "Nós defendíamos que deveria ter havido isso. A opção apresentada por Brizola, de resistência, teria sido o melhor caminho. O problema é que o governo Jango estava minado. Talvez não tivéssemos uma resposta popular, seriam militares contra militares. No fundo, a opção de esquerda, revolucionária, estava profundamente debilitada".

O golpe militar não interessava apenas aos militares, mas também a empresários, grupos conservadores e até ao governo norte-americano, como comprovam gravações reveladas do então presidente John Kennedy em 1963, antes de ser assassinado. Os Estados Unidos enviariam tropas com suporte de armas e combustível na operação denominada "Brother Sam" ("Irmão Sam", em tradução livre). A grande dificuldade do presidente, na sua intenção de se reeleger, era a necessidade de uma reforma constitucional.

Jaldes Meneses, cientista político e professor da UFPB, considera complexa a conjuntura para um contra-ataque no momento pré-golpe. "Se (Jango) foi covarde ou corajoso, esse é um atributo individual. O fato é que ele decidiu não resistir ao golpe. As adesões eram muito fortes. Ele também teve medo de mergulhar numa guerra civil. O comício da Central do Brasil foi fundamental, lá ele desativou várias forças. O grande erro da esquerda foi ter avaliado mal as vitórias. Não havia uma proposta clara de manutenção constitucional. Ele foi sinuoso nesse sentido e isso o fragilizou", analisa.

> **Não admitirei que a desordem seja promovida em nome da ordem; não permitirei que a minha religião seja usada como instrumento político de ocasião**
>
> **Presidente João Goulart**
> Em discurso na Central do Brasil, em 1964

câmeras quebradas. Fotografias reveladoras eram queimadas dentro das redações. Meses antes do início, a própria mídia não conseguia prever um momento tão obscuro para o país.

Gonzaga Rodrigues, jornalista e ex-secretário de *A União*, conta que o clima vivido na época que antecede o golpe era de comprometimento por uma sociedade melhor. "Os meios de comunicação trabalhavam para isso. Existia engajamento literário, da imprensa. A televisão, não, que sempre trabalhou aliada a grupos conservadores que serviam a interesses do capital. Eram tantas as forças intelectuais, políticas, aglutinadas em torno da ideia de uma revolução democrática, socialista. Dois terços do mundo eram socialistas. Vivia-se um clima ideológico em toda a América Latina".

O governo militar controlava tudo. O jornalista paraibano Biu Ramos, que foi freelancer de **A União** e cobriu o assassinato de João Pedro Teixeira, o maior líder das Ligas Camponesas, desabafa, saudosamente, sobre o exercício da imprensa livre antes da ditadura. "O jornalismo e a literatura, o rádio e a televisão, livres das peias da censura, difundiam o entrechoque de ideias. Vivia-se um regime de democracia plena, sem restrições de qualquer natureza à liberdade de expressão e de pensamento".

O repórter fotográfico com maior destaque na cobertura de todo o período do regime, Evandro Teixeira, revela que o golpe pegou todos de surpresa, mas sabiam que algo grave viria pela frente. "Tínhamos liberdade. Nada era censurado, nada era proibido. Ninguém esperava o golpe. O fogo mesmo começou no comício da Central do Brasil. A partir daquele dia a gente sabia que viria merda. Era uma coisa tensa, precisávamos ter coragem para registrar o que depois seria contado na história do país", conta o jornalista que na época trabalhava para o Jornal do Brasil.

Professor Giuseppe Tosi, coordenador do Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos da UFPB: "Essa direita autoritária existe. E é perigosa

> **Se Jango foi covarde ou corajoso, esse é um atributo individual. O fato é que ele decidiu não resistir ao golpe. Teve medo de uma guerra civil**
>
> **Jaldes Meneses**
> Cientista político da UFPB

## Militares negam ter havido um golpe

**"Não tiram o sono as manifestações de protesto dos gananciosos, mascarados de frases patrióticas, mas que, na realidade, traduzem suas esperanças e seus propósitos de restabelecer a impunidade para suas atividades antissociais." - João Goulart, comício da Central do Brasil, Rio de Janeiro, 13 de março de 1964.**

Apesar de terem deposto um presidente eleito democraticamente, os militares negam que houve um golpe. O termo adotado nos quartéis até hoje é "Revolução de 1964", ou como alguns costumam mencionar, o 'contragolpe' pelo bem da nação. A reportagem de **A União** tentou entrar em contato com oficiais do Exército Brasileiro, mas tanto a Comunicação do 1º Grupamento de Engenharia quanto do Comando Militar do Nordeste informaram que ninguém falaria sobre o assunto e que nenhuma entrevista seria concedida.

Sobre o uso do termo "revolução" na negação do golpe, a professora Lúcia Guerra, que em sua formação é historiadora, considera uma falha. "Essa terminologia 'revolução' está muito desgastada porque pela concepção da história, para ser uma revolução ela precisaria efetivamente mudar um sistema. A base de um sistema é a estrutura de dominação e de classes. Essa estrutura foi mantida e até reforçada. O que realmente se revolucionou foi podar o regime democrático, mas eles (os militares) não assumem. O domínio do capitalismo foi aprofundado. Houve apoio das elites e dos empresários ao golpe", argumenta.

O coordenador do Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos da UFPB, Giuseppe Tosi, considera preocupante que vários segmentos da sociedade, após a experiência histórica, se posicionem na extrema direita. "Essa seria uma das heranças da ditadura, por isso a importância da memória. Temos que fazer todo um trabalho de memória educativa, de reparação, de lembrança, para que a história não se repita, que esse seja um fato histórico, uma página virada. Essa direita autoritária existe. É perigosa. Precisamos reformar as instituições fazendo um trabalho de reparação da memória e de educação para que possamos finalmente sair dessa herança maldita".

## Liberdade de imprensa

**"Democracia para esses democratas não é o regime da liberdade de reunião para o povo: o que eles querem é uma democracia de povo emudecido, amordaçado nos seus anseios e sufocado nas suas reivindicações. A democracia que eles desejam impingir-nos é a democracia antipovo, do antissindicato, da antirreforma, ou seja, aquela que melhor atende aos interesses dos grupos a que eles servem ou representam." - João Goulart, comício da Central do Brasil, Rio de Janeiro, 13 de março de 1964.**

O golpe foi particularmente violento contra a imprensa. A mordaça reinou por longos anos no Brasil. Tudo o que seria veiculado no dia seguinte pelos jornais impressos precisava passar pelo crivo da censura. O registro documental durante todo o período do regime militar foi comprometido. Repórteres fotográficos tinham seus filmes tomados e suas

Simão Almeida, com o "manto sagrado" que passou a defender desde a militância política, em Campina Grande: "A Igreja Católica entrou nessa arapuca"

## Liberdade de expressão

> **Tinha 13 anos, em 1964. Morava em Princesa. Não tínhamos TV, jornal não chegava e as notícias a que tínhamos acesso vinham de um rádio velho, de válvulas. O golpe de 64 passou em brancas nuvens em Princesa. Somente mais tarde, em 68, foi que tivemos alguma notícia da repressão, depois da chegada a Princesa do guerrilheiro Paulo Mariano, fugido da polícia. Lembro que os deputados Aloysio Pereira e Antonio Nominando Diniz convenceram os locais de que Castelo Branco, Garrastazu Médici e Costa e Silva eram verdadeiros heróis nacionais.**
>
> **Sebastião Lucena**
> Jornalista

> **Em 64 iniciei o curso de Didática, na FAFI, então um efervescente espaço de debate, responsável pela formação de uma consciência ideológica. Como a maior parte dos meus colegas, participei dos movimentos estudantis e, no interior, das ações das Ligas Camponesas. Na noite de 31 de março de 64, fui com Antonio Augusto para o comício em defesa das reformas e apoio ao presidente João Goulart. Em Cruz das Armas. Mas ao chegarmos, o caminhão-palanque havia sido levado pelo Exército e nossos companheiros presos.**
>
> **Marlene Almeida**
> Artista plástica

**“Quando a esquerda começa a contar dinheiro, converte-se em direita”**
**Carlito Maia, publicitário e fundador do PT**

**O economista paraibano Martinho Campos em seu escritório, em João Pessoa: “Continuo de esquerda. Até o fim da vida”**

# Tortura e humilhação

## A história de um guerrilheiro preso no DOI-CODI

***Cardoso Filho***
*josecardosofilho@gmail.com*

O dia 31 de março marca os 50 anos do golpe militar no Brasil. A Paraíba não ficou de fora das torturas e muitas vítimas da ditadura militar estão vivas para contar os momentos de humilhação, solidão e o afastamento prematuro de suas famílias que passaram meses e até anos sem notícias.

O economista Martinho Campos, que já assumiu importantes cargos públicos na Paraíba, foi uma das vítimas do regime militar. Ele conta que no dia 2 de novembro de 1964 estava no município de Jaboatão dos Guararapes quando foi preso pela primeira vez. A operação repressiva, revelou, foi desenvolvida pelo Dops de Pernambuco, chefiado à época pelo conhecido Álvaro da Costa Lima.

Os policiais se esmeraram no chamado “pau louco”, utilizaram-se de socos, pontapés e rasteiras, de forma indiscriminada, para a prática das torturas. Em seguida, lembrou emocionado, foi levado para a 2ª Cia de Guardas, unidade do IV Exército, em Recife. Lá, foi entregue com outros companheiros à custódia militar, com o IPM chefiado pelo major Dynalmo Domingos e pelo capitão Bismarck Baracuhy. “As torturas aconteceram com ênfase nas pressões psicológicas, colocado numa cela solitária, um cubículo imundo, cheio de percevejos, tendo a cabeça raspada e submetido a ameaças de toda a sorte”, disse.

O sofrimento do economista, aposentado do Sebrae-PB, não parou por aí, como outros paraibanos sofreram nos denominados “anos de chumbo, sob o governo do General Garrastazu Médici. Em 14 de abril de 1972, no período mais violento da repressão ditatorial, foi preso no ambiente de trabalho, na fábrica da General Motors, em São Caetano do Sul-SP e levado para o DOI-CODI de São Paulo. Novamente passou por torturas como “telefones” (tapas com as mãos em concha nos dois ouvidos), “corredor polonês” (o preso deve passar por entre policiais postados em fila, recebendo socos e pontapés); “cadeira do dragão” (cadeira com assento metálico, na qual o preso fica com os braços e pernas imobilizados por fortes presilhas de couro); “pau de arara” (o preso é amarrado pelos pés e mãos e suspenso em uma barra de ferro); choques elétricos por todo o corpo, particularmente nos testículos e ânus; afogamento, além de ameaças e outras torturas psicológicas. Devendo-se notar que nesse estágio o aparelho repressor ditatorial já havia se refinado em sua prática hedionda. As prisões de Martinho aconteceram pelos mesmos motivos que levaram à prisão, à morte e ao desaparecimento todos aqueles que lutavam contra o regime militar.

Condenado a dois anos e meio de prisão, depois de ter passado pelo DOI-CODI, Dops de São Paulo, Presídio Tirandentes e finalmente Carandiru, conseguiu sair da prisão em 1975, ao conseguir que o STM (Superior Tribunal Militar) revogasse a pena de Pernambuco e lhe concedendo liberdade condicional com referência à pena de São Paulo.

De volta à Paraíba em 1976, após prestar novo vestibular voltou à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), retomando o curso de Ciências Econômicas. Participou do movimento pela Anistia. Tornou-se economista, sendo o primeiro presidente do sindicado da categoria em 1986, chegando a assumir a presidência da Federação Nacional dos Economistas, em 1988. Especializei-me como consultor de micro e pequenas empresas, ao ser contratado pela NAI-PB, Núcleo de Apoio Industrial da Paraíba depois CEAG-PB, Centro de Apoio Gerencial da Paraíba e, por fim SEBRAE-PB, Serviço de Apoio as Micro e Pequenas Empresas da Paraíba, onde permaneceu até 2007, quando se aposentou.

“Eu era militante do Partido Operário Revolucionário Trotskista”, revela Campos, e continuo de esquerda, querendo um país justo e igualitário, o que farei até o fim dos meus dias”.

Junto com mais 12 companheiros, esteve preso em Fernando de Noronha, de dezembro de 1964 a maio de 1965. Na ilha, contou que um pequeno grupo de oficiais do Exército levou-os a sofrer um ensaio de fuzilamento simulado, pois nos tratavam como ‘trerroristas’, “No restante do tempo não houve quaisquer maus tratos”.

**O dia do golpe**

Na noite de 31 de março, Martinho Campos conta que estava na Associação Paraibana de Imprensa (API), juntamente com vários companheiros de esquerda de outros partidos acompanhando pelo rádio a movimentação golpista iniciada em Minas Gerais. “Esperávamos a resistência, particularmente vinda do Rio Grande do Sul e dos esquemas de apoio militar que se dizia pronto para defender o governo nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro”.

> **Preso, Martinho Campos sofreu violenta tortura física e psicológica. Passou pelo pau-de-arara e pela cadeira do dragão**

**Quase preso na API**

“Quase fui preso na API. Escapei por que minutos antes de chegarem os grupos militares e de policiais civis que naquela noite já iniciaram as prisões. Fui atender à convocação do meu partido para uma reunião a fim de avaliar a situação e tomar deliberações pertinentes”, revelou.

No dia seguite, dia 1º de abril, logo cedo, saiu com Bento da Gama, militante do PCB, numa caminhonete de sua propriedade para tentar alguma arregimentação de massas em condições de resistir ao golpe. Vimos que isso era impossível. Tratava-se, então, de fugir das garras da repressão. E assim procedi, fugindo para a cidade de Recife, onde pouco tempo depois começou o período de torturas e humilhações.

O economista lembra de muitas pessoas conhecidas presas no golpe de 64. Muitos já estão mortos, como Bento da Gama, Luiz Hugo Guimarães, o jornalista Jório Machado, e o poeta Figueiredo Agra. Outros foram assassinados como Pedro Fazendeiro e Nego Fuba. Outros continuam vivos e lutadores, vindo à lembrança os nomes de alguns deles, como o companheiro Francisco de Assis Lemos, Antonio Augusto de Almeida, Antonio Augusto Arroxelas, meu irmão Antonio Carlos Leal de Campos, José Arnaldo Tavares, Marceleuse Melquíades, Almério Melquíades de Araújo e minha companheira, Maria do Socorro Cunha Campos. Mas muitos outros foram vitimados pela repressão no estouro do golpe.

**Assis Lemos**

Paraibano da cidade de Areia, foi outra vítima da ditadura militar. O ex-deputado estadual Francisco de Assis Lemos de Souza também contou os momentos de torturas, as perseguições sofridas por ter integrado o grupo que formou as Ligas Camponesas, em Sapé.

Torturas no pau-de-arara, espancamentos e o que ele considera a pior situação sofrida, quando teve introduzido no ânus um jornal em chamas. “Isso aconteceu após ser preso na minha cidade e quando era transferido para o quartel do 15º Regimento de Infantaria (hoje, 15º Batalhão de Infantaria Motorizado) pararam o carro no meio de um matagal e me penduraram em um pau-de-arara, espancado”, revelou.

Assis Lemos conta que por conta de sua militância, perdeu o mandado de deputado estadual, tendo os seus direitos políticos cassados. Pior ainda, perdeu o cargo de professor de Agronomia,. Preso, sofreu vários tipos de torturas, abusos e privações no cárcere. Ele contou que foi preso no momento que tentava fugir da casa de Osmar de Aquino, então um dos líderes do movimento estudantil de Recife. “Ainda tentei fugir, mais ao tentar pular, uma arma foi posta em minhas costas e eu fui rendido”, lembra.

**O DOI-CODI**

O Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) não tinha ramificação na Paraíba. No entanto, os presos políticos eram torturados em quartéis do Exército e muitos deles foram transferidos para outros Estados, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo, que tinham representação daquele destacamento. O Regime Militar durou de 1º de abril de 1964 até 15 de março de 1985.

## Liberdade de expressão

**O golpe de 1964 não teve só aspectos negativos. Havia um clamor de grande parte da população que, diante de vários fatos, temia a introdução do comunisno no Brasil. O golpe de 64 foi saudado por muitos com alívio tanto que não houve derramamento de sangue. Os militares que comandavam o golpe não eram mal intencionados e até julgavam estar prestando um bom serviço à pátria. O erro foi eles terem assumido o poder, passando por cima do Legislativo e do Executivo e terem agido, desde o começo, desrespeitando os Direitos Humanos. Esse desrespeito culminou com a edição do AI-5 que foi o mais flagrante atentado à pessoa humana porque, por esse Ato, se podia prender e torturar para obter confissões. E isso foi feito, infelizmente. A ditadura foi uma página triste de nossa história. Mas é preciso reconhecer que muitos dos que a planejaram e executaram julgavam estar realizando um bom serviço à pátria. Não lemos no Evangelho a advertência de Cristo a seus discípulos?: “Virá a hora em que todo aquele que vos matar julgará estar prestando culto a Deus” (Jo. 16,2)**

**Dom José Maria Pires**
Arcebispo emérito da Paraíba

...

# O dia em que Lacerda viria à Paraíba

**Carlos Alberto Azevedo**

Era 3 de março de 1964, dia em que o então governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda, vinha à Paraíba para fazer uma palestra na Faculdade de Direito, em João Pessoa. Mas por motivos óbvios não desembarcou na Capital.

Nesse mesmo dia, ocupamos a Faculdade de Direito. Éramos 26, entre eles, havia apenas uma mulher: Zita – onde andará Zita? Em Cuba? A palavra de ordem era impedir a entrada de Lacerda naquela Faculdade. Custasse o que custasse o "Corvo" (o apelido de Carlos Lacerda) não deveria proferir a palestra.

Para isso, desde cedo, fizemos coquetéis de molotov (a "receita" estava no Manual do Guerrilheiro, uma publicação cubana).

Coreia e eu fomos até o Mercado Central comprar centenas de ovos. Estávamos nos preparando para "recepcionar" o "Corvo", responsável pela matança de mendigos no estado da Guanabara.

Mas as coisas tomaram outro rumo. Fomos cercados por lacerdistas fanáticos sob o comando de um deputado (representando os fascistas do grupo da várzea, todos lacerdistas). Uma multidão agressiva nos ameaçava: "Morte aos Comunistas! Viva Carlos Lacerda!"

Um fato que poucos sabem: pedimos a "Dentinho" que fosse imediatamente à Fábrica de Cimento Portland (Ilha do Bispo), para mobilizar os operários que, certamente, lutariam a nosso favor. "Dentinho" (PCB) saiu sorrateiramente por uma janela lateral da Faculdade, que dava para o Beco do Mijo.

Ficamos a ver navios: nem "Dentinho", nem os operários chegaram para nos acudir. Lá ficamos, sozinhos, contando com a valiosa liderança de José Tarcísio Fernandes (representante do Diretório Acadêmico de Direito) que nos orientava como proceder politicamente correto, sem apelar para a violência. Tarcísio teve um papel importantíssimo nessa invasão que, hoje, faz 50 anos dos acontecimentos da Faculdade de Direito.

> **Nesse mesmo dia, ocupamos a Faculdade de Direito. Éramos 26. Havia apenas uma mulher: Zita - onde andará Zita? Em Cuba? A palavra de ordem era impedir a entrada de Lacerda naquela faculdade.**

À noite, o Exército foi chamado pelo governador Pedro Gondim. Ele solicitou o apoio do coronel Eduardo D'Ávilla Mello, comandante do 15º R.I. que, na ocasião, respondia também pelo comando da Guarnição Federal de João Pessoa, estava substituindo o general Augusto Matta.

Às 20 horas, chegaram três viaturas do Exército e fomos forçados a deixar o prédio. O coronel D'Ávilla e major Cordeiro estavam na Praça João Pessoa, assistiam de longe a toda operação bélica. Saímos pacificamente, com as mãos em cima da cabeça, escoltados pela soldadesca do coronel. Entramos um a um nos caminhões silenciosamente, cabisbaixos e humilhados pela pressão das metralhadoras nas nossas costas. Fomos levados para o QG da Polícia Militar do Estado, onde fomos fichados como subversivos. Note bem: como não havia escrivão na PM, o companheiro Wills Leal (jornalista e ativista cultural) foi quem datilografou os depoimentos.

Lá para tantas, perdi o controle emocional, esbravejava porque o meu irmão Fernando Antônio Farias de Azevedo (hoje, professor na Universidade Federal de São Carlos – SP) não deveria ser fichado. "Ele é de menor" eu gritava.

Às 3 horas da manhã, houve uma cena cômica, bastante cômica. Soldados do Exército traziam José Ferreira da Silva, o único que conseguiu fugir. Ficara escondido na caixa d'água da Faculdade. Parecia um pássaro molhado, jogado naquela imensa sala da PM.

No dia 5 de março de 1964 o jornal A União estampou em suas páginas nossos retratos. Fomos tachados de subversivos e maconheiros. Além das nossas fotos, havia a fotografia de "Cigarros" de maconha e de 6 coquetéis de molotov. A bem da verdade: os "cigarros" de maconha eram da Cadeira de Medicina Legal, ministrada pelo professor Oscar de Castro. Foram postos lá apenas para nos incriminar: maconheiros. Tenho certeza de que o major Cordeiro modificou a "cena do crime"...

O episódio da Faculdade de Direito ainda não foi devidamente estudado. A Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória da Paraíba deveria realizar mais uma audiência pública para ouvir outros participantes dessa invasão.

*** Antropólogo e membro efetivo do IHGP. Foi anistiado em 2006.**

...

# Sessenta e quatro em Campina

**Evaldo Gonçalves**

Vi-me envolvido, sem querer, em dois episódios por força da implantação do regime de exceção implantado em 1964, neste país. Era professor da Fundação Universidade Regional do Nordeste, em 1968, mantida pelo Município de Campina Grande e dirigida pelo Reitor Edvaldo do Ó.Fui fundador e primeiro Diretor da sua Escola de Administração.

Antes do AI-5, em 1968, Campina Grande tinha sofrido o trauma de duas cassações: as dos prefeitos Newton Rique e Ronaldo Cunha Lima, ambos eleitos diretamente pelo povo. Tais atos foram atribuídos a revanchismo político-partidário desencadeado por influência de Draul Ernani, de Patos, porém, na época, radicado no Rio de Janeiro, onde, em sua Casa da Pedra, na Gávea, acolhia militares do novo regime.

As cassações políticas ocorridas em Campina Grande teriam sido sugeridas pelo esquema político comandado pelo ex-Prefeito Severino Cabral, ligado à Casa da Pedra por laços familiares, partindo-se do pressuposto de que este fizera, na Prefeitura daquela cidade, os sucessores beneficiados por aquelas duas cassações, o que deu origem a um odioso processo de intervenção militar naquele município.

Atribuía-se ao Quarto-Exército a responsabilidade por essa ação intervencionista e pela indicação dos respectivos Interventores de Campina Grande, suscetibilizado, segundo versões, por não ter sido consultado quando das cassações de Newton Rique e Ronaldo Cunha Lima. Por conta dessas divergências, instaurou-se ali um clima de revanchismo dos mais arbitrários, sendo responsável por aposentadorias e demissões em massa de professores universitários, sobretudo, os que ensinavam na FURN, cuja Universidade sofreu injusta intervenção, com a demissão do Reitor Edvaldo do Ó, ligado ao esquema político de Severino Cabral, e de todos quantos a ele mostrassem solidários.

**PRIMEIRO EPISÓDIO**

Então, o primeiro episódio: chamado ao Quartel do Exército em Campina Grande, após a intervenção da FURN, antes mesmo de qualquer indagação, entreguei por escrito minha dupla renúncia: à Diretoria da Escola da Administração e ao Conselho Universitário. Tal gesto valeu a minha inscrição como revanchista da Revolução de 1964, o que me impediu de assumir o cargo de Secretário da Administração da Prefeitura de Campina Grande, convidado pelo então governador João Agripino, que, igualmente, sem combinar com o Quarto Exército, como era do seu feitio, conseguira nomear o General Paz de Lima para interventor daquela cidade.

> **Perguntou-me Ernani Sátyro: 'o senhor é comunista ou corrupto? Só nessas duas hipóteses o senhor não será meu secretário. Do contrário, meu convite está de pé, independentemente de sua ficha no 4º Exército'**

Então fui nomeado por João Agripino para Diretor da Cagepa, em Campina Grande, quando da construção da 2ª Adutora de Boqueirão, estando, ainda hoje, tão importante obra servindo àquela cidade. O seu sucessor, Ernani Sátyro, em 1971, escolhido Govenador da Paraíba, convidou-me para ser seu Secretário da Administração, a quem dei ciência do ¨revanchismo¨ a mim atribuído, e dos vetos que havia sofrido.

**2º EPISÓDIO**

Perguntou-me, Ernani Sátyro, na ocasião, o seguinte: o senhor é comunista ou corrupto? Só nessas duas hipóteses o senhor não será meu Secretário. Do contrário, o convite estará de pé, independentemente de sua ficha no 4º Exército. Esclareci: no Centro Estudantal Campinense, antepondo-me aos socialistas da época, fui tido como integralista por admiração intelectual a Plínio Salgado. No Colégio Pio XI, enquanto Juarez Farias distribuía o jornal Voz Operária, eu entregava exemplares do jornal Novas Ideias. Quanto à corrupção, para ser sincero, Governador, não administrei, como Professor Universitário, Promotor Público e Diretor Administrativo da Cagepa, nenhum recurso público, considerando-me, pois, isento dessa pecha.

Então, o senhor é meu Secretário da Administração e será o primeiro nome a ser anunciado. Dito e feito. Fui nomeado, tomei posse e fui investido no cargo, o que não evitou expedientes do SNI, solicitando a minha demissão. Dava conhecimento de tudo ao Governador Ernani Sátyro, e ele mandava que os guardasse. Quando da minha remoção para a sua Casa Civil, então, os expedientes se tornaram mais frequentes. Um dia o Governador me ordenou: vamos quarta-feira próxima a Recife, quando da Reunião da SUDENE. Ao que ponderei, lembrando que quem o acompanhava era o Secretário do Planejamento. Disse, preciso dos dois.

Fomos, e lá, depois da reunião dos governadores, ele me chamou e disse: agora, vamos passar no IV Exército. Preciso falar com o General Comandante. Em lá chegando, e sem constar da agenda para ser recebido, disse para o coronel que nos atendeu: diga ao General que o Governador da Paraíba está aqui, e quer lhe falar. Ao entrarmos, ele me apresentou ao Comandante, e disse: tenho recebido inúmeros ofícios do SNI me solicitando a demissão do meu Chefe da Casa Civil, e desejo que você me autorize ir lá ver a ficha dele. General, se ele não for comunista e corrupto, ele vai continuar meu auxiliar.

O Comandante ainda apelou para o argumento de que os documentos solicitados eram sigilosos e, ele, Ernani Sátyro, como líder civil da Revolução de 64, sabia dessa norma. O Governador, não esperou, e replicou: para mim, não. Além de Governador do meu Estado, sou Ministro do Tribunal Militar, e se você não autorizar que os veja, eu conseguirei examiná-los em Brasília, junto ao Ministro da Guerra.

Fomos ao SNI e lá o Coronel Chefe de então entregou ao Governador Ernani Sátyro o processo a meu respeito, e, depois de amplo relatório, estava escrito em letras garrafais: É UM REVANCHISTA! O Governador Ernani Sátyro, do alto de sua autoridade, disse-lhe: não fiz a Revolução de 64 para outros fins, a não ser o combate ao comunismo e à corrupção. Não me mande mais ofício para mim. Deixe-me trabalhar pela Paraíba!

*** Advogado, professor universitário aposentado e ex-deputado federal**

...

# A Operação Brother Sam

**Otávio Sitônio Pinto**

"Além de Cuba, os Estados Unidos amargavam uma derrota contínua no Vietnam – onde morreram quatro generais e 50 mil americanos

Os golpes de 1964/68 tiveram origem na vocação golpista das forças armadas brasileiras, que desfecharam mais de 20 golpes ao longo da História do Brasil. Foi assim na proclamação da Independência e da República, em Canudos, na quartelada do Forte de Copacabana, no Golpe de 1930, na Intentona de 1935, no golpe nazi-fascista de 1938 e outros episódios.

O golpismo das forças armadas brasileiras cresceu com a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, gerando o golpe de 1945 (deposição de Getúlio Vargas), a conspiração de 1953 (morte de Getúlio Vargas), as intentonas de Jacareacanga e Aragarças (1955, contra Juscelino Kubitschek), a conspiração nas exéquias do general Canrobert, em novembro de 1955, e o Golpe de 1964. Em 1968 houve a recidiva desse golpe, tornando a ditadura mais medonha ainda.

A Revolução Cubana e a Guerra do Vietnam tiveram muita importância na urdidura do golpe de 64, pois os Estados Unidos não queriam a repetição dessas experiências.

Dentre os antecedentes do Golpe de 1964, pesa a Intentona Comunista de 1935. Esse movimento deixou marcas nas forças armadas, pois o complô teve lugar nas fileiras do Exército. Depois da Intentona, o Exército passou a ter cuidado no recrutamento, assim como na seleção de candidatos a graduados, e passou a policiar o panorama político nacional, patrulhando possíveis levantes populares.

A participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, por imposição do presidente Franklin Delano Roosevelt, deu vez à aproximação das forças armadas brasileiras e norte-americanas. Daí adveio a deposição de Getúlio Vargas: os Estados Unidosnão podiam tolerar a continuidade do ditador Vargas – um simpatizante das ditaduras nazifascistas.

A vitória da Revolução Cubana muito incomodava o governo dos Estados Unidos – que se sentia impotente em combater o regime socialista do Caribe, tendo em vista a formação do exército popular de Cuba, inspirado na proposta de Benjamim Franklin para a composição do exército norte-americano após a Guerra Independência. Franklin queria a permanência do exército popular que vencera os ingleses, sob a alegação de que "o exército é o partido mais forte de qualquer país".

Foi esse o modelo aplicado em Cuba na formação de seu exército, o maior exército do mundo (sete milhões e meio de reservistas armados, metade da população da ilha), maior que o exército chinês, de dois milhões e meio de soldados. O exército popular cubano, formado por todos os homens e mulheres capazes (e não só por seus rapazes), dissuade os Estados Unidos de invadir a ilha.

Além de Cuba, os Estados Unidos amargavam uma derrota contínua no Vietnam – numa guerra em que morreram quatro generais e 50 mil subalternos norte-americanos, fora os que foram morrer em casa. O presidente John Kennedy entendia que o Nordeste Brasileiro (leia-se Nordeste Açucareiro) era a região mais explosiva da Terra, depois do Vietnam.

Daí a ordem de Kennedy para a conspiração do Golpe Militar de 64, no contexto que impôs quinze ditaduras militares na América Latina: Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile, Guatemala, Peru, Nicarágua, Bolívia, Equador, Haiti, Venezuela, Suriname e República Dominicana. Ditaduras fomentadas pelos Estados Unidos, até o governo Jimmy Carter iniciar a redemocratização da América.

Os militares brasileiros, que derribaram a ditadura de Getúlio Vargas por determinação de Tio Sam, não iriam criar outra ditadura sem a permissão do alto comando norte-americano – que despachou para as costas brasileiras a frota do Caribe, com dois porta-aviões e vários outros navios de guerra para dar apoio às forças golpistas. Era a "Operação Brother Sam".

Ciente da presença dos ianques nas águas brasileiras, prontos para uma intervenção militar, o presidente João Goulart não reagiu ao golpe, indo embora para o Uruguai, evitando assim um derramamento de sangue no Brasil. E o golpe triunfou, dando origem a três décadas de tortura e terror na família brasileira, família que o golpe dizia defender com Deus pela liberdade.

*** Jornalista, escritor e colunista de *A União***

"Como são parecidos os radicais da esquerda e da direita. Um canalha é exatamente igual a outro canalha"
Nelson Rodrigues

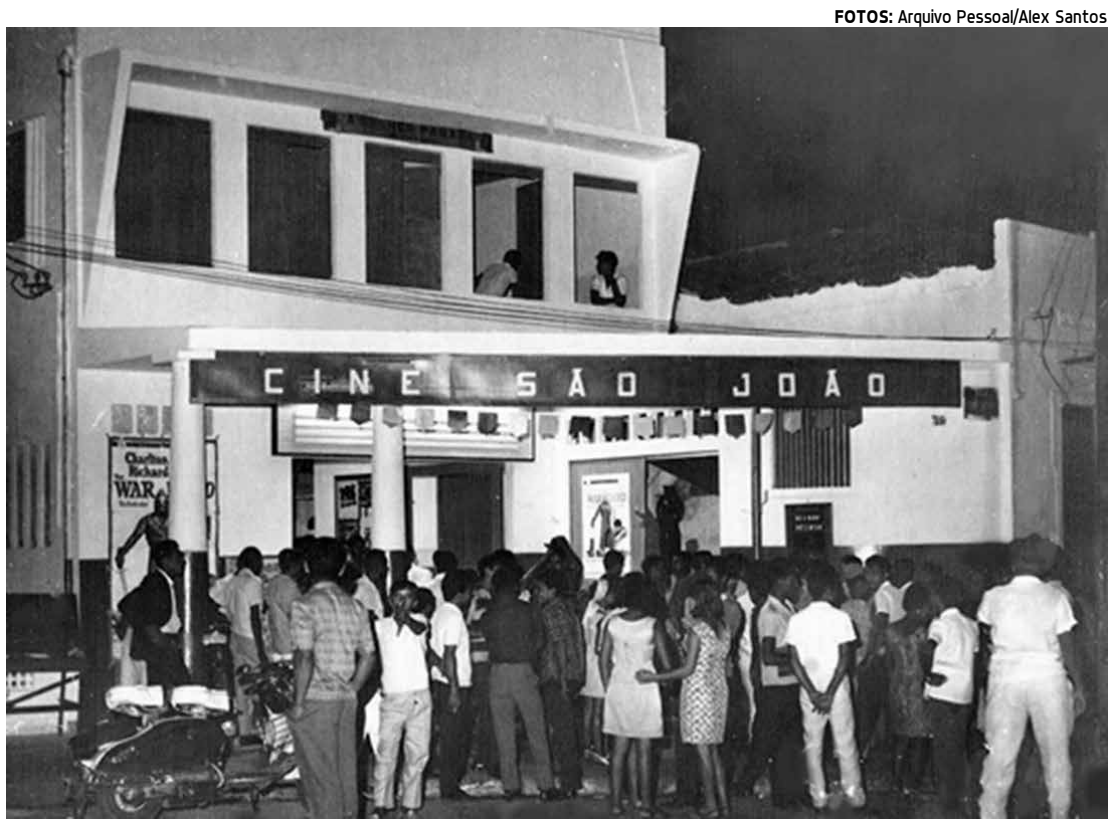


# Um relato meramente pessoal

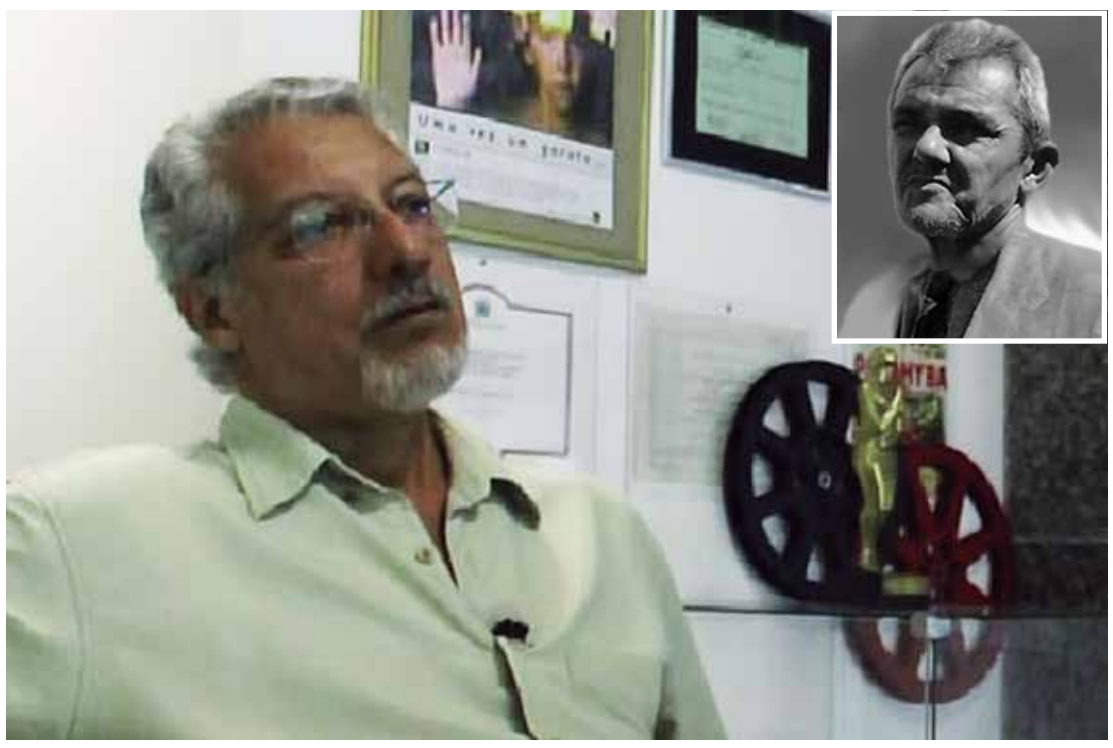
## Minha experiência nos "Anos de Chumbo" na PB

**Alex Santos**
alexjpb@yahoo.com.br

FOTOS: Arquivo Pessoal/Alex Santos




Cine São João, Santa Rita, foi sede do cineclube, nos anos 60



Alex e o pai, Severino: "Discreto simpatizante da esquerda"

A tordoado completamente, o país acordara naquela quarta-feira, primeiro de abril de 64, pelo que se entendia "regime de força". O povo brasileiro estava agora na chamada alça de mira dos militares. Eles haviam tomado o Poder da República, deflagrando então o início dos "anos de chumbo". Foi um tempo para ser jamais esquecido...

Um dia antes, meu pai conseguira entrar pela manhã na cidade de Recife, como fazia semanalmente, para acertos de programação com as distribuidoras de filmes aos seus cinemas. Mas, o Estado de Sítio, que logo se implantou, o impedira de sair. A partir da tarde daquele 31 de março, ninguém entrava, ninguém saía. Só com referências e indicações foi possível se passar pelos bloqueios militares das estradas. Mesmo assim, ônibus e carros que conseguiam atravessar as inúmeras barricadas eram minuciosamente revistados na entrada de Olinda, Pernambuco, pelos comandos do Exército.–Uma verdadeira operação de guerra! Ao filho Alex, contara Severino Alexandre dos Santos, antigo exibidor na cidade de Santa Rita.

"Seu" Severino do cinema, como era conhecido na localidade, jamais se sentia entusiasmado com as questões partidárias. Mesmo nas vezes que fora contatado por políticos locais, em suas campanhas municipais para prefeito ou vereador. De qualquer modo se mostrava, como se pode dizer, "um discreto simpatizante das esquerdas".

Entrementes, apreensivos, eu e meu pai ouvíamos pela Rádio Tabajara, em um daqueles dias o dramático pronunciamento do então governador Pedro Gondim: "Não posso e não devo, neste instante de tanta inquietação nacional, deixar de definir minha posição, na qualidade de governador dos paraibanos..." Fala essa assessorada pelo genro do governador, o deputado campinense Vital do Rêgo, tornando ainda mais crítica a situação local. Desde o dia anterior, sabia-se da existência de forte contingente armado de mil e quinhentos homens prontos pra o que desse e viesse, aquartelados em Tibiri, onde ficava a comunidade operária da Cia. de Tecidos Paraibana, em Santa Rita, na fazenda do sogro do deputado Joacil de Brito, pessoa ligada ao então governador paraibano.

A cidadania houve de amargar momentos terríveis, durante o golpe de 64. As restrições não apenas se limitavam à sociedade política de então, mas sobretudo à cultura e à diversão. Essas passam a ser perseguidas de forma implacável. A censura se instalara no país, cerceando todas as liberdades e os fazeres criativos da população. O novo regime caiu como uma bomba em cima do cinema. Durante anos caminhou-se pelas regras militares impostas. A Censura Prévia foi a tônica prevalente para tudo que se referia às artes. Tempos difíceis não somente para o jovem filho de exibidor cinematográfico, estudante, sobretudo idealista, mas, para toda a juventude de um universo de indagações de sua época.

Pouco menos de uma semana antes do golpe, rumores entre a juventude intelectual santarritense davam conta da apresentação de uma peça teatral no Auditório do Liceu Paraibano, em João Pessoa, numa ação polêmica do recém-criado Departamento Cultural da UFPB. "Os fuzis da Senhora Carrar", de Bertold Brecht, de forte conteúdo político-ideológico, fora encenada na ocasião, sob intenso alarido, sendo por isso mesmo comentada e debatida por nós logo depois, durante uma reunião do domingo seguinte no GRESC – Grêmio de Estudos Socioculturais de Santa Rita. Entidade formada por estudantes da qual eu fazia parte, também como articulista de uma coluna de cinema, no jornalzinho "Os Sinos de Santa Rita".

Um seleto grupo era formado por mim, pelos amigos Miguel e Rui, pelo meu primo Carlito e a namorada dele, Helena, além de mais cinco ou seis entusiastas, como a historiadora Marta Falcão, à época todos estudantes e que participavam semanalmente das reuniões da associação, às escondidas. Primeiro, os encontros eram realizados no âmbito da Casa Paroquial, não mais sob orientação do padre Rafael de Barros Moreira, mas de dois padres estrangeiros vindos da Bélgica, Paulo Koele e Maurício. Ali, traçavam-se os perfis da situação repressiva ora vivida por todos. Depois, esses encontros passaram a acontecer na Associação Vicentina de Santa Rita, na Rua Ivo Borges, perto do nosso cinema e da casa em que eu morava.

A apreensão era de todos, mesmo assim aguçava nossa curiosidade pelo que poderia acontecer dali por diante. Mais ainda, pelos acontecimentos que já começávamos a testemunhar muito proximamente, como os aglomerados dos camponeses no pátio da Prefeitura Municipal de Santa Rita, com enxadas e foices proclamando uma revolução agrária.

Uma noite, após concluir nossa sessão de cinema, atendendo ao pedido do sindicalista Antônio Dantas, de Mari, de passagem pela cidade, prontifiquei-me à preparação de faixas, que seriam exibidas por manifestantes das Ligas Camponesas no dia seguinte, para homenagear os "julianistas" da região. Quando concluía as faixas com um dos amigos, no primeiro andar de uma loja de tecidos, frente ao Mercado Central, fomos surpreendidos pela polícia. Não soubemos por quem"dedurados", tivemos que baixar a porta de ferro que dava acesso aos degraus do corredor para o andar de cima. Ficamos presos por uma noite inteira, sob vigilância da milícia postada no meio da rua. Somente de madrugada foi possível sair às pressas do local, depois da desistência dos policiais civis e militares.

***Alex Santos é professor da UFPB, vice-presidente da Academia Paraibana de Cinema e colunista de *A União***

### Censura confisca filme de Glauber

Pausada as atividades do GRESC, por orientação da própria Igreja, veio a criação do Cineclube Hitchcock.Essa foi uma maneira velada de se igualmente protestar culturalmente através do cinema. Inclusive com a participação do meu então professor de Geografia, no curso Ginasial José Cornélio da Silva, servidor da Great Western, à época perseguido pela ditadura militar.

As reuniões do cineclube funcionavam às sextas-feiras na parte de trás do Cine São João – que exibia os nossos filmes –, numa sala de primeiro andar, que eu criara. Constituía uma maneira de se discutir artes naqueles tempos de chumbo, mesmo sob desconfiança do meu pai.

Filmes de temática não provocativa ao regime, de conotação não política, como "Morangos Silvestres", do cineasta sueco Ingmar Bergman, ou mesmo do francês Godard, tinham prioridade e podiam ser exibidos sem nenhum problema, apenas sob o registro prévio na Polícia Federal. A partir de então, todos os filmes programados para os cinemas da cidade e de todo o país tinham que passar pelo crivo da censura, para que os federais dissessem se podiam ou não ser mostrados ao público.

De certa forma, tentando burlar o sistema nós do cineclube resolvemos exibir, às escondidas, o filme de Glauber Rocha "Deus e o Diabo na Terra do Sol". Nada de exposição de cartazes e fotografias do filme na sala do cinema.

Era uma manhã ensolarada de domingo. Estávamos todos eufóricos e já acomodados na sala de projeção do cine São João. Nem bem havia iniciado a sessão, quando entram de repente dois policiais federais de mandado em punho, como autênticos nazistas fardados e de dedo em riste foram gritando:

– Parem a sessão!

**De Patos ao Uruguai**

O então presidente João Goulart embarca para o exílio, no Uruguai, em 1964. A Paraíba está representada na foto histórica: à esquerda, está Napoleão Barbosa de Carvalho, segurança particular de "Jango", nascido em Patos, no Sertão.

### Liberdade de Expressão

**Na época, eu já tinha atividade política no movimento secundarista, em Campina Grande. Por coincidência, meu primeiro dia de aula na Escola Politécnica de Campina Grande, no Curso de Engenharia, foi no dia 30 de março de 1964, numa segunda-feira. O golpe militar foi da terça, 31 de março, para a quarta-feira, 1º de abril.**
**Eu já vinha acompanhando os acontecimentos e quando houve o comício da sexta-feira, 13, me recordo bem, estava conversando na Praça da Bandeira, em Campina Grande, com um amigo que nunca mais vi, Silvio, funcionário dos Correios, e ele me dizia que o golpe viria, porque a direita estava por baixo.**
**Quer dizer, eu já estava esperando. Então da terça para a quarta teve o golpe; na quinta-feira, 2 de abril, teve assembleia dos estudantes, que declararam greve e eu, fera chegando, inventei de fazer um pronunciamento na referida assembleia. No dia seguinte estava sendo chamado no Quartel do Exército para uma entrevista com o major Viana, que depois se tornou o famoso coronel Viana. Eu tinha completado 20 anos de idade, em janeiro de 64. Na ocasião, mesmo bastante jovem, não tive medo de nada.**

**Simão Almeida**
Secretário de Organização do PC do B